

Onde a Terra Acaba:

Colectânea de Contos Portugueses



Apoios:



Onde a Terra Acaba: Colectânea de Contos Portugueses
¶ From the Edge: Portuguese Short Stories

Uma co-edição

ULICES ¶ CEAUL

101 Noites

Design da capa: Filipe Abranches com alusão ao cartaz de Inês Mateus para o *9th International Conference on the Short Story in English*

Paginação: António Silva

Revisão Portuguesa: 101 Noites

Tradução: Diana Almeida, John Elliott e Patrícia Odber de Baubeta

Revisão Inglesa: Eduarda Melo Cabrita, Isabel Mealha, Luísa Falcão e Margarida Vale de Gato

Coordenação Editorial: Sandra Silva

Comissão Organizadora do *9th International Conference on the Short Story in English*: Alexandra Assis Rosa, Diana Almeida, Eduarda Melo Cabrita, Isabel Mealha, Luísa Falcão, Luísa Maria Flora, Margarida Vale de Gato, Rita Queiroz de Barros, Rute Beirante, Teresa Cid e Teresa Ferreira de Almeida Alves

Impressão e acabamento: Guide Artes Gráficas

ISBN 972-8494-54-8

Depósito legal

© Alexandre Andrade, Catarina Fonseca, Diana Almeida, Gonçalo M. Tavares, Hélia Correia, Jacinto Lucas Pires, João Aguiar, João de Mancelos, Jorge Vaz de Carvalho, Luísa Costa Gomes, Onésimo Teotónio Almeida, Rui Zink, Rute Beirante, Teolinda Gersão, Urbano Tavares Rodrigues

ULICES ¶ CEAUL: University of Lisbon Centre for English Studies ¶ Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa
Universidade de Lisboa – Faculdade de Letras

Alameda da Universidade

1600-214 Lisboa

Tel. 217920000

centro.anglisticos@fl.ul.pt

www.fl.ul.pt/centros_invst/centro_angl/index.htm

101 Noites: Criação de Produtos Culturais, Lda.

Largo de Santo Antonino, 3º

1200-406 Lisboa

Tel. 21 343 22 52

101noites@mail.telepac.pt

info@101noites.com

www.101noites.com

ÍNDICE

PREFÁCIO	5
ALEXANDRE ANDRADE Alguns quartos de hotel em Itália	7
CATARINA FONSECA O albatroz	16
DIANA ALMEIDA Tinha chegado o circo	30
GONÇALO M. TAVARES O bairro	36
HÉLIA CORREIA Sul	48
JACINTO LUCAS PIRES L	55
JOÃO AGUIAR O princípio da compaixão	65
JOÃO DE MANCELOS A história que eu não devia contar	75
JORGE VAZ DE CARVALHO Efélides	84
LUÍSA COSTA GOMES A cama de pregos	88
ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA Em casa, com o cinto de segurança apertado	104
RUI ZINK Amanhã chegam as águas	118
RUTE BEIRANTE Claramente	131
TEOLINDA GERSÃO O leitor	139
URBANO TAVARES RODRIGUES A torre de luz	149
BIOGRAFIAS	154

PREFÁCIO

O conto como género literário tem neste momento um lugar reconhecido entre nós a par de uma visibilidade crescente, em sintonia com o que acontece noutras literaturas. A sua brevidade, por um lado, presta-se a uma leitura ajustada à celeridade da vida quotidiana e, por outro, permite e convida a que a ele se regresse sempre com resultados enriquecedores.

A presente colectânea reúne um conjunto de textos de escritores portugueses que acederam a participar no *9th International Conference on the Short Story in English* e, desse modo, a dar um toque português a este encontro de autores vindos maioritariamente de países de língua inglesa.

O convívio intelectual alargado entre escritores consagrados e estreantes, críticos e leitores interessados na arte do conto, que distingue os congressos promovidos pela Society for the Study of the Short Story, inspirou a Organização do Congresso de Lisboa a publicar, em volume bilingue, um conjunto de contos bem ilustrativo da variedade que esta forma narrativa tem vindo a assumir nas Letras portuguesas. Vários dos autores aqui presentes têm já obra traduzida para inglês. Os textos deste volume foram, no entanto, expressamente traduzidos para a presente publicação.

Para além da nossa gratidão para com os autores, que nunca é demais sublinhar, importa reconhecer o empenho e o excelente trabalho de tradutores e revisores que, num curtíssimo prazo, corresponderam às nossas solicitações. Cabe ainda uma referência especial de agradecimento ao apoio que, desde a primeira hora, nos concedeu o Instituto Camões quando nos dirigimos a esta Instituição e apresentámos o nosso projecto. Inscrevendo-se ele num âmbito que transcede fronteiras nacionais, tornou-se claro para a Dr^a. Simonetta

Luz Afonso que o referido projecto tinha o mérito de, perante a escolha de Lisboa para a reunião internacional da Society for the Study of the Short Story, proporcionar o diálogo entre participantes de tão variadas nacionalidades. A sugestão de o Instituto Camões disponibilizar *online* os contos que integram esta colectânea pareceu-nos uma forma eficaz de difusão e estímulo à leitura. Também a FCT (Fundação para a Ciência e a Tecnologia) merece uma palavra de reconhecimento pelo seu papel no apoio financeiro indispensável proporcionado a este tipo de iniciativas.

Esperamos com este volume oferecer bons momentos de leitura. Esperamos ainda contribuir para diálogos criativos que nunca se esgotem e mantenham vivo o espírito da Society for the Study of the Short Story.

Teresa F. A. Alves e Teresa Cid

ALGUNS QUARTOS DE HOTEL EM ITÁLIA

Alexandre Andrade

Estas são as minhas mãos. Dobro os dedos, num gesto de quem se comove. Memórias, ou as pétalas de rosa que lhes servem de leito, afastam-nas de outras mãos, aquelas que te pertencem. O ruído de passos na carpete do corredor foi mínimo, subtil, e o seu teor em angústia foi inaudito. A maçaneta da minha porta não roda sem esforço. A vista da minha janela honra a nulidade fluvial de Milão, como se a ausência de um rio possuísse ao mesmo tempo virilidade e bonomia mundana. Porquê assim, sem uma explicação, de maneira tão brusca? Porquê sem um grito, teu ou (breve e abafado) meu? Faz-se tarde para ir esperar Agatão à estação. Ele vem acompanhado por uma amiga com quem simpatizo moderadamente. Conheço dois caminhos para ir da Stazione Centrale até ao Duomo, um descendo a Via Pisani, o outro seguindo pela Via Vitruvio e cortando à direita no Corso Buenos Aires. As ruas encontravam-se bloqueadas pelo exército de Napoleão que fazia a sua entrada na cidade, gravuras representando uma ingénua caricatura de pendor anti-austriaco vendiam-se aos milhares, e todo o povo confraternizava com aqueles soldados com menos de vinte e cinco anos, comandados por um general que não teria mais de vinte e sete. Bailes improvisados passaram a encher as noites milanesas.

Cruzei-me com um homem que mastigava e cuspiu tempo. As minhas mãos têm mansas margens. Do hotel Villa Flori, de Como, respondeu-me uma voz de contralto, com ademanos de soprano. *Vorrei una camera singola con bagno. Con o senza bagno? Ho detto con bagno. Quando arriva lei? Domani, se ci sono i treni.* O Agatão queria

passar por Cantù no caminho. Gabou-nos a basílica do século x, e a atmosfera. Mas eu preocupava-me apenas em saber se os reflexos nocturnos do luar na superfície do lago propiciavam o esquecimento, para além do seu estatuto de cenário idílico para as escapadelas de Gina, condessa de Pietranera, que assim vive uma segunda juventude. Perguntei ao rapaz que lavava os carros dos hóspedes se dali se conseguia avistar Cernobbio, ou mesmo o monte Bisbino, mas ele limitou-se a desviar o olhar sem dizer nada, e trouxe-me um guarda-chuva, pois ameaçava chover. Na terra enlameada junto à margem vieram imprimir-se as pegadas de Fabrice Del Dongo, que esperava (sem o saber) um sinal para se juntar ao Imperador, nas planícies desoladas de Waterloo. Um fragmento de pé humano. Trata-se de uma batalha que determina o decurso do século xix.

Porque não visitamos Nápoles, sugere a amiga de Agatão, à mesa do pequeno-almoço. Eu respondo com um encolher de ombros. Mais tarde, o sol rompe. É durante a nossa excursão de um dia a Lecco que lhes anuncio que um acontecimento capital exige novamente a nossa presença em Milão. Trata-se da grande ou da pequena história, desta vez, pergunta Agatão. Lecco orgulha-se de um mercado bissemanal, na Piazza xx Settembre, que se realiza sem interrupções desde 1149. É também a cidade onde Manzoni passou a sua infância. O que te atrai em Milão, quis saber Agatão. Passeávamos pelo bairro de Brera, admiravelmente servido pela manhã húmida e muito fria. Recordações de infância e de juventude. A atmosfera. Metade de uma sala do museu Poldi Pezzoli. Os laços mais importantes são os laços humanos. Um amigo meu, milanês de gema, frequentou o teatro Scala até ser capaz de se orientar nos seus corredores com os olhos vendados, e isto apesar de o espectáculo operático nada lhe dizer. Não esperava

senão a ocasião para lançar o rumor de que, num certo camarote, se podiam saber notícias recentes de França e da Revolução. O rumor podia ou não ter sido julgado merecedor de crédito, mas foi precisamente o que sucedeu. Foi ao visitar este camarote que Gina foi apresentada ao conde Mosca, ministro da guerra do príncipe de Parma. Gina esperava um pedante, mas em vez disso viu-se perante um homem cheio de espírito, e que falava com a maior das desenvolturas do seu cargo e do seu soberano. Com as mãos ocupadas por sacos de plástico da livraria Feltrinelli, entrámos no vestíbulo, a cuja vastidão o lúgubre fim de tarde acrescentava uma finitude melancólica.

Foi com grande apreensão minha que...

(esta cidade mesquinha, espécie de Gomorra em pantufas)

... decidimos mudar de hotel, por causa do ruído do ar condicionado. Na recepção perguntei ainda se alguma mensagem chegara para mim, proveniente ou não de alguém com o lábio inferior proeminente, e uma edição económica de Ungaretti espreitando para fora do bolso do casaco.

Può mostrarmi sulla carta...?

Dopo l'incrocio...

Giri a destra / a sinistra...

Sempre diritto...

Quanto costa il biglietto per...

Vorrei una andata e ritorno per...

Prima / seconda classe.

La prima colazione è compresa?

Vado via prossima domenica.

Sono arrivato lunedì scorso.

Foram ver, e disseram que não. Mas no coração/nenhuma cruz falta.

Na estação central de Milão, indicaram-nos a plataforma de onde partia o comboio para Parma. Na estação central de Parma, indicaram-nos o caminho para o balcão de informações turísticas. No balcão de informações turísticas, marcaram-nos quartos no hotel Astoria, de três estrelas. No hotel Astoria, forneceram-nos abundante literatura sobre monumentos e locais de atracção turística. Nas traseiras do Palazzo della Pilota, construído durante a dinastia dos Farnese, que durou de 1545 a 1731, um cavalheiro bem vestido, calçando sapatos de pele verdadeira, com ar cansado e compleição de halterofilista, interveio mesmo a tempo de impedir que um carteirista abusasse da ingenuidade de um homem de negócios japônês. Seguiram-se explicações confusas e agradecimentos copiosos. Enquanto o Agatão tirava fotografias tipo passe num Photomaton, a amiga dele contou-me que estava a escrever um romance, que, se bem que ainda numa fase incipiente, possuía já estrutura e alguns episódios. Tudo se passa na Itália dos anos 50, ou talvez dos anos 60. A personagem principal é um engenheiro, ainda jovem, que, depois de um estágio numa pequena cidade do Piemonte, é enviado para Siena, ou talvez Perugia, onde chega a um dia de semana, ao fim da tarde. Veste o melhor fato e gravata, como se esperasse encontrar alguém de importante a acolhê-lo. Nunca descera tão a sul da península itálica. Não conhece ninguém. Dirige-se à cantina da fábrica. A sala encontra-se quase deserta, e ele pergunta se já é tarde para comer. “*Spaghetti* arranja--se sempre... E talvez se encontre ainda alguma carne guisada.” Ele senta-se, e serve-se de água, embora não sinta

sede. Um dos empregados da cantina aproxima-se e mete conversa. Os dias passam. Ele deixou a mulher em Turim, e escreve-lhe regularmente. A sua escrita é miúda e lenta. “Parma é sinistra, como se a história, em vez de se ficar pelas pontes e pelas fachadas, se amontoasse nas valetas. A minha cama range como um animal em agonia, e a colcha é áspera. Parto amanhã.” Agatão bem tentou dissuadi-la, mas a decisão estava tomada. O aperto de mão que eu e ela trocámos poderia ter sido um pouco menos seco. O quarto deixado livre por ela era contíguo ao meu. À falta de rangidos dilacerantes, foram as recriminações de Mosca a Fabrice que não me deixaram dormir, na noite seguinte. De regresso da sua amada Grianta, Fabrice tinha-se exposto a um risco inútil, indo ao ponto de roubar um cavalo. “Estamos rodeados de acontecimentos trágicos.” Gina, em lágrimas, suplicou a Mosca que não fosse mais longe. Faltou apenas a bolsa, com vinte escudos a menos, que Fabrice trazia. Essa bolsa fora-me confiada pelo homem dos sapatos de pele. Nos seus olhos aparecera uma centelha de cumplicidade. Perdi a bolsa num mercado ao ar livre. Dirigi-me ao Ufficio di Oggetti Smarriti, mas estava fechado por falta de pessoal. Queixei-me do ruído na recepção do hotel. O recepcionista encolheu os ombros, muito devagar, em sinal de impotência, e sorriu. Achei aquele sorriso extraordinariamente belo.

Entretanto, em Bologna, Fabrice envolvera-se com a actriz Faustina. Longe de Parma, dos seus inimigos poderosos, mas longe também da tutela daqueles que lhe queriam bem, Fabrice sentia-se mais livre para dar largas à sua impetuosidade, que apenas em parte se poderia imputar à juventude. A breve e intensa paixão pela jovem actriz foi acompanhada por bilhetes provocadores dirigidos ao seu amante, o conde M***, e por uma mais do que imprudente surtida a Parma.

Onde estás tu? Penso em ti noite e dia, mas sobretudo de noite.

À mesa do pequeno-almoço (paupérrimo), Agatão mostrou-me o itinerário que escolhera para aquele dia. Agradou-me por fazer coincidir o longo passeio pelo Parco Ducale com a hora de maior luminosidade. Agatão comia com apetite e dava mostras de bom humor. O deplorável episódio da véspera parecia ultrapassado, e regozijei-me por isso. Momentos havia, porém, em que aquela boa disposição soava decididamente a falso. Eu estava atento a cada subtil inflexão de voz, a cada escolha de palavra. *Asparagi, carciofi, fagiolini, lenticchie, melanzana, piselli, sedano, spinaci. Minuto, ora, giorno, settimana, mese, anno. Carta di credito, assegno.*

E este, inverosímil e distante, continua a ser o meu corpo. Como descrevê-lo? Pensa em tristes arremedos de querer e latitude, dotados de moto próprio, imagina muitos destes largados numa praça pública, e admite que um deles é o meu. A sua temporalidade dá-lhe um único direito, o de esperar por algo sob um pórtico sombrio. Sangue, postura e unhas partilham inimigos; a fronte é branca como neve recente; a pele que cobre o esterno parece mais delgada do que é na verdade. A fadiga não conta, quando se visita uma cidade tão rica em património arquitectónico. Visitámos igrejas e palácios, torres e pátios, praças e parques. Estados de espírito confundiam-se com paredes, onde humidades alastravam em círculos magníficos; os meus dedos não chegavam para aquilo que gotejava. Agatão comparou desfavoravelmente a Parma de hoje à Parma de há quatro anos, data da sua última estadia. Assegurou-me que se notavam diferenças, ao nível do cosmopolitismo, do tráfego automóvel, da paisagem urbana, e até na delicadeza do homem da rua. O dono de uma barraca de apostas mútuas pusera-o ao corrente (a ele, Agatão,

estranho e estrangeiro) do desespero de Gina por causa da detenção de Fabrice. Tudo por culpa de um grosseiro erro de cálculo de Mosca. Nenhum súbdito do duque ignorava o afecto que Gina dedicava ao sobrinho. Perante o cepticismo de Agatão, o homem tinha-lhe dito para procurar no cesto do lixo da geladaria, do outro lado do Piazzale Santa Croce. Agatão encontrou um rascunho de carta amarfanhado: “...Numa palavra, caro conde, acreditai que sereis sempre o meu amigo mais caro, mas jamais outra coisa. Não alimenteis, peço-vos, qualquer ideia de regresso, tudo está deveras acabado. Contai sempre com a minha amizade.” Agatão levou o rascunho para o quarto, e chegara a ficar inquieto com a possibilidade de a *cameriera* (que não lhe merecia confiança) o descobrir entre os seus papéis. Fiz ver a Agatão...

(a íris e os músculos da maxila são aliados, quando a dignidade é o que está em causa, e seja ou não o cenário a região da Emilia Romagna)

...que alguma coisa de positivo haveria a assinalar na arquitectura dos edifícios mais modernos, como por exemplo aqueles varandins estreitos mas com espaço para uma pessoa que se queira fazer ouvir do outro lado da rua cantando uma ária de ópera.

Ou mesmo comunicar através de um alfabeto especial, concebido por Clélia, a filha do governador da cidadela, escrito nas páginas de um breviário, com tinta improvisada à base de carvão e vinho.

Ou por meio de sinais luminosos.

Eu gastava uma pequena fortuna em cartões de telefone. A posta restante de Parma era-me agora familiar. Todos me tratavam com lhaneza e cordialidade. As toalhas limpas que apareciam todos os dias em cima da minha cama cheiravam bem, a sândalo e a alfazema. E contudo, contudo, não era possível que a população ignorasse

aquilo que se preparava. A evasão de Fabrice e o assassinato do duque tinham sido planeados com minúcia e paixão, com a ajuda preciosa de Ferrante Palla, um poeta proscrito que adorava Gina. Passaram-se vários anos, muitos anos. Por fim, chegou o ano de 2003. Agatão declarou estar farto de Parma, e acompanhou este seu desabafo com uma mão-cheia de cascalho que arremessou ao leito do rio. O seu gesto continha mais resignação do que raiva. Fomos convidados para um baile de máscaras. Agatão é um homem cuja aparência sofisticada e mundana não chega a esconder um interior corroído pelo mal do século. Concordei que chegara o momento de partir. O antigo e familiar tema do lugar geográfico que cristaliza uma aversão, moldando a sua paisagem ao sabor de um modesto quinhão de miséria humana, instalava-se com tranquilidade e maneiras de soberano. Quem não confia em mim não formaria um coro, nem uma centúria rubra de jactância, não passaria de um solista no seu pedestal descolorido pela intempérie; e foi por isso que me bastou entrar numa loja, comprar selos e envelopes, recolher alguma da confiança que tombava em pétalas pelas ruas, e enviar tudo para o endereço que para sempre saberei de cor. Partimos no próprio dia do casamento de Clélia. Por sorte, no hotel aceitaram guardar as nossas pesadas mochilas durante algumas horas. A cerimónia foi sumptuosa, condicente com o prestígio de que gozava o general Conti. Fabrice passara oito dias no silêncio mais absoluto, e mesmo o seu criado e aqueles que lhe estavam mais próximos tinham sido instruídos no sentido de não lhe dirigirem a palavra. Clélia estava dividida entre o afecto imenso e eterno que a unia a Fabrice e noções confusas mas robustas de pecado e dever. A presença de Fabrice na cerimónia encheu Clélia de um júbilo quase impossível de disfarçar.

Esse júbilo pediu dois versos de Petrarca, que Clélia repetiu para si mesma. Com a ajuda do leque aberto, murmurou o seu reconhecimento a Fabrice, e deixou-lhe um voto de amizade eterna. Despedi-me de Agatão na gare. Ele mencionara Nápoles, com medíocre convicção, mas eu convencera-o sem esforço de que Nápoles não era mais do que um algures por excelência, os bastidores das principais linhas narrativas, o mudo contrapeso às eloquentes intrigas palacianas do ducado de Parma. Lágrima no olho esquerdo de Agatão. O meu comboio partiu com um atraso de duas horas. Correntes de ar frias faziam voar folhas de jornal. O cansaço das noites mal dormidas derrotou o meu corpo. A minha saliva adquiriu um gosto ácido. Um músico de rua falhou uma nota. O tempo disse não. O filho de Clélia e Fabrice morreu prematuramente. Gina cumpriu a sua promessa de nunca mais voltar a Parma. No seu palácio de Vignano, na margem esquerda do Pó, recebia a fina flor da sociedade. O conde estava imensamente rico. O novo duque era amado pelos seus súbditos. To the happy few.

Janeiro, 2003

in *As Não-Metamorfoses*, Lisboa: Errata, 2004

O ALBATROZ

Catarina Fonseca

A minha avó tornou-se rainha do crime muito antes de eu nascer, muito antes de nascer a minha mãe, e só reencontrou o caminho do Bem muito mais tarde. Mas isso é outra história.

Trouxe este álbum de fotografias porque olhando para ele é mais fácil recordar o que aconteceu. Logo na primeira página podem ver a minha avó. Nesse tempo, a moda era diferente. A minha avó também era diferente. Para já, estava viva. Observem bem. Essa aí, a loirinha sentada ao colo do pai embora tivesse já catorze anos, com um laço gigante na cabeça e um pássaro ainda mais gigante no ombro. Ninguém se lembra do pássaro, deve ser uma ave fantasma, porque no estúdio só lá estava ela, de branco, e o pai, de preto, o pássaro só apareceu quando as fotografias foram reveladas.

O grande culpado pela dita carreira no crime foi Alfredo Ezequiel, de cognome “o Albatroz”. Alfredo morreu crivadinho de balas durante um assalto a um banco onde o resto do gangue apareceu como habitualmente mascarado de animais polares, com Alfredo ataviado de albatroz.

Tinha passado a manhã ao espelho com a mulher devotadamente a esperar-lhe penas brancas-de-neve no toutiço como um chefe índio a preparar-se para a batalha. A mulher não parava de perguntar “Ó Alfredinho, mas estes desfiles não acabam nunca?”. O Alfredinho tinha-lhe explicado que faziam desfiles de caridade na escola de samba “Os Amigos do Alheio” em prol das crianças desfavorecidas, e a mulher dizia “Ai e a que horas é o desfile, ó Alfredinho, e posso ir eu também, vestidinha de Carmen Miranda, eu juro que

não incomodo, fico no passeio a ver-te desfilar, temos ali um ananás tão bom que nos trouxe a prima Juca da Madeira” e o Alfredo a meditar no que é que os outros membros do bando iam pensar se ele aparecesse no assalto de Carmen Miranda à trela com o ananás da prima Juca no toutiço.

Segundo parece, conseguiu sacudi-la com a explicação de que era um desfile restrito só para as crianças desfavorecidas, era assim uma sociedade secreta como os Maçons só que sem os aventais.

Alfredo, “o Albatroz,” atirou-se para a morte em voo planado da janela mais alta do banco. Tinha todos os polícias da esquadra no seu encaço, e a mulher no passeio com o ananás da prima Juca na cabeça à espera do desfile, e a Foca a correr atrás dele escada cima e a gritar-lhe Voa, Alfredo, Voa Alfredo, e o Alfredo trepou à janela, abriu as asas de albatroz que a mulher tinha cosido durante sete serões, e atirou-se em voo planado de boca aberta por onde o vento entrou e olhos abertos por onde a morte entrou, e se um polícia não a tivesse atirado ao chão teria esmagado a mulher que olhava para ele de queixo caído e o ananás às três pancadas, e se viu de repente no passeio com um garboso polícia por cima e um ananás desfeito por baixo.

A mulher do Alfredo levantou-se e disse: “Que pena, um ananás tão bom.” E nem uma palavra para o chui que lhe salvou a vida. O Alfredo também estava no passeio com um polícia em cima, mas sendo que estava ainda mais desfeito que o ananás já não conseguiu agradecer a ninguém. Pelo menos conseguiu dizer umas últimas palavras, coisa que o ananás não fez, ou se fez, ninguém o ouviu. As últimas palavras do Albatroz foram “Apanhem o Pinguim.”

Depois do Dia Fatídico em que o Alfredo percebeu que as asas não estavam tão bem feitas como ele pensava, a Alfreda (chame-

mos-lhe assim, para não lhe encardir o nome) foi à esquadra prestar depoimento sobre o marido e jurar que sempre pensara que ele era membro de uma sociedade secreta tipo a Maçonaria mas sem os aventais e dados a desfiles de caridade onde iam todos vestidinhos de animais dos gelos.

“Ai se visse o fatinho de morsa que lhe fiz”, disse a Alfreda, de quê, disse o polícia, de morsa, disse a Alfreda, a pensar que todos os chuis tinham a desagradável mania de obrigar as pessoas a repetir tudo, e de repente viu que todos os polícias olhavam uns para os outros e depois para um retrato que estava no lugar de honra onde toda a família da Alfreda tinha a avó Perpétua e onde os polícias deviam ter o chefe dos polícias mas não tinham, tinham um, bem, pinguim, tinham um pinguim pendurado na parede, e agora estavam todos a olhar para ele como se o Pinguim tivesse dito qualquer coisa.

Quem é o chui que tem um pinguim na parede, pensou a Alfreda, na parede só se pode ter fofo gato bebé, fofo cão bebé, ou cabra loira de mamas à mostra, mas se calhar o gajo foi de lua de mel ao Pólo Sul, se calhar a mulher dele é esquimó, se calhar transforma-se em foca depois da meia-noite e faz habilidades com bolas, e de repente o polícia que lhe tinha caído em cima e a impedira de morrer assassinada pelo próprio marido disse – A senhora dá-me a honra de jantar comigo logo à noite?

A Alfreda não conseguia deixar de olhar para o Pinguim até acabar por descobrir que era de facto um homem disfarçado de pinguim, com uns olhos de esquimó por trás do disfarce, e um anel com um P no dedo médio da mão esquerda, onde devia ter a aliança, e por baixo a legenda “Pinguim – Poderoso Malfeitor”. De repente ela percebeu que o sub-chefe lhe fizera um convite e desviou

as atenções do Perigoso Malfeitor para o sub-chefe que lhe pareceu muito menos esquelético, muito menos amarelinho, muito menos sub e muito mais chefe.

Nessa noite foram jantar os dois, o sub-chefe porque desde que se deitara sobre Alfreda (no estrito cumprimento do dever, é certo, mas deitara tout-de-même) nunca mais fora a mesma pessoa, a Alfreda porque já não ia jantar fora desde que o Alfredo chegara certa vez com muito dinheiro e a levara ao Ritz lá do sítio.

Sentaram-se à mesa e o sub-chefe desatou a fazer-lhe perguntas sobre os fatinhos do Defunto Alfredo, em parte porque estava mesmo interessado e em parte para não olhar demasiado para o decote dela, e ela sem perceber muito bem aquele interesse nas farpe-las do Defunto Alfredo, e de repente ele diz para o chefe de mesa, “Pierre, a senhora vai querer a sopa de espargos”, e o Pierre muito hirto no seu fatinho preto de criado inclina-se e diz *oui monsieur* e estende a mão para recolher a ementa e de repente a Alfreda dá com o P, o anel do P no dedo da mão onde devia ter a aliança, P de Pierre e P de Pinguim, e vai subindo os olhos pelo fatinho escorregadio de tão preto, sabendo o que é que vai encontrar por cima da boca em linha recta, vai encontrar os olhos de esquimó como os da fotografia cravados nos dela.

A Alfreda escusou-se com uma indigestão repentina, levantou-se e foi a correr na direcção das casas de banho só que em vez de entrar nas casas de banho entrou a correr nas cozinhas monstruosas onde o Pinguim se debruçava sobre duzentas caldeiras vomitando chamas e vapor como se tivessem os dois morrido e tivessem ido parar ao inferno.

O Pinguim dá com a Alfreda especada no outro lado do inferno e descobre que afinal Deus existe porque sempre perguntara a

si próprio o que é que tinha o xonas do Alfredo para merecer um mulherão daqueles e só não tinha enfiado o xonas do Alfredo para dentro da fritadeira de batatas porque o xonas do Alfredo era extremamente bom a abrir bancos e rodar chaves e foi uma grande e estúpida perda a forma como se atirou em voo planado, mas se calhar fora a mão de Deus pela voz da Foca que empurrara o xonas do Alfredo pela janela, de maneira a que ele, o Pinguim, pudesse ficar com o mulherão da mulher do xonas do Alfredo, a mulher que ele via rodar em todos os bailes de bombeiros a que ia todos os Domingos sem que o xonas do Alfredo o reconhecesse.

Pierre ia de luvas e lacinho aos bailes de bombeiros, ficava num canto a rodar o copo de morangueiro como o sangue do xonas do Alfredo e a pensar espetava-te a faquita aqui e aqui e aqui, e a pensar coisas ligeiramente piores sobre a mulher do Alfredo que rodava o vestido azul à frente dele como um nevoeiro daqueles dias que vão ser de sol. E aqui estava ela agora no mesmo vestido azul como se tivesse escapado do paraíso, como se tivesse dito aos anjos, desculpem lá mas isto não é para mim, já tive gajos com asas que bastassem lá em baixo.

E aqui está ela agora como se o tivesse reconhecido, ele não sabe como, afinal a Alfreda nunca o viu fora da máscara, não sabe que ele é o discreto Pierre que o chefe do Ritz trouxe da Antártica num navio de bacalhau a vomitar durante catorze dias e catorze noites.

O Pinguim largara a Antártica porque os bancos do norte já não tinham segredos para ele, que era filho de uma família de piratas todos cegos do olho esquerdo de tanto usarem o sextante apontado ao sol. Não aprendeu nada com os homens mas aprendeu tudo com as mulheres, todas as artes da pastelaria e dos beijos, das caldas e dos preliminares, dos estufados e dos durantes, dos molhos e dos finais

felizes. Não se sabe com quem aprendeu a arte das fechaduras, dos códigos, dos cofres, das chaves. Nem tudo se sabe nesta vida. Mas quando um chefe português ficou preso no gelo, o Pinguim decidiu que queria ver mais mundo que o polar, aceitou o convite e desaguou no Ritz, levando nos dedos a arte do açúcar e das fechaduras.

Assim que chegou, desatou a atacar as cozinhas e os bancos portugueses. De dia escaldava coelhos vivos que mergulhava na panela de água fervente sem um estremecimento da mão ou da alma, mandava para a sala pratos de cristal onde pulsava o coração de uma ostra apenas adormecida, fazia escorrer calda de groselha como o seu próprio sangue pela superfície polar de um cheesecake.

À noite angariava sócios para um gangue que depressa se tornou o gelo em torno das almas dos seus conterrâneos: cinco depravados, a Morsa, o Lobo do Ártico, a Foca, a Ursa e o Albatroz, que arrancara às garras do magistério, do mar, dos salões, da igreja, e da Alfreda.

Era um bocado estranho que ainda não tivessem sido apanhados sendo que eram quase todos íntimos do sub-inspector. A Morsa até era professora da filha dele, inclinava-se todas as manhãs sobre a penugem loira do pescoço da criança, e ao fim da tarde quando o pai da Alicinha se esquecia de a vir buscar, a Morsa telefonava ao Pinguim a pedir para atrasar o assalto desse mês. O Pinguim atirava uma galinha viva aos uivos para dentro do caldeirão e pensava que se não precisasse tanto daquela mulher a trocaria por outra, e entretanto na escola a Morsa cantava por trás dos vidros pintados com cenas de contos de fadas, a Cinderela nos braços do príncipe e a Bela nos braços do Monstro e o Capuchinho nos braços do lobo, e perguntava, O que é que queres ser quando fores grande, Alicinha, e a Alicinha respondia, Polícia como o papá para apanhar as pessoas

más, e a Morsa passava-lhe a mão pelo pescoço branco onde começava a gola do bibe e dizia, Apanhar as pessoas más é uma nobre profissão e útil à Humanidade.

O sub-chefe chegava a arfar e dizia – Desculpe lá, isto é uma vida de loucos – e pensava para dentro, Também não interessa, esta mulher não tem nada que fazer, coitada – e às vezes também pensava, Ela até podia ser bonita se não usasse umas lentes tão grossas e soltasse o cabelo e tivesse uma cara menos totó, e a Alicinha passava lentamente dos braços de um para os braços de outro, e nesse milésimo de segundo o sub-chefe pensava, que estranho, esta mulher cheira a rosas, e por momentos tinha uma vontade estranhíssima de saber mais sobre ela, de a levar a casa, e subir e ver que tipo de mobília tinha e se podia ficar lá de noite e descobrir se os seus lençóis cheiravam assim também a rosas ou se era do seu nariz com sinusite.

Mas a Alicinha passava de mãos e a Morsa saía dali a correr para casa do Pinguim, onde ficava até que a noite batia no fundo de pedra, e vestia o fato de animal polar e partiam para acordar o segurança de um banco a trezentos quilómetros dali.

Não havia muito a dizer sobre o Lobo a não ser que andava no mar, andava no mar, andava no mar. Andava no mar desde que nascera, vira a luz que saía das fendas submarinas, mergulhara para dentro dos salões adormecidos de navios afundados e comera à mesa com o que restava dos cacos do serviço de porcelana e com o que restava dos passageiros, ossos, fivelas, botões. Deitara fora das redes mini-sereias verdes e esgazeadas, adormecia entre o cruzeiro do Sul e Cassiopeia e sentia-se enjoado em terra a não ser quando dormia com alguma mulher que não a sua, que era do signo Capricórnio e desposara aos 13 anos porque falava pouco e tinha olhos do tamanho

de pires. Mas o facto é que não conseguia dormir com ela sem sentir que a estava a dessacralizar, e para se consolar dormia com as mais brutas aquisições da casa da Concha Vermelha, a Vitória, a Marlene, a Leandra, e a outra, como é que ela se chamava, a que metia sardinhas na coisa a achar que lhe agradava.

Foi aqui que ele deu um dia com o Pinguim. O Pinguim nunca dormia com nenhuma das meninas, ficava sentado na colcha de cetim a inquirir se alguma delas estava farta da Humanidade, mas parece que estavam apenas fartas dos homens e o Pinguim já estava a perder a esperança de recrutar alguém por lá quando ouviu o barulho que vinha do quarto do Lobo e pensou, ali está uma alma que só pode odiar a Humanidade e não apenas as mulheres.

A Foca era condessa, oferecia chá ao sub-chefe sempre que ele lá ia jogar bridge às quartas-feiras levando Alice que brincava lá em cima do quarto dos filhos da Foca. Um deles fazia desfalques na Suíça e o outro era um fantasma, tinha morrido há muito tempo, aos 11 anos, de tuberculose, nos braços da mãe entre véus azuis e uma foca branca de peluche. A partir desse momento a Foca decidira vingar-se da Humanidade mas só o Pinguim descobrira esse inexplorado potencial para a destruição bíblica.

Sentadinho placidamente no lago ao pôr-do-sol, ficava a vê-la apanhar uma perca com as suas próprias brancas mãos, ou permanecia recostado na sela do cavalo enquanto ela galopava que nem uma alma do inferno entre a chinfrineira dos cães e torcia com as mesmas brancas mãos o felpudo pescoço de uma raposa espirrando sangue para cima do seu ainda mais vermelho cabelo enquanto a matilha uivava de prazer e regressava por momentos à sua condição de lobos, (a matilha), e de loba, (ela).

O lugar de lobo já está ocupado, pensou o Pinguim, mas podes ser a Foca, e ao regressar a casa da Foca observou por instantes a loira filha do sub-chefe adormecida na maior poltrona, uma coisa de veludo branco onde a criança se afundava como se morta na tundra. Era a Foca quem acordava Alice, e lhe retirava a foca de peluche das mãos e a devolvia ao pai deixando uma gota de sangue de raposa como uma lágrima no rosto da criança.

Úrsula tinha 35 anos quando se tornou a Ursa, e quando o Pinguim chegou à cidade acabara de perder a virgindade com Bernhardt, o seu professor de alemão. Além da virgindade, a Ursa também perdeu o anel de safiras que usava desde que a avó a quisesse recompensar por ser a guardiã da pureza da família. Perdeu-o porque achou um bocado imoral estar a usá-lo no momento em que deixava de ser a guardiã do que quer que fosse, e portanto tirou-o e deixou-o no bolso do casaco, que tinha um buraco no forro por onde a safira deslizou silenciosamente até se perder nas pedras da calçada enquanto Úrsula caminhava caminhava caminhava sobre pedras prateadas como peixes.

A família ficou mais preocupada com a perda do anel do que com a perda da virgindade, até porque o anel estava na família há mais tempo do que a virgindade de Úrsula. A Ursa bem se estafou a rezar a Santo António, que é o Santo das coisas perdidas, mas não conseguiu nada, provavelmente porque estava tão desesperada que enfiou pela primeira capela que lhe apareceu e só no fim da reza reparou que não estava na igreja de Santo António, ou pelo menos o santo estava um bocado mudado: agora usava uma longa cabeleira loira e uma túnica dourada e uns olhos chispantes de vidro azul e uns ainda mais chispantes trovões de papel prateado na mão e por

momentos passou pela cabeça da Ursa que o Santo António tivesse caído também ele nas garras da Imoralidade.

Perguntou ao padre, que santo é aquele, e o padre disse Santa Bárbara e ela disse ai meu Deus, como é que uma santa com uns trovões de cartolina alguma vez me vai ajudar a encontrar o meu anel, e foi nessa altura que perdeu também a fé, mas tendo já perdido tanta coisa, nem lhe sentiu a falta.

Nessa noite trovejou como se a santa quisesse destruir o mundo e a Ursa ficou deitada na sua cama do tamanho de um berço, a chorar e a pensar que no dia seguinte iria à igreja de Santo António pôr uma vela do tamanho do alemão para ver se o Santo lhe perdoava.

No dia seguinte levantou-se e nem reparou que a chuva lhe largara o anel na varanda, onde as safiras luziam como uma nave espacial, se é que sabem o que quero dizer. Se não sabem também não faz mal porque a Ursa nunca deu por isso e o anel ficou lá três dias luzindo furiosamente, piscando, chamando gritando o nome da Ursa em língua de anel e de extraterrestre, gritou e chamou três dias e depois foi levado pelo vento, que era regido por outro santo qualquer a que a Ursa nunca se lembrou de ir rezar.

A Ursa encontrou o Pinguim numa festa da igreja e não me perguntem o que é que ele lhe disse que eu também não sei, só sei que um dia depois ela estava ataviada de grande ursa ao lado do Lobo Ártico e da Foca, pronta para a luta.

Moral da história da Ursa: nunca percam um anel, se puderem. Nunca percam a virgindade, se puderem. Nunca falem com estranhos, se puderem.

Não me perguntem que artes assaltatórias tão especiais tinha aquele bando de inaptos, ressabiados, recalcados e taradões recrutados

pelo Pinguim. De comum tinham apenas um profundo desprezo pela vida – tirando o Albatroz, que não sei se já vos disse era alfaia-te. Cortava fatinhos por medida e cortava as costas do Pinguim no preciso momento em que se olharam e perceberam que havia ali qualquer coisa entre os dois que não vos sei explicar.

O Albatroz não tinha um profundo desprezo pela vida, mas tinha um profundo jeito de mãos, tal como a mulher, e além disso precisava de dinheiro e além disso estava um pouco farto daquela cena de cortar tecido preto sobre corpo de velhinho. Raramente lhe aparecera um corpo tão possante como o do Pinguim, de músculos desenhados a punhal por todos os cristais da Antártica e os olhos amarelos como os de um lobo olhando entre fendas de gelos da estepe. De repente o Alfredo teve muito medo, a tesoura derrapou-lhe das mãos e cravou-se mesmo junto ao pescoço do outro e o Alfredo pensou, estou feito, vou morrer, é o fim do meu negócio. Tombou de joelhos suplicando-lhe que lhe perdoasse e o outro disse-lhe – Precisamos de conversar.

Era o seu maior defeito, o maldito sentimentalismo, pensava o Pinguim. Agora, em frente às caldeiras e à Alfreda, o Pinguim não pensava que também ele estava preso do mesmo sentimentalismo do Albatroz, só pensava como é que havia de conseguir que a Alfreda entrasse na sua vida. Não podia arrecadá-la para membro do gangue, via-se logo que aqui estava uma alma que não podia estar mais longe de odiar a Humanidade. O Albatroz conseguira enganar-lhe esses anos todos mas o Pinguim não gostava de enganar as mulheres com quem dormia, se possível, achava que era o mínimo, já que não podia dar-lhes uma vida honesta. Quem assalta bancos não se pode dar ao luxo de ter uma mulher na sua vida, a não ser

que também ela assalte bancos. Portanto o Pinguim lançou mais um olhar à Alfreda e depois desapareceu entre as dezenas de homens-pinguins que enchiam as cozinhas do Ritz.

Quanto à Alfreda, ali em frente dos geisers das batatas fritas teve uma revelação e percebeu tudo, percebeu o que é que o Pinguim fazia quando não estava a decorar bolos de casamento nem a levar o consomê à mesa do canto, percebeu para onde é que ia o Alfredo vestidinho de Albatroz, percebeu que aquele era o homem da sua vida, de uma outra vida que não esta quando ambos voltassem a nascer esquimós. Também percebeu que nunca estivera tão perto do Inferno, por isso virou costas às fumarolas e aos geisers, regressou à mesa do sub-chefe, ficou caladinha o resto do jantar sem abrir a boca sobre o Pinguim, e no dia seguinte apanhou o primeiro voo para a Madeira para casa da prima Juca e nunca mais ninguém a viu.

– Enlouqueceste, disse a Morsa ao Pinguim. – Vai denunciarnos a todos, essa mulher, vai levar o sub-chefe a comer petit-fours e rodelinhas de ananás cristalizado na sua casinha e vai-lhe contar tudinho. Aliás, ele já deve vir a caminho com a tropa toda atrás.

O Pinguim não sabia como explicar que a Alfreda não ia denunciá-los, ele tinha a certeza absoluta de que a Alfreda não ia denunciá-los, mas permanecia uma necessidade: precisavam de um segundo Albatroz.

Bem, para não estarem aqui a assistir à reunião, façam um *fastforward* até à entronização do novo membro do gangue. Já passaram vários anos, primeiro porque um Albatroz não é assim tão fácil de encontrar, segundo porque a nova aquisição precisou de algum treino. De qualquer maneira, dizia o Pinguim, nunca vi ninguém com tanto talento.

Já tinha quase desistido de encontrar um segundo Albatroz quando certo dia bateu os olhos nela e teve uma revelação tão grande que ficou especado em pleno baile. Estava, como podem calcular pela palavra baile, num dos salões da Foca, e depois de ficar especado a olhar para a criatura que rodava no meio do salão vestida de branco, tão imaculadamente vestida de branco, tão de branco dos pés à cabeça, tão de branco-puro, branco-hóstia, branco-polar, que o Pinguim achou que era um sinal, mesmo não acreditando noutros sinais que não os de beleza e os de trânsito (e mesmo nesses, pouco).

Provou-se que tinha razão como sempre. O Pinguim nunca se esquecerá da primeira vez que a viu no alto de um palácio de vidro, no cimo do telhado, o cabelo loiro ao vento, o rosto virado para o céu de trovoadas, as asas de albatroz abertas erguidas contra o céu negro largando penas brancas como se nevasse.

Nunca roubaram tanto e com tanto gosto como nos anos em que Alice esteve com eles. Não pediu autorização ao pai, obviamente, não se pede autorização a um sub-chefe para entrar num gangue de malfeitores, mas explicou que uma vez por semana ia ajudar as amigas em obras de caridade, e o pai pensou preocupado que tinha de fazer qualquer coisa para impedir a pequena de dar em freira.

A filha que eu nunca tive, murmurava o Pinguim, tocando ao de leve a testa da criatura que estava no meio da sala a enfiar as mangas de albatroz como os criados da cozinha enfiavam as luvas de borracha antes de escamarem o peixe. Daqui a uns anos, pensou o Pinguim, daqui a uns anos largaria o Ritz, largaria a Morsa e a Foca e o Lobo e a Ursa nas dotadas mãos de Alice, largaria mesmo os seus milhões nas mãos de Alice, largaria a sua alma nas mãos de Alice, e apanharia um barco para acabar o resto dos seus dias entre

flores, rosas, cravos, antúrios, estrelícias, por onde algum dia, alguma noite, avistaria novamente o vestido azul de Alfreda e poderia então dizer-lhe, no céu, tudo o que o inferno o impedira.

Mas não ainda, pensou o Pinguim, não neste momento em que a Morsa corrigia os trabalhos de crianças malcriadas, e o Lobo recolhia uma rede cheia de sardinhas tão luarentas que pareciam de vidro, em que a Foca mudava dos braços de um general para os de um juiz e dizia que boa ideia que foi recuperar a moda da valsa, e a Ursa relia o *Cântico dos Cânticos* em alemão.

Ainda mais longe de todos, a fronteira com a floresta onde ressonavam as bruxas, Alice dormia de braços cruzados como um guerreiro vikingue, com uma pena de albatroz enredada no cabelo loiro e o sub-chefe ouvia Mozart muito baixo, para não acordar, levantando os olhos de vez em quando para a foto que acabavam de tirar os dois no fotógrafo, ele e Alice, ele e Alice e o pássaro gigante que era uma maldição ou um prenúncio ou ambas, ele não sabia, era uma sorte não acreditar em nada disso, ninguém nunca, pássaro ou humano, lhe tiraria a filha dos braços.

TINHA CHEGADO O CIRCO

Diana Almeida

“Tereza! Tereza!”

Tereza rebolou para fora do abraço das pernas e ferrou os dentes na mão que se esticava, depois deu um encontrão ao rapaz e desatou a correr, cuspidando pele. Estacou e arrancou dos pés as chinelas, para não tropeçar o corpo na vontade, moldada ao ângulo da fuga.

Seguiu em pânico alvoraçado até ao Carreiro da Bruxa, contornando a mina luzidia, e avistou a mãe ao fundo, contra a luz dura do sol, os braços fincados nas ancas, um pé à frente como escora. Saía-lhe a voz à força, cortando à volta o ar.

“Tereza! Não te disse catentasses no menino, caiu-me aqui frente à porta, tá farto de berrar por ti.”

Bem queria passar ao largo, mas a mulher não se mexia, postada a meio do caminho, recolhendo agora as mãos ao avental para as puxar acima mal a gaiata atravessou a soleira, despedindo um safanão certo que lhe trouxe ladainha miúda aos lábios secos.

A um canto, o Luís chorava, fungão.

“Meu menino!” E chegaram-lhe as lágrimas aos olhos, no sufoco do abalo e do regresso, a mão da mãe ardendo na orelha, repetida espora. Maldita, maldita cantou mais alto a voz da surpresa contra ela, contra si por assim quebrar vendo o castigo descer sem rancor, sabendo.

“Masuqué que tu andastes a fazer, rapariga? Trazes-me a saia toda amarrotada, vai já passar isso, não te veja o teu pai. E o menino rasgou-me os calções, tem dir cos castanhos!”

Tereza esgueirou-se pelo corredor, largando uma careta ao irmão. Maldita, respirou fundo pela boca, apoiada contra a mesa da cozi-

nha, e tirou a saia com cuidado, sem pisar a batinha. Botou o amor e suas guerras para fora da cabeça e sorriu: tinha chegado o circo.

Estava feia em Castendo e iam todos. Havia jaulas, carroças em roda, mais um cartaz com o nome: Grande Circo Irmãos Lopez, em letras faceiras por cima das nuvens, cá em baixo, o riscadinho da tenda abria uma porta e viam-se fileiras de cabeças alumiadas, ouvia-se a música que saía do papel.

A chamar à frente estava um palhaço, tão alto que chegava às bandeiras em debrum da tenda. Chamava de boca escancarada, vestido de farrapos, pareciam restos dos panos da costura, caídos aos pés da mãe. Levantava os braços, chamando todos, senhooras e cavalheiros, minhas meninas e meus meninos! Em vez de mãos tinha luvas brancas e a bocarra escancarada.

Deixou-se estar assim, a sentir a madeira gasta da mesa. O raio do palhaço que não lhe deixava a ideia, crescendo no escuro do quarto à noite, aos pinotes nos sonhos. Queria era ver leões, bailarinas nos cavalos, cobertas de escamas brilhantes... Sentindo os passos da mãe alisou a saia sobre o tampo polido, afastou as trempe e escolheu os carvões da lareira para o ferro.

“Olha-me pra ti aqui nesta figura, rapariga... so teu pai entra em casa e te vê assim nestes preparos!”

Tereza deixou o braço seguir os movimentos ensaiados, enquanto a mãe cobria os carvões de cinza, varria a pedra com giesta.

Ouviu-se então um estrondo, vidro partido, e o Luisinho voltou ao berreiro.

“Ai, que vida a minha! Tu leva-me o menino lá pra fora e vê se tomas conta dele, ouvistes?”

“Sim, senhora.”

“Tenho que fazer, avia-te. Mal empregadinha a jarra! Sai-me da frente, rapariga, tu sai-me da frente.”

Tereza pegou desajeitadamente no irmão ao colo e saiu. No terreiro estavam a Maria e o António, vinham lá ao fundo a Julieta e os primos.

“A pitinha põe o ovo e o menino... pápo todo!”, com o dedo mexendo nos papos da mãozita coceguenta, “A pitinha põe o ovo”, repenicando beijos nos olhos marejados de espanto que a miravam, até a boca lhe trepar num sorriso.

“Atão? Já sei candastes à pancada co Toino!”

Tereza encolheu os ombros e pôs o menino no chão.

“Sabes muito.”

“Olhó Luisinho! Tás de beicinho?”

“Patiu jaa... pum!”

“Tá dizer que partiu uma jarra, não é Luisinho, meu malandro?”, agachou-se para compor as golas do irmão.

“Olhi porqué ca gente não jogamos às escondidas?”

“Eu não ficápanhar!”

“Há coito?”

“Contas até quantos?”

“Prontos, oitenta. Partida, lagarta, fugida! Um, dois, três, quatro, cinco...”

Espalharam-se todos numa correria: a Maria foi para trás do muro do quintal do Zé, como era costume; o António subiu a uma árvore ramalhuda no fim do carreiro; a Julieta juntou-se à Tereza e ao Luís, que se deixava para trás, a choramingar.

Tereza baixou-se e agarrou no irmão pelos sovacos, avançando aos tropeções. A Julieta já ia em frente. Quase se desequilibrou e o

Luisinho não deixava a lamúria. A Julieta já se agachava atrás dum arbusto.

“Sessenta e dois, sessenta e...”

“Ó, Luisinho, ficas aqui sentado ca Treza já vem, tá bem? Não saias daqui, ouvistes?”

E pô-lo à sombra de uma macieira baixa, sobre a erva rala. Tirou uma maçã mirrada de um galho e deu-a ao irmão.

“Toma, Luís, é pra ti, toma lá! Agora ficas aqui, vá.”

“Setenta e três, setenta e...”

Abriu a boca e começou a correr.

“Setenta e nove, oitenta. Cá vou eu.”

João largou a árvore a que se encostara e esfregou os olhos. O terreiro vazio faiscava. Quase lhe pareceu ver alguém a esconder-se lá ao fundo, mas não ia largar o coito sem mais nem menos. Deu quatro passadas largas e virou as costas, como quem está distraído a ver. A Maria saltou de trás do muro e avançou aos ziguezagues a tentar escapar-lhe. Ele já conhecia o truque e estendeu-lhe a mão, parecia uma sardinha a cachopa, escorregadia.

“Não mapanhas!”, gritou a Tereza lá do fundo.

“Tá boa”, resmungou entre dentes e raspou o ombro da Maria, que ficou parada como pedra.

O António lançou-se da árvore e passou por eles a correr. E João corria, não ia deixar o coito sem guarda. Vinha lá a Julieta, mais o Manel e a Tereza. João corria.

“Já tinha tocado no tronco”, soluçou o António.

“Só se foi doutrárvore.”

Cortou o caminho à Julieta e também ela se deixou ficar, braços pendidos. Fintou o Manel e apanhou-o.

“Quedo!”

Tereza corria a bom correr e o João quase lhe tocava. Mas a cachopa não se deixava agarrar, às voltas.

“Vê se salvas a gente, Tereza”, gritou a Julieta feita estátua.

“Força, Treza.”

E Tereza corria, com João ao seu encalço.

Luís cheirou a maçã e pestanejou, as sombras brincavam abrindo e fechando o sol. À frente, brilhava uma erva boa. Limpou o nariz à manga e pôs-se de pé. Tereza corre ao longe, os braços espetados.

“Teza!”

Tereza tão depressa ao longe era um pássaro. Gritavam todos no terreiro, Luís fechou a mão sobre a maçã e caminhou. À beira da erva seguia o voo dos insectos contra a luz. O chão estava molhado, prendia-se nas botas novas. Soltou o pé, estendeu a perna e caiu.

João já deitava os bofes pela goela e a cachopa corria que nem o diabo. Parou, engolindo o ar à boca cheia. Tereza foi ao coito e partiu de novo aos gritos.

“João, João, João paspalhão! Salva todos, salva todos”, dizia tocando nos amigos um a um. E eles ganhavam raízes, ganhavam pernas, saíam aos pulos terreiro afora.

“Vivá Tereza!”

“Ganda Treza!”

“A Tereza é tesa, a Treza é tesa.”

As gargalhadas da Tereza enchiam o terreiro.

“Ó, João, não corras não!”, jogou um dos rapazes.

Apareciam cabeças às portas, chamando nomes. Era chegada a hora do circo, e essa certeza tornava mais ruidosos ainda os gaiatos.

“Valha-me Deus, vens encharcado! Vê lá se me apanhas por aí

alguma”, diziam as mães à vez, chegando-se aos seus.

Tereza crescia de contente: iam ver os trapezistas, ouvir a banda, comer cavacas. Foi buscar o irmão, cuidando não atrasar a mãe. Subiu o carreiro aos pinotes, uma perna depois outra, cantarolando uma modinha.

“Ó, Luisinho, a mana táqui, não tenhas medo!”

Os ramos da macieira enegrecida estendiam o seu desenho pelo chão, do menino nem sombra. Tereza olhou à volta, o coração preso. Do outro lado, viu os calções do Luís, estava deitado de borco.

“Ó, Luís, levanta-te que te sujás todo.”

Entrando pela erva adentro viu, voltou a conhecer como nunca esquecera, que era água. Aqueles farripinhos verdes fechando-se em torno dos pés ao caminhar. Ficou por momentos de braços perdidos, olhando o irmão quieto.

Luís, acorda!, mas as palavras não lhe vieram à fala.

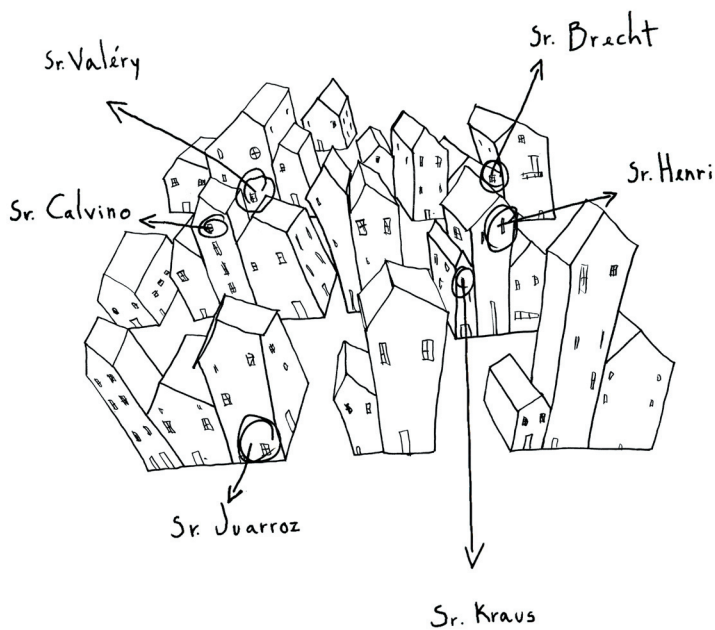
Baixou-se para apanhar uma maçã que flutuava junto às socas. E de cócoras espreitou a cabeça escura do irmão, rodeada de pontos verdes movediços, tão lindos. Chamou a si os braços e virou-o. Viu, então, que no lugar da cara estava a máscara do palhaço no cartaz: boca entreaberta, olhos fundos, sobre o branco da cara pintada.

Depois, a voz da mãe.

“Tereza! Tereza!”

O BAIRRO (SENHOR CALVINO, SENHOR VALÉRY, SENHOR BRECHT, SENHOR JUARROZ...)

Gonçalo M. Tavares



Primeiro sonho de Calvino

Do alto de mais de trinta andares, alguém atira da janela abaixo os sapatos de Calvino e a sua gravata (quem?). Calvino não tem tempo para pensar, está atrasado, atira-se também da janela, como que em perseguição. Ainda no ar alcança os sapatos. Primeiro, o direito: calça-o; depois, o esquerdo. No ar enquanto cai, tenta encontrar a melhor posição para apertar os atacadores. Com o sapato esquerdo falha uma vez, mas volta a repetir, e consegue. Olha para baixo, já se vê o chão. Antes, porém, a gravata; Calvino está de cabeça para baixo e com um puxão brusco a sua mão direita apanha-a no ar e, depois, com os seus dedos apressados, mas certos, dá as voltas necessárias para o nó: a gravata está posta. Os sapatos, olha de novo para eles: os atacadores bem apertados; dá o último jeito no nó da gravata, bem a tempo, é o momento: chega ao chão, impecável.

Como ajudar os reformados

Por inadvertência a senhora de idade avançada – contava o senhor Calvino – reformada, já sem agilidade para recuar ou avançar mais rápido, ficou entalada no portão que se fechara devido a um automatismo que, esse sim, ainda funcionava como se estivesse em plena juventude. Ali se viu, pois, a velhota, instalada de maneira invulgarmente incômoda entre o exterior e o interior da propriedade. Exactamente no meio.

E por que razão estava ela ali? – perguntou Calvino aos seus interlocutores.

– Simples – continuou Calvino – depois de vários anos sem qual-

quer contacto com esse seu vizinho, de modo imprevisto, a senhora fora convidada para um chá.

“Na altura, ficou contente – toda a gente apreciava que lhe dêem um pouco de atenção – mas agora, com o portão encravado mesmo entre as omoplatas, não poderia deixar de se sentir incomodada.

“Estranhou depois os dias passarem e o dono da casa não vir saber dela.

“E ninguém entrava ou saía da extensa propriedade e por isso o portão ali continuava, imóvel, pressionando o seu corpo contra o suporte de ferro que servia de base ao portão.

“Ao fim de uma semana começou a sentir uma dor na cabeça, mais propriamente na zona da nuca.

“O portão continuava a fazer pressão sobre os seus ossos, já um pouco enfraquecidos pela idade.

“Mas por que razão a convidaram se era notório que não sentiam a sua falta?”

A colher

Para treinar os músculos da paciência o senhor Calvino colocava uma colher de café, pequenina, ao lado de uma pá gigante, pá utilizada habitualmente em obras de engenharia. A seguir, impunha a si próprio um objectivo inegociável: um monte de terra (50 quilos de mundo) para ser transportado do ponto A para o ponto B – pontos colocados a 15 metros de distância um do outro.

A enorme pá ficava sempre no chão, parada, mas visível. E Calvino utilizava a minúscula colher de café para executar a tarefa de transportar o monte de terra de um ponto para outro, seguran-

do-a com todos os músculos disponíveis. Com a colher pequenina cada bocado mínimo de terra era como que acariciado pela curiosidade atenta do senhor Calvino.

Paciente, cumprindo a tarefa, sem desistir ou utilizar a pá, Calvino sentia estar a aprender várias coisas grandes com uma pequenina colher.

O sol

Calvino tinha nas mãos um livro cuja capa estava já por completo desbotada pelo sol. O que antes era uma cor verde escura estava agora transformada num verde tranquilíssimo, quase transparente.

Olhou para os outros livros na prateleira. Todos estavam a perder a sua cor original, como se a luz do sol mastigasse ou roesse – sim, aquilo parecia o trabalho de um roedor subtil – a capa dos livros.

Um livro, por exemplo, que fora colocado há menos de um mês nesse local da casa onde o sol, a dadas horas do dia, incidia directamente, apresentava um aspecto curioso: apenas uma linha da parte de cima perdera a cor, para baixo o resto da capa mantinha o vigor da coloração inicial. Não se sabe por que associação de ideias, mas Calvino lembrou-se das diferenças entre as zonas do corpo tapadas ou não tapadas, durante o verão, pelo fato de banho.

Olhou de novo para a prateleira e para as capas sem cor e subitamente como que percebeu tudo: a origem primeira do fenómeno, os verdadeiros motivos daquele acontecimento que alguém poderia classificar, apenas à superfície, como um acontecimento químico. Mas não era assim tão simples. Calvino não estava peran-

te uma mera alteração de substâncias, havia ali uma vontade, uma vontade forte que se diria munida de músculos frágeis. E essa vontade insuficiente vinha do sol: o sol queria abrir os livros, a sua luz concentrava-se, com toda a potência, na capa de um livro porque o queria abrir, queria entrar na primeira página, ler as narrativas, reflectir a partir das grandes frases, emocionar-se com os poemas. O sol queria simplesmente ler, ambicionava-o como a criança que está prestes a entrar na escola.

Calvino meditou. De facto, não se lembrava de ter visto uma única vez um livro aberto ao sol numa das suas páginas. Bem vulgar era que alguém, ao ar livre, pousasse um livro numa mesa ou num banco de jardim (ou mesmo no chão), mas sempre, percebia agora Calvino, sempre com as duras capas fechando o seu conteúdo, tapando o acesso às principais palavras.

Era tempo pois de alguém agir. Era tempo de alguém retribuir esse toque carinhoso que em certos dias a luz do sol projecta no rosto do homem, tranquilamente, mas como que o salvando de uma grande tragédia, do desespero, por vezes mesmo do suicídio. Calvino olhou de novo para os livros da prateleira contemplada pelo sol. Rapidamente passou os olhos pelas lombadas. Estava a escolher um livro para alguém ler. Com atenção profunda escolhia o livro mais apropriado; não estava, repare-se, a escolher de acordo com o seu gosto, mas sim, de acordo com o gosto do outro. E finalmente tirou o livro. Eis um bom primeiro livro para um leitor!, exclamou Calvino para si próprio.

Abriu-o, a seguir, na primeira página, passada a ficha técnica (quem a quer ler?) e pousou o livro, assim, aberto, no início da narrativa, virado para o ponto por onde o sol costumava descer:

(“Alice começava a ficar mais que farta de estar para ali sentada

ao lado da irmã, na margem do rio, sem nada para fazer.”)

Amanhã, voltaria de novo para virar a página. E nos dias seguintes faria o mesmo até ao final do volume. E se, depois disso, a luz do sol continuasse a forçar a entrada nos livros, Calvino respeitaria esse ímpeto avaliando-o como a ansiedade de um leitor que já começou e não quer parar, não consegue: quer ler mais.

Se fosse caso disso, Calvino escolheria outro livro – colocando algo de novo debaixo do sol – depois outro e outro, e voltaria todas as manhãs, sem falta, antes de nascer o dia, para virar a página.

in *O Senhor Calvino*

Os amigos

O senhor Valéry era pequenino, mas dava muitos saltos.

Ele explicava:

– Sou igual às pessoas altas só que por menos tempo.

Mas isto constituía para ele um problema.

Mais tarde o senhor Valéry pôs-se a pensar que, se as pessoas altas saltassem, ele nunca as alcançaria na vertical. E tal pensamento desanimou-o um pouco. Mais pelo cansaço, no entanto, do que por esta razão, o senhor Valéry um certo dia abandonou os saltinhos. Definitivamente.

Dias depois saiu à rua com um banco.

Colocava-se em cima dele e ficava lá em cima, parado, a olhar.

– Desta maneira sou igual aos altos durante muito tempo. Só que imóvel.

Mas não se convenceu.

– É como se as pessoas altas estivessem com os pés em cima de um banco e mesmo assim conseguissem mexer-se – murmurou o senhor Valéry, cheio de inveja, quando regressava já a casa, desiludido, com o banco debaixo do braço.

O senhor Valéry fez então vários cálculos e desenhos.

Pensou primeiro num banco com rodas, e desenhou-o.

1

Pensou depois em congelar um salto. Como se fosse possível suspender a força da gravidade, apenas durante uma hora (ele não pedia mais), nos seus percursos pela cidade.

E o senhor Valéry desenhou o seu sonho, tão comum.

2

Mas nenhuma destas ideias era confortável ou possível, e por isso o senhor Valéry decidiu ser alto na cabeça.

Agora, quando se cruzava com as pessoas, na rua, concentrava-se mentalmente, e olhava para elas como se as visse de um ponto 20 centímetros mais acima. Concentrando-se, o senhor Valéry conseguia mesmo ver a imagem do topo do cabelo de pessoas que eram bem mais altas que ele.

O senhor Valéry nunca mais se lembrou das hipóteses do banco ou dos saltinhos, considerando-as agora, a uma certa distância, ridículas. Porém concentrado de tal modo nesta visão, como que de cima, tinha dificuldade em se lembrar da cara das pessoas com quem se cruzava.

No fundo, com a altura, o senhor Valéry perdeu amigos.

in *O Senhor Valéry*

O desempregado com filhos

Disseram-lhe: só te oferecemos emprego se te cortarmos a mão.

Ele estava desempregado há muito tempo; tinha filhos, aceitou.

Mais tarde foi despedido e de novo procurou emprego.

Disseram-lhe: só te oferecemos emprego se te cortarmos a mão que te resta.

Ele estava desempregado há muito tempo; tinha filhos, aceitou.

Mais tarde foi despedido e de novo procurou emprego.

Disseram-lhe: só te oferecemos emprego se te cortarmos a cabeça.

Ele estava desempregado há muito tempo; tinha filhos, aceitou.

O homem mal-educado

O mal-educado não tirava o chapéu em nenhuma situação. Nem às senhoras quando passavam, nem em reuniões importantes, nem quando entrava na igreja.

Aos poucos a população começou a ganhar repulsa pela indelicadeza desse homem, e com os anos esta agressividade cresceu até chegar ao extremo: o homem foi condenado à guilhotina.

No dia em questão colocou a cabeça no cepo, sempre, e orgulhosamente, com o chapéu.

Todos aguardavam.

A lâmina da guilhotina caiu e a cabeça rolou.

O chapéu, mesmo assim, permaneceu na cabeça.

Aproximaram-se, então, para finalmente arrancarem o chapéu àquele mal-educado. Mas não conseguiram.

Não era um chapéu, era a própria cabeça que tinha um formato estranho.

Avaria

Por um curto-circuito eléctrico incompreensível o electrocutado foi o funcionário que baixou a alavanca e não o criminoso que se encontrava sentado na cadeira.

Como não se conseguiu resolver a avaria, nas vezes seguintes o funcionário do governo sentava-se na cadeira eléctrica e era o criminoso que ficava encarregue de baixar a alavanca mortal.

O labirinto

A cidade investiu tudo na construção de uma imponente catedral. Ouro, pedras trabalhadas, tectos pintados pelos grandes pintores do século.

Para a valorizar ainda mais decidiu-se dificultar o acesso. O que se atinge com facilidade deixa de ter valor, filosofava com esforço um determinado político.

Construiu-se então um labirinto que era o único meio de chegar à catedral. O labirinto foi tão bem feito que nunca ninguém conseguiu encontrar a passagem para a catedral.

O labirinto transformou-se na grande atracção da cidade.

O mestre

O mestre mais importante da cidade queria desenhar uma circunferência, mas errou e acabou por desenhar um quadrado.

Pediu aos alunos para copiarem o seu desenho.

Eles copiaram, mas por erro, desenharam uma circunferência.

Os sábios

Uma galinha, finalmente, descobriu a maneira de resolver os principais problemas da cidade dos homens. Apresentou a sua teoria aos maiores sábios e não havia dúvidas: ela tinha descoberto o segredo para todas as pessoas poderem viver tranquilamente e bem.

Depois de a ouvirem com atenção, os sete sábios da cidade pediram uma hora para reflectir sobre as consequências da descoberta da galinha, enquanto esta esperava numa sala à parte, ansiosa por ouvir a opinião destes homens ilustres.

Na reunião, os sete sábios por unanimidade, e antes que fosse tarde demais, decidiram comer a galinha.

in *O Senhor Brecht*

A biblioteca

O senhor Juarroz gostava de organizar a sua biblioteca de maneira secreta. Ninguém gosta de revelar segredos íntimos.

O senhor Juarroz primeiro organizara a biblioteca por ordem alfabética do título de cada livro. Rapidamente, porém, foi descoberto.

O senhor Juarroz organizou depois a sua biblioteca por ordem alfabética, mas tendo em conta a primeira palavra de cada livro.

Foi mais difícil, mas ao fim de algum tempo alguém disse: já sei!

A seguir o senhor Juarroz reordenou a biblioteca, mas agora por ordem alfabética da milésima palavra de cada livro.

Há no mundo pessoas muito perseverantes, e uma delas, depois de muito investigar, disse: já sei!

No dia seguinte, assumindo este jogo como decisivo, o senhor Juarroz decidiu arrumar a biblioteca a partir de uma progressão matemática complexa que envolvia a ordem alfabética de uma determinada palavra e o teorema de Godel.

Assim, para estranheza de muitos, a biblioteca do senhor Juarroz começou a ser visitada, não por entusiastas da leitura, mas por matemáticos. Alguns passaram tardes a abrir os livros e a ler certas palavras, utilizando o computador para longos cálculos, tentando assim encontrar a todo o custo a equação matemática que desvendasse a organização da biblioteca do senhor Juarroz. Era, no fundo, um trabalho de descoberta da lógica de uma série, semelhante a

2|9|30|93

Pois bem, passaram dois, três, quatro meses, mas chegou o dia. Um reputado matemático, completamente vermelho e eufórico, segurando, na mão direita, num bloco gigante coberto de números, disse: já sei!, e apresentou depois a fórmula de progressão da série que baseava a organização da biblioteca.

O senhor Juarroz ficou desanimado e decidiu desistir do jogo. Basta!

No dia seguinte pediu à sua esposa para organizar a biblioteca como bem entendesse. Por ele estava farto.

Assim foi. Nunca mais ninguém descobriu a lógica da organização da biblioteca do senhor Juarroz.

A morte de Deus

O senhor Juarroz pensou num Deus que, em vez de nunca aparecer, aparecesse, pelo contrário, todos os dias, a toda a hora, a tocar à campainha.

Depois de muito meditar sobre esta hipótese o senhor Juarroz decidiu desligar o quadro da electricidade.

in *O Senhor Juarroz*

Histórias dos livros *O Senhor Valéry*, *O Senhor Brecht*, *O Senhor Juarroz*, *O Senhor Calvino*, publicados em Portugal na Editorial Caminho.

SUL

Hélia Correia

Aquele não era o som da peste, pensou Joan. Não tinha, como têm os lamentos, uma direcção certa; não buscava um efeito contra as portas cerradas do céu e do inferno. Havia um brado, a rouquidão de um esforço. E um emaranhado de rumores que lhe seria fácil ordenar, pegando-lhes nas pontas um a um, isolando as camadas de modo a poder dar-lhes um nome e um motivo. Nada, porém, gerado pela terra costumava merecer-lhe uma atenção.

No seu terraço, olhava para as estrelas. E estava ali faziam tantos anos que nem mesmo o mais velho dos vizinhos se lembrava de o ter visto chegar. Visitavam-no às vezes mancebos de liteira e velhos que tremiam nos seus gibões escarlates. Mas também os peixeiros e mesmo os que viviam nos cantos das ruelas na esperança de um frete ou de um bom roubo trepavam pela escada em caracol que os conduzia até Joan de Sória para que ele decifrasse na vontade dos astros que fortuna aguardava os seus recém-nascidos. Era uma espécie de revolução o facto de um plebeu e até um vadio poderem consultar para os seus filhos os livros de uma ciência que passara de credo a credo e de regime para regime porque a todos servira sem um estremecimento.

O povo amava e alimentava Micer Joan, mas uma coisa e outra às escondidas. Quando, ao raiar do sol, ele se encostava sobre o grande baú que era o seu leito, via poisada no tijolo da braseira uma escudela cheia com as papas de milho e às vezes a cabeça de um peixe a fumegar. Entre as mulheres que o assistiam e as fadas, Joan não encontrava substancial diferença. Mesmo no fim das noites de maior

lucidez em que a doce tontura do cansaço era o mais desejado dos prazeres ele encharcava a cara e bocejava, sentava-se a comer com ruidosas exclamações de apreço para as não ofender nos seus desvelos.

Pelo contrário, os nobres queriam-lhe um certo mal pois os desastres de que os avisara haviam quase todos sucedido. E não sabiam se Micer Joan lhes dera a conhecer os seus destinos traçados muito antes de eles nascerem, no início das eras do universo, pelo mão que aprecia e distribui a dor – ou se, com nomeá-los, ele é que os inscrevia numa folha que Deus deixara limpa mas não suficientemente resguardada. A curiosidade e o medo eram, no entanto, mais fortes que essa dúvida e os fidalgos, já que Joan de Sória recusava sair ainda que fosse o rei a convocá-lo, vinham vê-lo na plena luz do dia, sem o menor disfarce, levando à frente os moços que se davam os braços para não escorregarem nas podridões da rua e recolhendo as capas que corriam o risco de lhes ficarem presas nos varandins de tábuas, mais baixos do que os ombros de qualquer cavaleiro. Não queriam revelar a repugnância com que se sujeitavam a buscá-lo.



Micer Joan gostava daqueles bairros. E, do seu torreão de adobe e pedra, pairava sobre o peso, a sujidade, as tarefas despóticas dos homens. Mentia um pouco, o menos que podia, somente o necessário para os aliviar quando estavam a ponto de lançar fogo às casas num grande desespero.

Aos ricos, ensinava a mastigar raiz de angélica durante essas viagens em que andavam de um lado para o outro, sempre ao longo dos rios, para fugir à peste. Falava-lhes da pedra-besoar que curava

os flagelos se bebida desfeita numa água-rosada, por meio de caniço, pois, se tocasse os dentes os reduzia a pó. Para os lados da Pérsia, dizia, é que as há muitas, no estômago dos bodes. Isto dava-lhes força para se manterem vivos enquanto os emissários iam e regressavam de mãos vazias ou com um seixo verde-escuro na bolsa. No entretanto, os ares desinfectavam-se.

Aos vizinhos, nos dias de maior desconsolo, descrevia um lugar que havia ao sul onde não existia nem morte nem justiça, de modo que podia roubar-se o vinho doce, penetrar num palácio, arrotar e dormir em sedas amarelas sem que daí viesse algum castigo. Está nos astros, dizia, e não tarda já muito, que grandes barcas construídas por uns homens em cujas ventas Deus há-de soprar se metam pelas águas a caminho. E por cima do mar nadarão elas, levando todo aquele que quiser ir. Ah, meus filhos, dizia, em certas noites, quando o vento é quente, um ouvido apurado dá-se conta de como ri a gente dessa terra!

O prior de Ribamar que o receava, porém, não conseguia deixar de frequentá-lo, dava-lhe a entender o que havia de ímpio naquelas descrições. Queria que ele visse o perigo de lhes fornecer sonhos em que a moral falia. Quem sonha não planeja, retorquia Joan. Estai-me vós todos gratos porque lhes levo as ânsias lá para o fim do mundo, onde tudo o que existe é a maré fervente que abre horrendos abismos na sua ebulição. Morrem eles felizes; vós outros, sossegados. Dizei se é caro o preço à fantasia.

Tudo isso nada era nas noites estreladas, quando Joan enfrentava o aço e a mudez dos corpos luminosos. Então, os sons da terra tinham de produzir-se durante muito tempo, tinham de ir engrossando e trepando as paredes como um aluvião até que ele os ouvisse e desviasse os olhos.

Eram os duradouros gritos da multidão – porque as pequenas queixas de um assalto, um apunhalamento debaixo das arcadas ou mesmo os empurrões mortais dos bêbados, tudo se desfazia aos rés da rua e não durava mais do que uma prece.

O som daquela noite tinha, pois, densidade e persistência bastantes para que Joan de Sória começasse a sentir-se levemente intrigado.

Era o som de um trabalho e ele imaginou um saque feito às pressas por cima de cadáveres. Viu que o céu recuava e os seus desenhos se ocultavam por trás de uma mancha de luz. Era uma luz de tochas que ondulava e parecia levantar o casario. Joan pôs pelos ombros o seu velho tabardo, num cuidado excessivo porque estava calor.



Nem as moscas dormiam, pensou Joan enquanto patinhava por sobre a imundície. Os despejos, a urina e as fermentações brilhavam como pedras de carbúnculo. Só na segunda esquina onde a rua, mais larga, já deixava passar a custo uma carroça, é que avistou aquele rio de homens que passava levando às costas porcos e barris. Alguns reconheceram-no e saudaram-no. As crianças tentavam trepar por eles acima. Uma ou outra, mais rápida nas soluções da vida, ia dependurar-se num telhado para alcançar com a mão os pães e a carne seca que as mulheres carregavam à cabeça. Mas era descoberta e apeada, e depois perseguiam-na um pouco, por chacota.

– Ah, Micer, que lhe dizem as estrelas? – Ele conhecia aquela voz meio rouca. Era Fernando Bom, o taberneiro transpirava ainda mais do que o costume e não tirava os olhos do desfile, como se o seu interesse os empurrasse.

– Isto que é? – perguntou Joan de Sória.

– Isto é o carregarem-se os navios. Micer, cá vamos todos para o sul. Para lá do mar das trevas, para fora das atenções de Deus.

– Ele está em toda a parte – disse Joan.

– Isso veremos – disse o taberneiro. E prosseguiu o seu caminho para cima, atrás de um carro onde homens de lenço nas cabeças baloiçavam ao ritmo de uma canção dos portos.

Joan acompanhou-os, fascinado. O chão luzia e borbulhava sob os pés. E em todos aqueles rostos, aqueles corpos, podia ver-se a carne transparente, o pulsar vigoroso das entranhas. Parou junto à capela de madeira onde as mulheres com vícios iam pedir perdão. Ardiam duas velas de sebo no portal. O calor entortara-as e tinham-se inclinado uma para a outra, como na troca de uma confiança. Dentro, no meio das sombras, ouviu risos. Não conseguiu fazê-lo com muita precisão, mas com certeza tudo se relacionava.

Tudo o que acontecia na cidade convergia ou provinha daquele movimento – e os que, naquele instante, entregavam a alma, ou os pestiferados nos seus catres, ou as mulheres paridas mastigando o seu pão, sentiam esvoaçar-lhe o pensamento para fora, para a noite onde os homens corriam, descalços, de joelhos dobrados sob a carga.

– Micer, que lhe disseram as estrelas?

Conhecia o rapaz que se deteve, pousando as mantas que levava às costas. Não sabia o seu nome, porém vira-o esmolar, depois crescer e encolerizar-se, como a tantos rapazes do seu bairro. Ele abria-lhe os grandes olhos claros que o fumo ou a bebida avermelhara.

– Sempre a direito para o sul, não é?

Joan sorriu. Todos os seus vizinhos acreditavam nessa amável história. Com ela os consolara anos e anos, dando fuga aos espíritos

para longe dos seus destinos vis e malcheirosos. Ah, sim, falara mesmo de perfumes, de árvores que cantavam; de guardas que dormiam seis meses noite e dia e que só acordavam para se espreguiçarem e passarem azeite pelas lanças para que o relento as não enferrujasse durante o novo sono de seis meses. Agora iam chamar-lhe mentiroso; e os que conseguissem regressar acabariam por se rir com ele, bêbados, com direito a dar achegas. Um ou outro viria pedir contas, quebraria uma bilha ou um cadinho para que Joan de Sória estremecesse e os confortasse na desilusão. E um deles seria aquele rapaz.

– Que lhe disseram as estrelas, há?

– Nada, moço. Não querem saber disto.

O rapaz começou a soluçar. Chorava baixo, com os ombros encostados à nudez da capela. Alguns homens pararam a olhá-los.

– Para que é esta corrida – disse Joan – assim, de noite, como os meliantes?

– São as pressas dos príncipes – respondeu um, aliviando a corda que lhe passava em volta do pescoço. O seu fardo subiu e abateu-se e dele escorreu um sumo esbranquiçado. Tinha uma vaga forma de animal.

– O que eu queria, Micer – disse o rapaz – era poder escolher os pensamentos. Porque há gente que fala de ouro e das maravilhas. E depois vêm outros com agoiros.

– Anda rapaz. Quem pensa, não embarca – disse o homem do odre. – A mim, senhor, o que me tira o sono é temer que cheguemos à bordinha do mundo e a maré nos empurre, entende? E não ter tempo para virarmos.

Joan pousou os dedos no cabelo do rapaz. Ele sacudiu-se e carregou as suas mantas.

– Pode até suceder – gritou Joan – que este mundo se venha a revelar redondo como um fruto e ninguém lhe conheça um princípio ou um fim! ...

Os homens tinham retomado a marcha mas ouviram-no bem e inclinaram-se, batendo os pés no chão, às gargalhadas. No meio deles, a cabeça doirada do rapaz elevava-se um pouco, mais serena. Buscou-o com os olhos e sorriu.

– Sempre a direito para sul – confirmou Joan.

O conto segue o texto da sua publicação na revista *Oceanos*, 10, 1992

L

Jacinto Lucas Pires

Há dois dias e duas noites o meu pai, bem, deixou de abrir os olhos e fechá-los e piscar só um com um sorriso assim estranho como se estivesse a partilhar comigo uma coisa qualquer engraçada que não precisava de palavras, por exemplo se passava uma mulher muito gorda lá fora ou se o vento vinha e entortava os guarda-chuvas dos homens de fato e gravata, e deixou de fumar e de calçar e descalçar as botas grossas e deixou também de se levantar da cama e ir pôr-se de pé parado junto à janela a olhar com olhos claros, nunca percebi se azuis se verdes, a estrada, os automóveis, as pessoas, o lixo que voa, bem, deixou de fazer muitas coisas, quase tudo pra dizer a verdade, passou a ficar só deitado no quarto dele, virado para o tecto mas de pálpebras cerradas, um pai magro e nu sobre a colcha já um bocado para o velhota, a fazer só assim um silêncio e um cheiro a intestinos e suor ou não bem isto mas não muito diferente disto. Fiquei, claro, meio sem saber como reagir a esta mudança, mas na minha confusão lá consegui decidir que passados dois dias e duas noites às nove da manhã sairia, acontecesse o que acontecesse sairia. São nove da manhã, por isso saio. Tenho um relógio que marca bem as horas, foi o meu pai que me deu, não sei como é que o arranjou, um dia apareceu e trazia aquilo. Andou com ele no pulso durante dois anos, depois fartou-se e deu-mo. É um relógio digital, com números rectos. O zero é um rectângulo de pé, o nove um quadrado com uma perna só. Foi feito em Taiwan.

A nossa casa, minha e do meu pai, é uma casa pequena, em ruínas mas com um telhado apesar de tudo, e uma cor muito carac-

terística que não conheço de outros lugares. Não exactamente uma cor mas mais um tom, um castanho-acinzentado com manchas de humidade e sujo. Está assim no meio de nada, num terreno vago que quando chove fica lama, onde estacionam os piores automóveis das pessoas que trabalham nos prédios, os automóveis melhores e maiores entram nos prédios. É uma casa assim que só tem prédios altos à volta e uma estrada tipo via-rápida que passa relativamente perto. Tudo, os prédios, a estrada, um centro comercial até, tudo é relativamente perto da casa, mas não mesmo em cima dela, porque à volta dela de facto há só o tal terreno vago que não é propriamente nada, daí eu dizer que é uma casa assim no meio de nada.

Sigo pela berma da estrada para a avenida grande dos prédios altos. Queria ver se encontrava alguma coisa de comer ou de beber mas só vejo folhas de revista com fotografias de pessoas famosas. Não estou assim tão desesperado. Tenho a impressão de ter no estômago uma broca que se torce e vai torcendo, mas quando me mexo, quando ando, é melhor, como se o lento movimento da broca na barriga fosse contrariado pelo meu movimento geral. Quando ando preocupo-me em mexer-me todo. Não só as pernas e um braço balançando de cada vez, não, não gosto disso, isso é feio, não, sempre que ando, é tão raro, aproveito cada centímetro e mexo-me completamente. Um tipo de andar que começa na bacia e se espalha, para cima e para baixo, como uma espécie de dança ou quase, não sei bem qual será o efeito disto ao longe, como é que alguém que passa do outro lado da rua me vê, haverá um efeito estético de dança ou nem tanto, nem tanto? Mas o importante é que isto me ajuda de alguma forma, é uma forma de me deslocar mas também de desanuviar, de fazer exercício, embora isso não me interesse assim

por aí além, e uma forma de não ter de pensar no meu corpo. Isso é que é o mais importante. Agora paro.

No alto de um poste uma confusão de coisas eléctricas. Cabos e reviravoltas várias, com um ar de sinal de alguma coisa. Atrás, no alto, o céu muito azul e aquilo assim tão verdadeiro, cheio de brilhos e complicações de máquina, complicações humanas, objectos misturados uns com os outros sem lógica aparente, objectos que não sei como se chamam mas podiam chamar-se turbinas, pólos, fios, quadros, como uma coisa que vale por si, como um sinal. Olho para aquilo durante catorze minutos, cronometro no meu relógio, e depois continuo. Dói-me a barriga. A ver se assim andando fico um bocado melhor.

Passam automóveis de cores quase sempre as mesmas, branco, preto, ou azul-escuro, e vermelho, e fazem barulho mas é um barulho que não me prejudica de qualquer maneira pois já estou super habituado a ele, super habituado, acho que ficava mal disposto e com dores de cabeça era se ele desaparecesse, um barulho que é como uma espécie de silêncio ruidoso, uma coisa lá muito ao fundo que faz vrrrum sem parar, continuamente, sem parar. E os prédios têm gente que sai e entra neles, e são altos até ao céu, e há umas imagens neles, por exemplo outros prédios ou céu com nuvens ou brilhos como sóis pequeninos.

No passeio as pessoas olham-me quando estão longe, mas depois desviam os olhos e quando se aproximam fingem que nem me vêem, fingem que eu nem estou ali, mas o modo como olham para o chão ou para o outro lado não deixa dúvidas sobre a sua mentira. Eu tento com força olhá-las, mas não dá. Tento olhá-las só por jogo, porque de resto não me serve de nada. Aliás, devo dizer que não

sei o que vou fazer ou o que devo fazer. Em parte foi por isso que esperei em casa dois dias e duas noites antes de sair. O meu pai é que saía de casa e ia arranjar coisas para nós comermos ou então coisas que dessem pra trocar ou até dinheiro, o que era bastante inusitado, até quase completamente impossível, aconteceu talvez uma vez, se tantas. Uma ou duas, não mais, seguramente. Mas, portanto, não sei como é que ele fazia. Se calhar andava por aí só à espera de um momento certo, de sorte, não sei.

Tenho uma camisa branca e um casaco roxo tipo daqueles com ombros grandes, exagerados. A camisa já está, claro, meio para o suja, com umas manchas assim de terra ou lá o que é, e o casaco fica-me enorme e tem duas nódoas nas costas, já tinha quando o meu pai mo trouxe, mas fora isso é um conjunto engraçado e que não é por nada mas até me fica bastante bem. Nas calças é que tenho um problema. As bainhas estão descosidas e então às vezes piso-as e desequilibro-me um pouco.

Isto para dizer que me espalhei ao comprido na rua.

E qual não é a minha surpresa quando ao levantar-me vejo a Marlena.

A Marlena é uma mulher bonita, um bocadinho gorda e com poucos dentes já, mas bonita, com um cabelo pintado de loiro e umas saias sempre curtas e justas. Conheço-a porque um dia, quando fiz vinte anos, o meu pai apareceu com ela lá em casa e disse para irmos os dois para o quarto dele. Na cama onde agora ele está deitado a fazer assim um silêncio e um cheiro esquisito ela ensinou-me a tirar a roupa toda e a pô-la outra vez. Quando estou sozinho nunca tiro a roupa toda, porque fico com frio. Nem no verão tiro.

“Londres, o que é que fazes aqui?” pergunta-me. Ela chama-me assim, Londres.

“Bem, estava a andar e... bem... bem...”

“Malhaste,” diz ela, e sorri um sorriso desdentado com os olhos muito abertos de repente, e as sobrancelhas um só risco desenhando-lhe um arco na testa, e isso como que me embaraça um coche.

“Sim... há.”

“O teu pai, que tal é que está? Já não o vejo há...”

“Está deitado.”

“Muito bem. Não tens dinheiro por acaso? Não queres vir comigo, passear um bocado, dar uma volta, há?”

“Não tenho dinheiro,” digo. “Não tenho dinheiro, mas agradaria... agradecer-me... agradecer-me-ia... sim, agradecer-me-ia muito dar uma volta consigo, Marlina.”

“Ah, afinal não posso, esqueci-me que tenho de ir ali ao centro comercial, desculpa.”

“Não, não faz mal, Marlina. Adeus.”

Fico a olhá-la enquanto ela se vai afastando, as pernas fortes mas com tornozelos fininhos, finíssimos, o rabo gordo dentro da saia bem apertada, e depois ganho coragem e viro-me outra vez para o meu caminho. Ao vê-la assim caminhar ao longe a minha cara tornou-se subitamente mais mole e mais comprida, sinto as bochechas meio lassas por dentro, como que sobrando, carne solta, e isso, isto, seja lá o que for, espalha-se de seguida pelos braços, chega aos ombros e atira-se daí a descer e quando chega às mãos fá-las pesadas, com um peso de sangue, cheias de sangue, cheias de vontade de sangue vermelho por baixo da pele e das unhas, e ao mesmo tempo há uma espécie de demoradíssima explosão no meu peito, oh! no buraco do

meu peito, e o meu corpo inteiro é um corpo quebrado, desmultiplicado, qualquer coisa assim.

Entre prédios e casas baixas, ando não sei quantos quilómetros durante uma hora e três minutos, cronometro no meu relógio. O três é um E virado para a esquerda. As fachadas estão com aquela luz boa de quando o dia está a terminar mas isso muda para sombra e escuro e olho para cima e há nuvens escuras a avançar. Nuvens grandes e muito escuras, muito juntas umas das outras tapando a cor azul.

Um velho de barba mal feita olha-me, à porta de um prédio alto coberto de andaimes. Olha-me mesmo quando me aproximo, ao contrário dos outros todos. Quando passo mesmo junto a ele, no passeio, grita-me “Ei! Ei! Não és o filho do Lopes?”

“Hã?...” Algumas pessoas chamam Lopes ao meu pai. “...Sim, sim, de facto.”

“Como?” pergunta o velho.

“Sim, sou filho.”

“Ah! bem me parecia, bem me queria parecer!.... Sabes que eu sou um grande amigo do teu pai. Um grande amigo. Quer dizer, juntamo-nos às vezes pra jogar cartas ali no parque, lá pra cima, estás a ver?...”

“Sim.”

“Pois é, e ele um dia mostrou-me uma fotografia tua. Sabias disso? Sim, sim... Uma fotografia tipo photomatom, sabes? Daquelas tipo photomatom, sabes? Tu já não és desse tempo, se calhar não sabes, há? Mas estás igualzinho, é incrível, igualzinho ao diabo da fotografia. Essas fotografias, sabes umas que há? tipo photomatom, é assim que se diz: photomatom, essas fotografias normalmente estragam completamente as caras das pessoas, ou pelo menos, não sei,

transformam-nas, as pessoas ali quase nunca parecem o que são na realidade, compreendes? mas tu não, posso dizer isso de ti, caramba, tu não, tu, olha, estás igualzinho, estás tal e qual. Então, vê lá, o teu pai mostrou-me essa fotografia, uma tipo photatom, não sei se sabes quais são, se calhar não, que agora elas quase que deixaram de existir, já há novas técnicas e tal, mas, portanto, estava a dizer, o teu pai mostrou-me essa tua fotografia há... ora, deixa cá ver... há... portanto, hoje é quarta-feira... costumamos encontrar-nos às segundas... mas na última não... na outra também não... olha, há mais de quinze dias... seguramente há mais de quinze dias... talvez mais... e, estás a ver? ainda te reconheci, há?”

“Pois é,” digo.

“Reconheci ou não reconheci?”

“Pois foi.”

“Reconheci ou não reconheci? Há?”

“Sim.”

“Pois foi,” diz o velho, e cala-se olhando para a minha cara. Na direcção da minha cara mas através dela, parece. Durante um momento ninguém fala. É um bocado embaraçoso estar assim na rua com aquele velho a olhar-me a cara sem falar.

“Uma coincidência...” digo.

Ele como que acorda, “E o teu pai, que tal é que está?”

“Está... deitado.”

“Ótimo, ótimo,” diz, ainda meio ausente, como que separado das palavras, como se através de mim tivesse visto algo terrível ou importante, e vira-se para dentro do prédio. Olho-o a afastar-se e a fechar atrás dele a porta de vidro negro. Penso: não sabia que o meu pai tinha uma fotografia minha, e: gostava de me ver numa fotografia tipo photatom.

Mais à frente, estou a atravessar uma grande praça deserta, o que é um enorme azar, quando desata a chover chuva mesmo batida, enrolada, puxadinha, chuva, chuva. Vejo um quiosque com um telhadito que talvez ajude se eu me encostar bem, mas não corro. Um homem tem um certo orgulho. Não. Sigo no meu andar típico, sem pensar, um movimento estético que parte da bacia pra baixo e pra cima, etc. Não sei como me julgará alguém que me olhe ao longe, mas é este o meu modo de locomoção e não há mais a dizer sobre isto.

Agora abrigado da chuva, sob o tal telhadito, olhando a praça muito branca por causa da água que cai e também por ser assim grande e deserta ao mesmo tempo, tudo ao mesmo tempo, sofro sentimentos contraditórios. Estou contente por ter escapado à chuva malvada mas também imagino a Marlena e penso em estar com ela pra ela me ensinar de novo a tirar a roupa toda e a pô-la outra vez e então tenho desejos de sair em pêlo pela praça fora, a andar calmamente, do meu jeito, para sofrer as consequências debaixo da chuva que, bem, digamos que não pára e faz pás, pás, pás no chão de pedra, nas casas, nas coisas todas que há, chuva dura e pesada, enroladinha, chuva, chuva, repito.

Mas, por outro lado, é óbvio que não vou fazer isso.

Dói-me a broca que é como se no meu estômago se torcesse e fosse torcendo e portanto ponho-me a andar para ver se alivio essa espécie de imagem. Penso em coisas que não têm nada a ver. E vou caminhando rente aos prédios, debaixo das varandas, das palas das entradas, dos toldos das lojas para enganar a chuva. Achava que gostava muito de chuva, mas isso era quando estava dentro de casa e tinha a janela, o vidro da janela, a separar-me da água propriamente dita. Gostava de ver os risquinhos quase invisíveis que às vezes só se

percebem se fecharmos os olhos à japonês, só com um nico assim aberto, a ver, ou então contra cores escuras, coisas escuras, gostava de vê-los inclinarem-se e desinclinarem-se com o vento e gostava das pessoas de guarda-chuvas, gosto super imenso de guarda-chuvas, não sei porquê, acho-os felizes e loucos-cômicos, então quando vem uma rabanada de ar e se entortam todos para o lado do avesso nem se fala, isso é mesmo, como é que se diz? de rir a perder, rir até cair, de morrer a rir. O meu pai é que quando confrontado com uma coisa dessas, do género dessas, guarda-chuvas tortos ou cães olhando para os dois lados antes de atravessar a estrada ou mulheres gordas de andar pimpão, piscava um olho e sorria assim um tudo-nada inclinado e olhava-me como quem diz “olha, já viste aquilo?” mas sem dizer palavra.

Silêncio.

De repente faz-se noite e eu estou parado, o estômago todo torcido a arder, no último toldo antes do terreno vago. Olho para o céu da cor preta e vejo uma luz caindo. Uma estrela cadente? um avião? Não dou importância à coisa em si mesma, por assim dizer, mas antes ao que ela pode, por assim dizer, representar, enquanto concretização, conclusão, fechamento, daquilo que, fosse o que fosse, tinha sido aberto, lançado, etc, pelo facto do imbróglio eléctrico no cimo do poste contra o céu azul para o qual olhei durante catorze minutos cronometrados me ter surgido como uma qualquer espécie de sinal, por assim dizer.

Um sinal, penso, e ponho-me a correr, agora sim, mexendo-me já não daquele modo solto e, mais que solto, incrivelmente livre, mas correndo, certinho, como deve ser, como os atletas de alta competição, com a cabeça um pouco para baixo e o tronco atirando-me

inteiro para a frente, cada vez mais para a frente, sim, corro o mais que posso, as pernas parece que vazias por dentro, sprintando entre a chuva, corro e corro e não há nada pra comer, penso, desisto de comer, penso, e não paro até passar a porta de casa.

No quarto o meu pai nu, com uma tonalidade já meio diferente, já não tão característica, manchas de humidade e um sujo que vem de dentro, deitado na cama sobre a colcha. O cheiro não é muito bom. Ainda mais original e difícil de explicar do que de manhã.

Ponho-me a mexer nas tralhas dele, caídas a um canto, roupas, objectos, bocados de objectos, um panamá impecável. Num bolso encontro: a photomatom. Olho a fotografia e primeiro não gosto, depois sim. Meto-a na janela, encostada ao vidro, a olhar para fora, para a chuva que cai na noite. Do lado de cá é só um rectângulo branco que tem escrito L.

Depois empurro o meu pai um coche mais para o lado na cama e deito-me com ele. Olho para o tecto e ouço os sons da rua e da minha cabeça e dos bichos que comem as madeiras e mais sei lá o quê e, dentro daquele cheiro ultra-denso que nunca foi, mas nunca nunca, o cheiro do meu pai, adormeço.

Amanhã faço exactamente o mesmo.

O PRINCÍPIO DA COMPAIXÃO

João Aguiar

Foi há cinco anos que isto aconteceu, num cenário que me é, ainda hoje, muito querido.

Havia no ar um perfume complexo, feito de jasmim, incenso e óleo de sésamo. Por instantes, deixei de ouvir o que o padre Januário dizia para tentar descobrir a origem desses odores.

Não foi difícil. Para lá do muro alto, alguém que estava a cozinhar lançara sobre um wok aquecido algumas gotas de óleo com sésamo. O incenso vinha certamente do templo de Kun Iam, que, embora invisível, nos ficava muito próximo – não o grande templo, o Kun Iam Tong, mas o outro, o pequeno Kun Iam Miu. Quanto às flores de jasmim, estavam ali mesmo, à nossa beira, no jardim do padre Januário, um pequeno recinto que verdejava e resplandecia, ignorado, metido no meio de velhas casas. Numa dessas casas vivia o padre; o seu acesso, que era também o do jardim, fazia-se por uma azinhaga retorcida, apertada entre prédios decadentes e muros arruinados. Não darei mais pormenores: aquele minúsculo espaço, oculto num bairro antigo da antiga Macau, é uma relíquia que não desejo ver profanada.

O padre Januário continuava a falar e mencionava agora o nome de Teilhard de Chardin. Virei-me para ele, contemplei a sua esguia figura de asceta, realçada por uma barba ainda negra, esguia também ela, que, não sei porquê, sempre o associava no meu espírito a um sage (sim, a palavra existe em Português) confucionista. E, em resposta às suas últimas palavras, comentei num resmungo:

– Há-de perdoar-me, mas o Teilhard de Chardin não é para aqui

chamado, a questão é muito mais simples. E não são precisas tantas subtilezas jesuíticas.

Ele não se formalizou. Replicou-me com risonha tranquilidade:

– É natural, eu sou jesuíta.

Pata na poça, rosnei-me mentalmente. O que eu queria dizer, apressei-me então a explicar, era que a minha perturbação não tinha causas teológicas e sim psicológicas. Bem sei, bem sei, concordou o padre, a minha digressão pelos lados do velho Teilhard foi um desvio, desculpe, não sei como fiz isto. O seu problema, admito, é bem mais terreno e nada tem de teológico: muito prosaicamente, você não consegue habituar-se à ideia de que vai deixar Macau em breve.

– Em breve e para sempre – sublinhei. O seu sorriso abriu-se: – Dizer “para sempre” é uma ousadia um pouco estouvada, não acha? Se cada um de nós soubesse, sequer, o que vai acontecer no próximo minuto... mas desculpe, estou a divagar outra vez. Agora, devo confessar-lhe que sinto algo mais em si do que tristeza ou saudade antecipada e é esse algo mais que me preocupa: você está irritado e ressentido, também. Não quer explicar-me com quem e porquê?

Detive-me a reflectir. Uma boa pergunta, sem dúvida, mas a resposta não era fácil. Deixei escorregar meio minuto, que o padre Januário aceitou em silêncio, e então disse-lhe:

– Não tenho as ideias muito claras a esse respeito. Estou ressentido com o rumo que a minha vida tomou, que me obriga a voltar para a Europa. Estou irritado comigo mesmo, por não ter sido capaz de alterar esse rumo. E estou irritado e ressentido com outras pessoas e outras situações. No entanto, tudo tem a mesma origem, porque foram essas outras pessoas que geraram essas outras situações, que por sua vez me colocaram na circunstância profissional de ter de

partir para a Europa. Confesso-lhe que neste momento sinto-me muito pouco amigo do género humano e que ando com uma certa vontade de morder o meu próximo.

Ao fundo do jardim havia um pequeno oratório de pedra com uma imagem de Nossa Senhora das Dores. Foi na sua direcção que ele se encaminhou e eu segui-o. Ao chegar junto da imagem, o padre encarou-me.

– Suponho que não adiantaria recomendar-lhe a oração como alívio.

Tem razão, retorqui-lhe, não adiantaria porque eu já não sei rezar. Não é que me tenha esquecido das fórmulas, aliás isso não teria importância, sei muito bem que poderia improvisar. O que sucede é que já não sou capaz de conseguir o estado de espírito que transforma uma simples reza numa oração.

Ele acenou lentamente com a cabeça. – Muito bem dito. É triste, mas está bem dito... – e depois, num tom de voz diferente:

– Ouça. Eu trouxe-o até aqui porque esta imagem da Virgem é para mim uma fonte constante de inspiração. O que ela me recorda, neste momento, é que sempre associamos (e bem, a meu ver) Nossa Senhora à compaixão e à misericórdia. Os dois termos não serão rigorosamente equivalentes, mas são, pelo menos em grande parte, coincidentes.

Como ele se calou, eu, que não estava decididamente virado para altas conversas e queria apenas – e, ainda assim, em sentido figurado – um ombro sobre o qual chorar, murmurei que também não entendia o nexó entre o meu estado de alma, a compaixão em geral e a Virgem Maria em particular. O padre sorriu novamente.

– Espere, deixe-me continuar. Ao conduzi-lo ao âmbito mais largo desta noção, ia falar-lhe do princípio (quase diria: o arquétipo)

da compaixão. O sentimento, a dor que se experimenta perante o sofrimento alheio. E, também, à atitude que daí decorre, a da tolerância e benevolência perante os actos alheios: ou seja, o princípio da misericórdia. Se reflectir, por pouco que seja, nestes dois princípios que se interpenetram, a compaixão e a misericórdia, concluirá, como eu o fiz, que quem os observe tão plenamente quanto possível não deixará de ver alterada a sua atitude perante o mundo e a vida. Aceitará melhor os outros, mas aceitar-se-á melhor a si mesmo, também; e, ainda, aceitará, se não com resignação ao menos com serenidade, as alterações na sua vida que lhe contrariam a vontade. Não direi que eliminará o seu sofrimento, mas poderá superá-lo.

Se o senhor o diz, repliquei, sentindo-me cada vez menos compasivo e misericordioso e cada vez mais irritado com as circunstâncias. Depois, atentei melhor na imagem da Virgem. Então, para mudar o rumo da conversa mas também por curiosidade, observei:

– Senhor padre Januário, esta Nossa Senhora das Dores parece-se estranhamente com a deusa Kun Iam.

O padre assentiu sossegadamente. – Para si, isso não devia ser uma surpresa, você conhece Macau. Quanto a esta imagem, é uma estátua muito antiga. Pelo que sei, veio de uma capela que havia em Pequim, no século XVII. O escultor era com certeza um chinês cristão. E é quase certo que também ele associou, no seu espírito, Nossa Senhora a Kun Iam, a deusa da misericórdia. É até possível que não distinguisse muito bem entre as duas.

Acredito, respondi-lhe. E, para o espicaçar, acrescentei: os missionários da sua ordem, senhor padre, fomentaram docemente essa confusão. Esperava que ele me contradissesse, ao menos por uma questão de princípio, porém desconcertou-me com uma tranquila anuência:

– É verdade. Eu podia, claro, apresentar-lhe uma explicação lógica e aceitável, mas não vale a pena, porque você conhece-a, eu sei que estudou a *guerra dos ritos*. Em vez disso, chamo a sua atenção para outra coisa...

Neste momento interrompeu-se para tirar do bolso um cachimbo já cheio, que acendeu sem pressas.

– A confusão entre Nossa Senhora e Kun Iam – prosseguiu então – não é canónica, admito, no entanto é particularmente justificável e faz-nos pensar. Porque o princípio da compaixão, longe de ser, digamos, uma inovação cristã (o cristianismo trouxe várias inovações, sem dúvida, mas não essa), está incrustado no homem. Encontramo-lo não só noutras religiões e filosofias como também nos comportamentos espontâneos, aqueles que não são ditados por doutrinas ou ideais. O princípio da compaixão faz parte da natureza humana. E ouça: em grande medida, os sarilhos monumentais que os homens têm arranjado ao longo dos tempos devem-se essencialmente a não reconhecerem este elemento essencial da sua natureza, a não se conformarem com ele.

Pois será, repliquei. Tendemos a desenvolver outros aspectos mais fortes da nossa natureza: a avidez, a inveja, os maus fígados. Esse tal princípio da compaixão, senhor padre, é uma luzinha desmaiada diante do grande sol da nossa sacanice.

Mas, nesse dia, o padre Januário dava sinais de uma inusitada mansidão. Eu mal reconhecia o meu velho compincha de tantas discussões furiosas, em que ele – sobretudo após o quarto cálice de bagaceira velha – me ameaçava com a excomunhão irremissível, “ainda que o Papa me peça que eu desista” (não que a bagaceira o levasse a tal estado de confusão; era apenas uma forma de descarregar o excesso de animosidade).

E agora, o padre Januário, irreconhecível, respondia aos meus deliberados desmandos com uma doçura de anho pascal. O princípio da compaixão, disse, é uma luzinha desmaiada enquanto esquecermos ou contrariamos a nossa verdadeira natureza; uma vez que a aceitamos, os papéis invertem-se e passa ele a ter a força luminosa do sol... para usar a sua imagem, tirando-lhe a sacanice...

– Enfim! – acrescentou – Aonde eu quero chegar com tudo isto é ao seguinte: você, neste caso, não precisa de rezar a Nossa Senhora, nem sequer a Kun Iam. Basta que se abra a si próprio. E verás, garantito-lhe, verás a sua vida, o mundo e o seu próximo numa paisagem muito menos sombria.

– Pelos olhos da compaixão! – rosnei.

– Exactamente. Não lhe custa nada experimentar. Às vezes, nem é preciso esforço, essa natureza impõe-se-nos, quase diria que nos persegue.

Ficámos ambos calados durante um momento, diante do sorriso misterioso e magoado de Nossa Senhora das Dores (e de Kun Iam?). Então, o padre Januário quebrou o silêncio:

– Bom. Há mais alguma coisa a perturbá-lo?

Há, respondi-lhe. Há que, nestes últimos dias, tenho estado a ser seguido e isso é muito desagradável.

Uma vez mais, o padre surpreendeu-me, porque esperava vê-lo franzir o sobrolho e ele ficou impassível.

– Que curioso. Por quem?

Um indiano, expliquei. Ou, pelo menos, um tipo que tinha todo o aspecto de ser indiano. Eu não o havia encarado de frente, mas parecia-me ser ainda muito novo. Não me seguia ostensivamente, mas aonde quer que eu fosse, ele aí estava, sem tentar esconder-se.

O padre Januário encolheu os ombros. Pode ser impressão sua, observou, com um sorriso que achei irritante. Ou pode ser uma visitação, acrescentou, sem reagir ao meu alçar de sobranceiras interrogativo. Depois, atentando melhor na expressão que fiz (e que, julgo, era altamente crítica), perguntou:

– Você sente que a presença dele é ameaçadora? Incomodativa? Importuna?

Abri os braços em protesto. – Claro que sim. Ou melhor: não   ameaçadora e não posso dizer que me sinto verdadeiramente incomodado. No entanto, é uma presença importuna, como a de uma mosca que anda a esvoaçar   nossa volta e não chega a pousar-nos no corpo mas nós estamos sempre   espera de que o faça.

Ao ouvir isto, o padre Januário riu-se – riu-se para dentro, não sei se me entendem. E logo a seguir mudou completamente de atitude:

– Bem, eu não percebo nada de moscas nem de visita es de moscas. E tenho mais que fazer do que atur -lo. Ponha-se a milhas, na paz do Senhor e com a minha bênção.

Acompanhou-me enquanto eu entrava em sua casa, atravessava a sala minúscula e chegava à porta que dava para a rua, que ele abriu.

Encontrei-me na viela estreita e retorcida. Percorri-a devagar, remoendo aquele encontro tão estranho e tão pouco satisfatório, até desembocar na rua que fervilhava de gente, carros, barulho, como se tivesse, em poucos metros, viajado de um planeta para outro.

E a primeira pessoa em que atentei foi o indiano, como sempre silencioso, tranquilo, mas bem visível. Ainda pensei em abordá-lo, perguntar-lhe que raio de ideia ou de intenção era a sua. Acontece, porém, que tenho um sagrado horror ao escândalo, portanto desisti, segui caminho.

Como já referi, o pequeno templo de Kun Iam fica muito próximo do retiro do padre Januário: este encontra-se encafuado no meio de um quarteirão e aquele tem porta aberta sobre a rua. Por isso, bastaram-me vinte passos, ou pouco mais, para chegar ao Kun Iam Miu. Entrei, não com a ideia de fazer devoções à deusa, antes para ver o que fazia o meu perseguidor. E, como eu aliás já esperava, daí a dois minutos um vulto humano vestido de branco entrou no recinto. O indiano.

Olhei em volta: o templo, excepcionalmente, estava vazio. Sem dúvida haveria um bonzo, algures, porém não ali. Então, pensei: é agora que vamos esclarecer tudo, meu rapaz.

Caminhei, decidido e deliberado, na sua direcção. Quando me aproximei dele, tive uma pequena surpresa: não era um rapaz. A aparência de juventude mantinha-se, mas somente como aparência. Era uma daquelas pessoas que, pelo seu aspecto, tanto podem ter vinte anos como trinta, ou quarenta, ou cinquenta. No seu caso, lembro-me, pensei: entre os trinta e os noventa. O que, evidentemente, era absurdo.

Isto não me deteve, claro. Olhei-o com cara de poucos amigos e disparei, em português:

– Quem é você? Por que é que anda a seguir-me, já há dias?

O homem não se perturbou. Respondeu-me em forma de pergunta, com uma tranquilidade semelhante à do padre Januário:

– O que o leva a pensar que ando a segui-lo?

Isso tem uma certa graça, retorqui. Há cinco dias que o encontro em todos os lugares aonde vou. E com certeza não está aqui, sendo indiano, para queimar pivetes diante da deusa Kun Iam. Aconselho-o a responder-me, para resolvermos já o assunto.

Duvido, disse ele, que um português se encontre aqui para rezar a Kun Iam. O senhor é uma visita e eu estou em minha casa. Mas tem razão, é melhor resolvermos já o assunto, como diz. Eu não tenho andado a segui-lo, se o senhor me encontra a cada passo é porque me chama constantemente. É possível que não o faça em plena consciência, mas isso não impede que me chame. E eu vou aonde me chamam.

O meu primeiro impulso foi agredi-lo. Mereço alguma compreensão: eu não andava bem disposto e saíra da casa do padre Januário um pouco farto de charadas e dissertações sobre o princípio da compaixão. Aquela troca de palavras exasperara-me por completo. Por isso, levantei a mão.

Não terminei o gesto porque, no último segundo, reparei numa coisa que me deixou paralisado.

O rosto que eu ia esbofetear não era sólido... não totalmente sólido, pelo menos: havia nele um certo grau de transparência e sobrepunha-se ao da imagem de Kun Iam, que estava atrás dele, de modo que os traços dos dois coincidiam.

Deixei tombar o braço. Num sopro, perguntei:

– Quem é você?

O meu nome, respondeu, presta-se a várias interpretações. Enfim, para que não me acuse de fugir à questão, digo-lhe que o nome por que sou chamado é Avalokiteçvara. Isto significa alguma coisa para si?

A questão é que significava. Dei dois passos para trás, depois fugi do templo.

Só parei em casa. A minha casa, já desmantelada, em preparativos de partida. Foi-me preciso desfazer uma das malas que aguardavam o embarque marítimo em contentor. Era bem no fundo, sabia-o, que se encontrava o livro que eu procurava.

Avalokiteçvara: o Compassivo. O bodisatva mais venerado do Mahayana. Considera-se que encarnou em Çakyamuni. Quando o budismo se implantou na China, Avalokiteçvara, que representa essencialmente o princípio da misericórdia, da compaixão, passou a ser representado sob forma feminina, com o nome de Kwan-yin, ou Kun Iam...

O livro escorregou-me das mãos. Enchi os pulmões e libertei o ar com um grito que trouxe os vizinhos até à minha porta, a saber o que se passava.

Não me importei com isso. Depois daquele desabafo, sentia uma grande paz.

in *Rio das Pérolas*. Macau: Livros do Oriente, 2000

A HISTÓRIA QUE EU NÃO DEVIA CONTAR

João de Mancelos

A minha irmã sorriu, o rosto iluminado pelas treze velas ao redor do bolo de aniversário.

– Sopra!

Encheu o peito de ar e apagou todas as chamas de uma assentada. Um coro desafinado, composto pelos nossos familiares e colegas de escola, cantarolou o “parabéns a você”.

Exactamente sete minutos depois, a minha mãe acendeu de novo as velas.

– Agora é a tua vez, mano!

– Três, dois, um... – soprei com toda a força, enquanto os convivas bisavam os parabéns.

A Catarina e eu partilhámos durante nove meses o mesmo útero, e nascemos apenas intervalados por alguns minutos. Herdámos a telepatia dos gémeos: se um de nós se corta ao descascar uma maçã, o outro faz um lanho também; se regresso da escola angustiado, a Catarina sente uma irreprimível vontade de chorar.

– Vocês são pão da mesma fornada! – diz-nos a mãe.

Um ano antes, tinha-nos proibido de tomar banho juntos. Fosse a nossa entrada na puberdade, fosse a desconfiança de que existia entre mim e Catarina um afecto proibido desde o início dos tempos, o certo é que eu e a mana víramos o nosso amor ameaçado. A mãe jamais percebera que nós éramos *yin* e *yian*, e que nada nos deveria separar.

Consequentemente, dissimulámos a nossa paixão, e só namorávamos durante a noite. Cada qual saía do seu quarto, pé ante pé, e

encontrávamo-nos no consultório médico do pai, no andar térreo. Depressa o olhar se adaptava à semi-obscuridade, e percebia os posters que forravam as paredes: diagramas médicos, o mapa da circulação e uma imagem do aparelho genital feminino – pintado em tons de laranja e rosa.

O nosso ritual obedecia a uma sequência precisa. A Catarina acendia uma vela com cheiro de alfazema; eu sentava-me à secretária do pai, pegava numa caneta e fingia tomar notas num boletim clínico. Em seguida, observava a mana, que despiu as roupas na minha frente, peça a peça. Primeiro, a camisa de noite tombava a seus pés; depois, tirava a roupa interior. Uma penugem fina cobria o seu corpo iluminado pelo halo da vela. A um canto, um esqueleto de riso especado olhava-nos como um *voyeur*.

A uma ordem minha, a mana estendia-se no divã. Eu levantava-me, pendurava o estetoscópio ao pescoço e examinava-a, de olhos ora fitos no corpo que a adolescência torneava, ora na porta por onde o pai podia irromper a qualquer instante. Mais do que o acto de amor, o que nos excitava era aquela mistura de perigo e prazer.

No fim, a Catarina vestia-se, sem pressas, e colocava a questão habitual:

– Que tenho doutor?

– Uma infecção na alma.

– Tem cura?

Eu abanava a cabeça:

– Prognóstico reservado – e passava-lhe uma receita contra o incesto.

Depois de brincarmos aos médicos, beijávamo-nos uma última vez, antes de regressarmos aos quartos, muito sérios, numa pose que

nos parecia ser a dos adultos. Tínhamos medo e sabíamos que este comportamento estava errado. A mana contou-me que rezava todas as noites para afastar de nós a perversidade. Pela minha parte, tentava compensar as nossas más acções fazendo toda a espécie de recados que a mãe ou o pai pediam. Mas isso não me fazia sentir melhor. Um dia sugeri-lhe:

– Vamos parar de fazer estas coisas, mana.

– Só mais uma vez, Alberto. Está bem?

Porém, nunca era a última. Cedíamos sempre aos desejos da carne, porque nos víamos como hemisférios de um mesmo globo: um não podia existir sem o outro. Para tanto, cada um tinha rituais particulares. A Catarina, por exemplo, gostava de se contemplar ao espelho, de esconder o cabelo atrás da curva do pescoço, numa trança, de se imaginar como o rapaz que eu era. Eu dava comigo a escanhoar a barba tão rente que o meu rosto – mais anguloso do que o da Catarina – se assemelhava ao dela.

Esta identificação estendia-se a todos os actos do nosso quotidiano: vestíamos-nos sempre de igual, cultivávamos as mesmas amizades, copiávamos aquilo que a genética não tinha assemelhado em nós.

– O nosso segredo, mano. Nunca o contaremos.

– Nunca – assentia.

No entanto, com o tempo, em vez de brincarmos às escondidas, começámos a revelar alguns indícios da paixão. Só uma década depois percebi que essa necessidade se fundamentava no desejo de reconhecimento do nosso pecado. Começámos com pequenos gestos: caminhávamos de mãos dadas, ou trocávamos afagos breves – coisas aceitáveis entre irmãos, nada de escandaloso. Uma tarde, fomos mais longe. A Catarina pediu à Elisabete e à Sónia para se

encontrarem connosco, atrás do ginásio. À hora marcada, as raparigas compareceram, curiosas.

– Vou mostrar-vos como eu e o mano brincamos um com o outro... – anunciou a Catarina.

Para surpresa das raparigas, beijámo-nos. Primeiro, a língua dela traçou os meus lábios; depois, tocou-me os dentes; finalmente, entrou na minha boca. As colegas coraram, nervosas, indecisas entre sentirem embaraço ou lascívia. Terminada esta e outras transgressões, sentámo-nos em círculo sobre a erva.

– Que acham disto? – perguntou a mana.

A Sónia encolheu os ombros:

– É esquisito...

– Isto não é proibido, ou coisa assim? – perguntou a Elisabete.

– Sim. Mas por que há-de ser?

Não me recordo de ter ouvido resposta alguma.

O certo é que a culpa se tornava insuportável. A Catarina e eu desejávamos ser descobertos, expostos à humilhação e, por fim, punidos. Ao mesmo tempo, tínhamos medo, porque não sabíamos qual seria o castigo, e porque isso significaria o final do nosso amor. Vivíamos neste dilema.

– Não podemos continuar assim – dizia-lhe.

– Pois não, é errado.

– Mas não consigo parar, mana!

– Nem eu. É como se estivesse possessa.

– Achas que nos descobrirão?

– Talvez – suspirou.

Conscientemente, tornámo-nos mais descuidados. Deixávamos a porta do consultório aberta; acendíamos a luz do pequeno candeei-

ro; não abafávamos os gemidos durante o amor; e quase implorávamos pelos passos do nosso pai castigante, descendo as escadas para o rés-do-chão.

Nos meus pesadelos, ele espancava a Catarina, sobre o divã, no consultório. Ao fundo, a mãe assistia a tudo, sem intervir. Por fim, a mãe levava a Catarina pela mão, enquanto o pai me conduzia, para me aplicar o mesmo castigo. Ambos deixávamos um rasto de sangue pelo chão.

Fartos de segredos, a mana e eu estabelecíamos metas cada vez mais ousadas para o nosso amor. No último dia de aulas, a seguir à natação, sugeri à mana um plano arriscado:

- Vamos para a piscina, depois de todos saírem, e nadamos nus.
- É perigoso, mano! Seremos apanhados, é quase certo...
- Por isso mesmo. Para acabar com isto.

A partir da sala da caldeira, entrámos sub-repticiamente no balneário das meninas. Existia ali um aroma a cloro, sangue e hormonas. Uma essência mantida nas gotículas de vapor condensado que escorriam pelas paredes de azulejo.

- Podia fazer-se perfume disto, Catarina!
- Isto é perfume, mano.
- Diz-me: a nudez tem aroma?
- Claro. O medo, por exemplo, cheira a leite azedo. A pureza, a hortelã. O desejo, a terra depois da chuva.

Ocultámo-nos numa das cabinas de chuveiro e puxámos o cortinado de plástico. No nosso esconderijo, ouvíamos uma melopeia de ecos: gritos de miúdos, as bóias carambolando, o chapão de um mergulhador. Com o passar do tempo, estas frases sonoras foram-se tornando mais raras e de uma sintaxe desconexa.

Alguns minutos depois, as alunas da natação invadiram os balneários. Afastando um pouco a cortina, víamos as raparigas do oitavo ano despirem o fato de banho, entrarem nos outros duches, ensaboarem-se, regressarem aos bancos de madeira, limparem-se e vestirem-se sem pressas. Tanto eu como a Catarina nos sentíamos excitados, ao sermos *voyeurs* desta dança de nudez.

Mais sons: risos, despedidas, cacifos de metal a serem fechados, passos a afastarem-se, o pingar dos chuveiros. O último ruído a dissolver-se no silêncio foi o do enorme interruptor apagando as luzes principais.

– Vem, mana. Está na hora.

– Tens a certeza de que já saíram todos?

– Penso que sim. Mas não interessa pois não? Só temos a ganhar se nos descobrirem.

De mãos dadas, saímos do balneário, cerzidos às sombras. Não se via viva alma. Fui ao quadro geral e acendi as lâmpadas submarinas, que iluminavam intervaladamente a piscina.

A Catarina experimentou a água com o pé.

– Mmm. Está morna...

– Mas não é do aquecimento, Catarina.

– Pois não. Eles desligaram-no.

Sabíamos que inúmeros corpos, ao longo do dia, tinham temperado a água.

Despimo-nos completamente. Empilhámos as roupas de ambos num único monte, na margem da piscina. Depois, fomos até à prancha de salto e mergulhámos. Decorreu apenas um minuto até nos habituarmos à temperatura pouco mais fria do que a do ar. Durante meia hora, nadámos em círculos, roçando o corpo um no outro. Nadá-

mos abaixo da superfície, onde as luzes azuis revelavam partículas em turbilhão. Imaginei-as como a matéria placentária, mas sabia que mais não eram do que migalhas de cloro, e restos da pele dos nadadores.

– Sinto-me como um feto, Catarina!

Mergulhámos de novo. Imaginei-me no interior de uma bolsa materna, junto ao vulto da mana, um corpo embrionário com uma cabeça enorme. Dir-se-ia uma sereia, ou qualquer besta mítica – metade gente, metade peixe. O corpo dela ia mudando e o meu também, como se fôssemos um reflexo um do outro. Em seguida, um túnel escuro devolveu-me à terra. Recordo-me da luz do dia me ferir a vista. Lembro-me das primeiras vozes. Do ventre da nossa mãe lá em baixo. Do médico me levantar. Do choro puro da Catarina que nascera sete minutos antes.

Emergimos, a suplicar oxigénio.

– Dois minutos! Aposto que estivemos todo esse tempo debaixo de água, mana.

– Não. Três! Foram três! – gritou a Catarina.

– Ca-ta-ri-na! – bradei.

– Al-ber-to!

Bradámos outra e outra vez, até as reverberações sonoras se confundirem. Ca-al-ta-ber-ri-to-na. Aproximámo-nos e abraçámo-nos, como se nos quiséssemos fundir. Os dois corpos feitos um afundaram-se. Consumimos, pouco a pouco, o ar que nos restava nos pulmões. Depois, agitámos os pés e subimos. Quando emergimos, as luzes do tecto da piscina estavam ligadas. Na margem, o guarda-nocturno, um velhote, olhava-nos, incrédulo.

– Catarina? Alberto? Que se passa aqui? – deu alguns passos na nossa direcção. – Mas vocês estão nus!

A partir daqui, o fio que conduz ao fim da história é emaranhado. Uma sucessão de acontecimentos que o inconsciente deliberadamente confunde para poupar a razão à dor. O vigilante fez queixa ao director; o director ameaçou-nos de expulsão e chamou os nossos pais; os pais coraram de vergonha e levaram-nos ao psicólogo escolar; o psicólogo quebrou o sigilo ao contar tudo à esposa, professora de inglês; a professora deixou que a história transpirasse para os nossos colegas; os colegas passaram a evitar-nos. Uma história sem fim de recriminações. Ninguém nos percebia. Tratavam-nos como se fossemos duas pessoas diferentes, em vez de partes do mesmo indivíduo. Ca-al-ta-ber-ri-to-na, dissera o eco.

Já passou um mês desde o incidente na piscina. É noite de lua nova, e eu e a mana encontramos-nos em segredo no rés-do-chão da nossa casa. Tudo foi planificado com o maior cuidado durante a tarde de hoje.

– É agora ou nunca mais. Se um de nós fraquejar, o outro tem de lhe dar força, entendes, mana?

– Não te preocupes, não me vou abaixo.

Os degraus rangem sob os nossos passos, apesar de todas cautelas – e desta vez, não queremos ser descobertos. Subimos as escadas, devagar. Quando chegamos ao primeiro andar, encaminhamo-nos para o quarto dos pais. Como o chão do corredor é atapetado, podemos mover-nos silenciosamente.

Abrimos a porta do quarto, devagar, e espreitamos. Os vultos dos pais estão adormecidos no leito de carvalho que já tinha pertencido aos avós. Lembro-me de, quando éramos pequenos, aguardarmos pacientemente que os pais se levantassem, para ocuparmos as suas posições, ainda mornas, na cama.

Pé ante pé, separamo-nos: a Catarina ajoelha-se junto da mãe; eu debruço-me ao pé do pai. Durante alguns instantes, rezamos por coragem.

– Estás pronta?

– Vamos a isto.

Com o menor ruído, puxamos dos facalhões da cozinha, previamente afiados. Erguemo-los; aproximámo-los dos pescoços dos pais; cortámo-los, num gesto rápido. O sangue esguicha. Eles estrebucham, como peixes na rede. Tentam gritar, mas é impossível, a garganta alagada de sangue.

Demoram algum tempo a morrer. A Catarina vira o rosto; eu, não. Os olhos da minha mãe, esbugalhados, incrédulos, fixam-me no último instante. Depois, todo o movimento cessa.

Arrastamos os corpos para fora do aposento: primeiro o pai, depois a mãe, deixando um rasto de sangue nos tapetes. Despi-mo-nos. E é naquela cama antiga, empapada de sangue, que eu e a minha irmã nos amamos para o mundo pela última vez.

in *As Fadas Não Usam Batom*. Lisboa: Nova Vega, 2004

EFÉLIDES

Jorge Vaz de Carvalho

Enamoram-me as sardas. Célia tinha-as por todo o corpo, miríades de efélides em branca velutina irrigada de azuis: sobretudo, nos cômoros do peito, em torno das rosalvas auréolas aromáticas.

Durante o jantar, convidara-a para ver a minha colecção de selos de castelos. Veio a propósito de confessar que era muito romântica e venerava todos os filmes e romances de pucelas em perigo e paladinos destemidos. Eu tinha os selos em álbuns, por países e ordem alfabética. Íamos já quase a meio do A, quando lhe mastiguei um grão de rimel e, blush abaixo, a carnação carmim do bâton. Ainda discorreu um discurso discordante, pensado com os seus botões, mas foi-se deixando, não sem personalizada resistência, desabotoar. Nem saímos mais do sofá. Só de madrugada a desnudei totalmente: oh, admirável emoção, a de uma pele plantada de efélides!

Sempre fui doido por sardas: no rosto, nos ombros, no peito, nas mamas. Pensei até emigrar para a Irlanda, seguindo o rasto desses cardumes. Cheguei a dar uma série rara de selos do Líbano (embora sem o carimbo de emissão), só porque na coleccionista me arroubava a opulência enxameada das lentigens. Após um tango (queria sempre que nos despíssemos dançando tangos), a perspectiva de passar a vida face a face com as chispas radiantíssimas fez-me vaguear pelos arrabaldes da paixão. Percebi que não a amava porque me irritou a teima enternecida de me despentear os cabelos. É um sinal inequívoco. Há que saber ler a tempo os sinais. Só quando estamos verdadeiramente apaixonados gozamos tais desordens.

Com Célia não foi tão fácil. Tivera um só namorado, um vizinho do Banzão que a seduzira numa festa, já ébria e distraída. Uma donzela de bem entende sempre tarde demais a potência alucinatória de Eros. Mas é nosso dever acreditar, se pretexta honestamente com o néctar de Diónisos esses abusos que a natureza acorda por puro apetite. Quando se desculpou da indiferença pelo sexo, não discordei que era sequela traumática do estupro inicial, inconsciente e sem prazer. Nunca permitiu que a desnudasse da cintura para baixo. Eu, que defendo a castração dos violadores como acto civilizador, agradei ao elegante feitio da saia a bondade de se deixar alçar tão facilmente, para me conceder a claridade do consentimento; e nem perdi tempo a descalçá-la.

Oh, maravilham-me as sardas. Maravilhar-me-ia, mesmo sem elas, um corpo celeste como o de Célia. Nem concebo a razão de ser de tanta beleza senão por se converter num corpo erótico que, por outro exaltado, fulgure em jubilosa anagogia. Célia desprezava o seu, ofertando-o ao prazer com generoso desinteresse e quase tédio dos esforços que eu fazia por transformá-la de coisa bela também em coisa deleitosa. Nada, nem a carne impassível me diminuía o vigor, aceso pelas centelhas das efélides. Entusiasmavam-me (sobretudo) nos zimbórios monumentais dos seios, como astros propícios por que orientasse a rota da volúpia. Era como navegar, noite quente, em águas preguiçosas, ter por baixo o firmamento, enquanto subia ao zénite das estrelas.

Adormeceu, entretanto, deixando-me nas mãos os dois objectos ideais de matemática esférica. O olhar livre e perspicaz do meu espírito exultou. Tomei-os por hemisférios celestes, austral e boreal, e adivinhei constelações. Oh, densa beleza do cosmos, deslumbrante

irradiação de esplendores numa variedade e harmonia que se afigura, como reflexo e imagem (em negativo) da Beleza primeira. Ao longo da frente polar, concebi que esses sinais talvez não fossem, preto no branco, um desenho arbitrário, mas a vera representação do ser profundo, ou a carta de um destino. Considerando delicadamente também as costas, no espelho, especulei que essa rapariga fixa, capaz de desolar os sonhos longínquos do mais bravo sedutor, reflectiria afinal o seu segredo no bordado da pele, bastando, para o desvendar, identificar a congruência das figuras na sua formação arcana, entender como interagiam as luminárias agrupadas no mapa astral.

O despertador alvoroçou-nos em câibras e queixas musculares (o desconforto do sofá). Espreguiçou-se como leopardo branco sob um junípero. Depois, cruzou sobre a pele os braços, muito transtornada por se ver quase desnuda, os sapatos ainda nos pés.

– Achei que não terias tempo de passar por casa e a saia ia ficar amarrotada.

Demorei então de joelhos, no convencê-la a tomar duche comigo. Lentamente, com os lábios soletrando os restos de rímel e do bâton carmin, descalcei-a. Libertos ambos os pezinhos, premiei-os de beijos, porque, à excepção dos brincos, do colar, do par de pulseiras, dos quatro anéis e do relógio, Célia consentira em mostrar-se finalmente nua. Foi então que a noite se consumou perfeita, na suprema surpresa da alvorada: ante mim despontavam, prodígio e maravilha – oh, a paixão enternecida de fixá-las – constelações de efélides...

– Ai, não me faças cócegas...

... nas plantas dos pés!

Tanta beleza suscitava-me uma certeza metafísica, mais do que o simples sentimento poético de admiração. Intuindo ver revelado

o inequívoco sinal de que me era destinada para acolher o benefício da felicidade eterna, decidi decifrá-la.

Enviei-lhe logo, nesse dia, um bilhete carinhoso, com uma citação do *Cântico dos Cânticos*:

“Põe-me como um selo sobre o teu coração”.

Passei a ir, ao fim da tarde, esperá-la ao ginásio. Noites fora, depois que o sono inocente a vinha redimir aos meus vigores, papel vegetal na mão e meticulosa paciência, reproduzi numa dúzia de folhas sobre o corpo os seus sinais, nas justas proporções e distâncias correctas entre si. Todas as manhãs, durante o ror de tempo que demorava entre o banhar-se e o vestir-se, com unguentos, adornos e perfumes, eu estudava atlas e tratados sobre a notável tapeçaria do firmamento. Abandonei a colecção de selos e dediquei a melhor parte da vida a perscrutar o extraordinário enigma, tentando acordar os corpos celestes no corpo sincero de Célia.

Persisto hoje ainda, um casalinho, duas hipotecas e alguns *leasings* depois, a teorizar uma explicação definitiva.

Porto, 2005

A CAMA DE PREGOS

Luísa Costa Gomes

Espanta-o que não estejam diferentes. Por baixo do velho que fita, amuado, a colcha da cama, continua a ver perfeitamente seu irmão Páris. Vê-o com vinte e poucos anos, por alturas da última grande cena de pugilato fraternal. Não se lembra do seu próprio lábio rachado, nem dos socos sem jeito que trocaram, nem do motivo deles. Para sempre o irmão lhe ficou na memória como esse que, desistindo de lutar, o ameaçara de longe, fugindo e chorando, na desvantagem risível que sempre tivera de se esganiçar quando se exaltava. Páris gaguejava, de braço erguido, à procura da palavra que mais pudesse magoar à distância. Desejo ele mesmo contraditório, pois não era o próprio Páris a guinchar que nada poderia alguma vez magoar Adónis?

São, portanto, os mesmos dois irmãos, agora velhos. Aumentadas apenas algumas diferenças na aparência: Páris mais magro, mais narigudo, mais corcovado e Adónis mais sólido com os anos, entroncado, mais vermelho, o mesmo gesto voraz de pôr a mão sobre o peito, sempre pronto. E havia a diferença fatal: Páris estivera morto, fora recuperado à força, e da morte não ganhara senão abatimento e uma grossa falta de paciência para a vida comum. Isto já ele possuía em quantidade antes de morrer, pelo que, no facto, pouco mudara depois da crise, a não ser para os outros.

Adónis fica na soleira da porta, o pé direito ligeiramente adiantado. Mas não hesita muito tempo, reconheceu logo o vinco de Páris entre as sobrancelhas, ao fim de vinte anos e avança para o irmão como quem toma remédio, duma assentada. Pára em frente da cadeira de rodas, reprime a vontade de ajeitar o cabelo ralo disposto

da direita para a esquerda em arc-en-ciel de orelha a orelha, senta-se sobre a colcha de rosas diminutas, escolhe as palavras:

– Então? – diz . – Como é que isso vai?

A cunhada entra nessa altura com um copo de leite.

– Ele nunca se esqueceu, nunca perdoou – diz ela. – Aquilo que aí vês é obra tua.

Referia-se ainda à querela sobre a mobília da sala de jantar. O pai defunto, a mãe defunta, os tios e as tias arrumados, não restara senão a mobília da casa : da sala, dos quartos, o bengaleiro da entrada. Fez-se o rol, não era possível dividir com justiça. Havia uma taça de cristal, havia um espelho, havia o quadro com a pequena gravura, havia os retratos, como guardar uns e perder outros? Adónis jogou a moeda ao ar. Foram para ele, diante de um Páris emudecido de ressentimento pela leviandade do irmão, a mesa e as cadeiras de pinho enegrecido pelo uso e pelo tempo. Adónis vendeu tudo a peso, incluindo a mobília sentimental, logo de seguida. Dizia que queria ir numa viagem ao Oriente. Tinha quarenta e cinco anos, vivia ainda como um jovem, disto e daquilo, sem obrigações.

– A colite do Páris, – disse a cunhada – é daí. Da colite, veio o coração. Do coração, o ataque. E aí o tens, numa cadeirinha de rodas. Um dia fui dar com ele já roxo, estendido no chão da cozinha, todo a arfar, com um lanho ali na testa...

Contemplaram ambos a testa muda de Páris, que baixara mais a cabeça. Em vez do lanho, vislumbraram apenas as sobrancelhas dele, resguardo das atenções.

– Mas é por isso mesmo que eu cá vim – interrompeu Adónis. – Para pedir desculpa, primeiro. E depois dizer ao Páris que o quero compensar no que for possível.

– Compensação, agora... – lamentou a cunhada.

– Que dizem os médicos?

Depressa, a cunhada desrespeitou cada um dos físicos na respectiva especialidade. Vinha um e era duma maneira, outro diferente, nem a língua ela conseguia entender, mas ao fim o que se percebia não dava grande coisa. Era mais pela cara deles que ela tirava o sentido da doença. A cunhada gostava mais dos graves, que a tratavam sempre por senhora dona, quaisquer que fossem os resultados das análises. Havia uns que enganavam muito, os sacaninhas sorriam e abanavam a cabeça tristemente ao mesmo tempo. Desses ela dizia:

– Um sonso. Nunca mais lá voltei.

Páris encolheu os ombros. Havia nele ainda um grande sentido da oportunidade. Não falara, não levantara a cabeça. Pendiam-lhe as mãos dos braços da cadeira. Adónis fixava-se ou no rosto da cunhada ou na porção de colcha que o irmão contemplava. De vez em quando, olhava em volta, com um meio sorriso.

– Sabem que estive no Oriente, na China, na Índia, no Paquistão. Trouxe de lá uma peça muito preciosa, que faz autênticos milagres em casos como este.

Era a cama de pregos do célebre Faquir Mudami, proficiente em todas as artes do sofrimento e auto-mortificação, que ainda continuava a fazer, embora praticamente canonizado, experiências dolorosas em si mesmo e nos seus discípulos com espírito de sistema.

– Tu vens cá ao fim de vinte anos para nos fazeres uma desfeita destas? Depois de nos roubares a mobília da sala e de seres a desgraça do teu irmão, tu vens cá oferecer uma cama de pregos?

– Não é uma cama de pregos, é a cama de pregos do Faquir Mudami, que tem propriedades curativas inigualáveis. Já foi experimenta-

da por vários pacientes meus e deu sempre resultados maravilhosos.

– Pacientes teus? – articulou finalmente Páris. – Em que raio de vigarice é que te meteste agora?

E foi especialmente claro. Muitas vezes tinha dificuldade em controlar a língua, que se lhe entaramelava nos molares, ou dificuldades anteriores à língua, quando a cabeça não se lembrava das palavras, mas desta vez as frases que disse podiam ser logo passadas a papel. E depois de as dizer, bebeu finalmente de um trago o copo de leite que descansava na mesinha de cabeceira.

– Acredita em mim. Confia. Este Faquir Mudami, com quem eu estudei uns cinco anos, não é dos que engolem espadas inteiras, mas é um santo, um grande homem. Sempre jejuou muito para se purificar, ficava tudo admirado de o ver em pé ou a rezar em posições muito desconfortáveis. O conforto é o diabo para a alma. A sua cama não impede de dormir, apenas dá um sono diferente, mais espiritual. Era um iogui, também, sabes o que é? É...

– Come este copo – interrompeu o Páris. – Se és tão faquir, podes comer vidro.

– Não acreditas em mim.

– Faz o que te digo e acredito.

– Não acreditas, ou não me pedias provas.

Páris pegou no copo e estendeu-o ao irmão. A doença não lhe alterara a visão de pormenor. Reparou que saíam pêlos das orelhas de Adónis e isso encheu-o de um grande contentamento.

– É sem compromisso – disse Adónis – se não ficarem satisfeitos, devolvem-me a cama e assunto encerrado.

– Porque é que não te vais mas é embora? Não achas que já gozaste que chegasse?

Adónis levantou-se de repente, com alívio. Assim terminava uma visita que não augurava muito desde o princípio. Mas a partida estava ganha: procurara ajudar o irmão e a cunhada, eles tinham recusado. Há dois anos que voltara a Lisboa e insistira, pelo menos duas vezes. Da primeira vez, fora mal recebido ao telefone. A cunhada fingira não o reconhecer. Adónis? Não conhecemos cá nenhum Adónis! O senhor, se não se importa, desliga e não incomoda. Deixara passar uns meses. Num ócio a que o forçava a falta de trabalho, tentara de novo a reconciliação. Acabava assim. Entrara, oferecera, punham-no fora. Estava despachado.

Páris, na cadeira, ainda pensou seguir o paradigma do que se ri diabolicamente na vitória, mas faltou-lhe o nervo. Ficou a sorrir quase, de copo na mão, débil, sem garra. Teve pena. Teria sido um bom final, se a realidade fosse o que sempre ambicionámos. Mas estava cansado, tinha sono e vontade de urinar e tudo isso lhe pesava demais, para ainda por cima ter de se rir diabolicamente do irmão – o palhaço, aldrabão, agora armado em faquir.

Longo tempo debateram, Páris e a mulher, o fenómeno Adónis. Tudo nele lhes parecia repelente. Páris escavou fundo no passado para encontrar as diversas formas de mentira de que o irmão era o culpado e ele a vítima. Tinham sido mentiras evidentes, como esta de estudar cinco anos com o faquir Mudami, tinham sido mentiras que só eram descobertas por acaso, cruzando alguém na rua que casualmente desconfirmava o que Adónis tentara fazer acreditar, tinham sido omissão, dissimulação, invenção, falsificação de factos e dizeres – Páris viera a saber que a mobília parental não era de pinho, madeira vil, como Adónis afirmara para a desqualificar, mas de cerejeira, bem mais valiosa. Não chegara com certeza para pagar a viagem à

Índia, mas a intenção era malévola e era a intenção que matava.

Páris defendeu que Adónis mentia por maldade, com intuito de criar uma expectativa, viciado no prazer de assistir à desolação do outro, mas a mulher, que não o conhecia tão bem, e no intuito talvez apenas de contrariar o enfermo, julgava saber que Adónis muitas vezes nem sequer tinha a percepção de estar a mentir. Era um traço de individualidade, que o definia, como ser peludo e pernicurto. Não deixava, por isso, de ser grave e lesivo para todos. Para ele próprio, que vivia num mundo de fantasias, para os outros, que se viam forçados a não o levarem a sério. Páris, sobretudo, não via grande diferença entre mentir por maldade ou sem querer, dado que os resultados eram os mesmos. Era a confiança que estava em causa. A confiança abalada na raiz.

Após este colóquio, Páris caiu em letargia. Deixou de comer, não disse uma palavra durante dias. A mulher preocupou-se, invectivou-o, fez-lhe ameaças. Se não comia, morria. E ele abria um pouco a boca, esforçava-se por engolir, fechava os olhos encovados, e bolsa-va. Não era capaz. Veio o médico com o soro, vigiaram-no, julgaram que estava de novo à morte. O coração, no entanto, mantinha-se firme, ao leme. Batia regular. Indiferente ao sofrimento de Páris.

Veio o Natal, passou o feriado de Ano Novo e Páris melhorou. Sentava-se na cama e charlava com a mulher e uma vizinha que gostava de doentes e de doenças. Pelos finais de uma tarde tão inactiva como outras, saindo a vizinha pela porta com muita recomendação, Páris perguntou à mulher:

– Tu tens aí o número do meu irmão? Estava capaz de falar com ele por causa daquilo da cama.

A mulher fixou-se nele como se o visse pela primeira vez.

– Enlouqueceste? Qual cama?

Referia-se ele, bem entendido, à cama do faquir Mudami, que lhe parecera, mesmo assim, inocente e bom homem. Conseguira, nesse tempo que os outros julgavam morituro e afinal era reflexivo, desenganchar a personalidade do faquir da do seu autor, Adónis – e crer numa, detestando a outra. Não se pode dizer, por outro lado, que Páris e a mulher tivessem esgotado todas as possibilidades terapêuticas. É conhecido o calvário dos que, descoroçoados com a incompetência da medicina oficial, se entregam a todo o tipo de piedosas aldrabices que funcionam mais ao nível da esperança psicológica do que nos rins. Páris não era desses. Dera-se por paralisado, embora não o estivesse, pois era perfeitamente capaz de se levantar da cama e sentar-se na cadeira, levantar-se da cadeira e deitar-se na cama; e dera-se por incurável, embora ninguém lho tivesse prognosticado. A morte seria um imenso alívio. Primeiro e sobretudo para ele, cuja curiosidade pelo sono absoluto era a um tempo benção e maldição.

Páris sentia uma grande dificuldade em explicar por que raio se lhe insinuara no espírito a ideia de procurar o irmão e reclamar a cama de pregos do faquir Mudami. O longo jejum a que se forçara, as noites sem sono, a remoer, a rememorar as injúrias de Adónis, levaram-no insensivelmente a considerar-se bastante próximo desse santo homem que dormia sobre pregos para não se esquecer do corpo. Era isso que Páris sentia sobretudo: uma impossibilidade de se esquecer do corpo, quando lembrá-lo não lhe dava prazer e não tinha qualquer utilidade. Um peso morto. A costela ascética de Páris nascera, provavelmente, com ele. Quem sabe se não faria já exercícios de auto-controlo, encolhido em posições muito desconfortáveis a um canto do ventre de sua mãe, no mesmo ventre em

que Adónis se espojaria mais tarde, de papo para o ar, ocupando o espaço todo?

Por alturas do Natal, insensível e semi-morto em sua cama de casal, Páris vira, na doce madrugada, a planar sobre a cómoda, a cama de pregos do faquir Mudami. Vira-a nitidamente, rodando a um lado e a outro, apresentando-se sob todos os ângulos ao olhar semi-cerrado de Páris, qual um belo produto numa montra comercial. Era feita de madeira rude, escura, e tinha a forma de uma escova-de-fatos gigantesca, mas uma escova de planta quase quadrada, mais a puxar à palmatória. Em vez do pêlo, estavam os pregos, colocados em malha muito cerrada, de pontas achatadas à força de martelo, fazendo um lençol metálico côncavo, a superfície que recebia as costas pele-e-osso do faquir .

Em meio de Janeiro, tinha Páris reunido coragem suficiente para pedir à mulher o número de telefone do irmão. Ela olhara-o de tal maneira que Páris achara por bem calar-se e começar as buscas furtivas pela casa, quando a mulher saía para as compras. Não estava o número na agenda junto ao telefone. Não estava na mesinha-de-cabeceira, não estava na velha escrivaninha da sala, mais passada para lá do que para cá, com um suporte do tampo desaparecido e outro perro, o que fazia da designação de escrivaninha um eufemismo gentil, como chamar decorador de interiores ao trolha que vem assentar o azulejo. Páris, febrilmente rodando pela casa na cadeirinha, espiolhara todos os prováveis esconderijos. Uma tarde, brilhantemente, lembrou-se da lista telefônica. Havia um Adónis, mas não era Moreira. Decidiu telefonar, sentindo talvez como possível que todos os Adónis de Lisboa fossem amigos entre si. O número fora alterado, as informações telefônicas desconheciam o paradeiro

do irmão e Páris viu-se obrigado a perguntar de novo à mulher.

Ela não aceitou bem a insistência. Que coisa queria ele? Que ideia era esta do faquir? Que nova loucura teria de suportar agora? Subindo de tom, a mulher surpreendeu-se até a si mesma numa disjuntiva final: ou Páris desistia do irmão e do faquir ou desistia dela. Iria viver para casa da vizinha. Continuaría a vir trazer-lhe as refeições, mas recusava-se a cohabitar com um tresloucado que perseguia uma cama de pregos, cuja existência era tudo menos provável.

Perante o silêncio de Páris, que fitava muito determinadamente a colcha das rosas, de costas voltadas para a janela como era seu hábito, a mulher fez a trouxa e pôs-se à porta. Antes de sair atirou-lhe um pequeno papel amarrotado, que aterrou aos pés da cama. Páris não contemplou longamente o papel, embora compreendesse que a transacção lhe saía talvez excessivamente cara. Digitou o número e ouviu a voz de Adónis na gravação. Apresentava-se aquele como médico naturista e iridólogo e pedia que deixassem o contacto. Foi o que Páris fez, seco e ressentido.

Adónis apresentou-se no dia seguinte. Os olhos de Páris viram-no triunfante. Quando o irmão se sentou no puído cadeirão de braços, já Paris se arrependia de ser quem era.

– E a cama? – perguntou.

Estava guardada num armazém em Mem Martins, onde o agitado naturista depusera as preciosidades das viagens. Tinha lá o rosário de mil contas do sufi Abdullah e a espada que matara Rami, o derviche, caindo ele, por decreto divino, sobre a lâmina, em êxtase dançante. Contou que trouxera ervas medicinais em grandes sacas, mas que agora lhe apodreciam e perdiam as virtudes, por causa da humidade ali de Sintra.

– Tu não terás por acaso uma arrecadação? É que se está a estragar tudo... São plantas raríssimas, é uma pena. Eu tenho poucos doentes, as pessoas agora têm mais saúde, parece, comem mais legumes, bebem leite, tudo isso tem consequências.

Quando deu por si, Páris estava a prometer ao irmão o espaço livre dentro do armário do quarto contíguo para as ervas exóticas. Em troca, Adónis traria a cama.

– Mas precisas de treino – disse ele. – Não penses que é qualquer um que se pode dar ao luxo de dormir numa coisa daquelas. Eu devo é ficar contigo uns dias, para te ires aclimatando. Que é feito da tua mulher?

No final da tarde, Adónis ficou de se mudar para casa do irmão, com a cama e as plantas. Havia também uns utensílios de cozinha que eram especialmente afeitos ao cozimento das poções, e esses viriam também. Páris, ainda ao concordar, já se arrependia intimamente de tudo. Sempre lhe parecera que o irmão ganhava, desde que nascera, ganhava todas as partidas. Durante a noite pensou numa forma de se livrar dele, ficando ao mesmo tempo com a cama que lhe pertencia. Durante a noite, tudo se esclareceu. Diria ao irmão:

– Eu não tenho afinal espaço para ti, nem para as tuas coisas. A minha casa dá à justa para mim e para a cama do faquir.

Isto lhe disse na manhã seguinte, ao que Adónis respondeu:

– Compreendo. Não te preocupes, eu trago a cama ainda hoje e dou-te as instruções.

Mas ainda se sentou um bocado a tomar uma tisana que tinha fabricado, e depois de um silêncio ritual, traçou a perna curta e expôs:

– Este faquir Mudami é um tipo engraçado. Bebe que nem uma esponja, desrespeitando todos os preceitos da religião, e faz jejum.

Dorme na cama de pregos, sozinho, mas tem pelas redondezas mais de vinte filhos. E reza, dias e noites, depois de espancar os discípulos.

– É um hipócrita! – gritou Páris.

– Isso não sei. Não foi o que me pareceu. Deus também não é sempre bom, não é verdade? Mas é sempre bom o que Ele faz.

Páris sentiu que voltava a ter alguma sensibilidade nas pernas. Sentir, gelou-o. Pensou, mas muito rapidamente, no diabo. Em Adónis e no diabo. Fechou os olhos.

– Danado. Isso não se diz.

O efeito de Adónis sobre Páris, há cinquenta anos, ou hoje mesmo, sempre idêntico. Um mentia, o outro tornava-se pequeno inquisidor. Um faltava à verdade, o outro apontava o dedo. Um inventava uma história, uma heresia, o outro fazia-se moral. Páris, que não acreditava em nada senão na prisão do seu corpo, diante de seu irmão Adónis que lhe dizia banalidades sobre Deus, surpreendia-se quase seminarista. E roía-se de inveja – Adónis tinha sobre ele efeito, e ele nenhum sobre Adónis.

Adónis sorriu, ajeitou as meias de cor creme que respiravam calmamente pelos furinhos dos sapatos, e calou-se. À saída, arrastando duas leves sacas de serapilheira com as suas ervas, disse que voltaria em breve, era só encontrar alguém que o ajudasse a carregar a cama. Informou que, sendo pequena, a cama não deixava de ser pesada. E que era preciso ter cuidado para não a pôr na intersecção de correntes eléctricas que podiam alterar-lhe as propriedades.

Deixou Páris entregue à mais perfeita descrença. Se pudesse, sem se magoar, bater fisicamente com a cabeça nas paredes, culpando-se de ingenuidade, de credice, de estupidez absoluta, tê-lo-ia feito. Apenas deu por si a bater com a mão no peito devagar, distraidamen-

te, sem conseguir deixar de remoer todas as contradições do irmão: primeiro o faquir jejuava e rezava até espantar a comunidade pela sua resistência, depois, afinal, era um bebedolas que não se tinha em pé, e o santo homem transformava-se num fornicador colérico que fazia filhos aos pares e distribuía pancada pelos discípulos. Que virtudes poderia ter a cama de um homem assim? Chegava Páris afinal à questão propriamente dita, por caminhos ínvios, muita reflexão inconsútil, e levantou a cabeça, ficou suspenso, teria arrebitado a orelha, ao ruído da única pergunta acertada:

– Que doença pensa ele que eu tenho, para me propor esta cura?

Já não era a cama que perseguia. Queria saber, de uma vez por todas, o que pensava Adónis sobre ele. Telefonou, ouviu a gravação, deixou mensagem. Esperou Adónis e o cumprimento da promessa. Adónis desaparecera. Páris encontrava recursos inéditos para procurar o irmão. Pagou à vizinha, às escondidas da mulher, para que se chegasse a casa de Adónis, lhe deixasse um papel por baixo da porta. Telefonou à vizinha de Adónis, de quem conseguira o número pelas informações, alegando emergência, para que chamasse o irmão. Tudo infrutífero. De noite, ligava de meia em meia hora, até às três e quatro da manhã.

A mulher voltou para casa, mas mantinha-se afastada. Páris ouvia-a arrastar móveis e costurar na velha máquina. Não era um som que lhe fizesse companhia, antes o irritava, porque não podia habituar-se a um ruído que não era regular. Era uma coisa que acontecia de vez em quando, e isso esgotava-lhe a paciência.

Passaram quinze dias sobre a última visita de Adónis, depois três semanas. Quando ia quase fazer um mês, Páris deixou de esperar. Deu-se o fenómeno da noite para o dia, literalmente. Páris deitou-se obsessivamente preocupado, a remoer juízos, a projectar, a anotar

as suas queixas para a próxima conversa com o irmão, e acordou calmo, límpido, feliz. Desactivado. Nessa tarde, virou-se para a janela e sentiu curiosidade pelo que se passava na rua. Viu uma mulher de saltos altos a correr atrás de um menino que lhe fugia, a rir, para o meio da estrada, onde passava naquele momento o eléctrico. Viu o gesto que fez o guarda-freio, a descompostura que pregaram ao menino, que continuava rindo, pequenino, ao colo da mãe. Interessou-o um violinista cego, com a caixa de esmolas pendurada ao pescoço, que era objecto de escárnio de dois rapazes, um branco e um negro, que se faziam passar por seus ajudantes para lhe ficarem com os proventos. Chegava-lhe o som raquítico do violino, tocando uma espécie de fado com qualquer coisa de vienense, e via a aflição do cego que escutava, de cabeça à banda, o tumulto dos passantes e estranhava a falta de esmoleres. Viu passar autocarros. Ouviu buzinas e discussões entre automobilistas. Uma carrinha parou a descarregar fogões. A fila aumentava, Páris via de cima os braços dos condutores, fazendo gestos, para o par de tranquilos rapazes que transportavam, conversando, as mercadorias para a loja. À porta, parado, um indiano de bata azul, observava a cena, em silêncio, com a mão direita na bochecha. Veio de dentro um igual, que parou a seu lado. Depois disse qualquer coisa, e voltaram ambos para a loja. Nessa altura já o mais incomodado dos automobilistas deixava o carro e se dirigia à carrinha, que começou a abanar energicamente. Os dois indianos saíram de novo, observaram, entraram. Um deles veio ainda cá fora enxotar dois cães de rua, um muito gordo e outro muito comprido, que se levantaram, fingiram pôr-se a andar, esperaram que ele entrasse e sentaram-se de novo, dois passos mais à frente. Páris divertia-se enormemente. Considerou chamar a mulher e partilhar com ela tais

especialidades lisboetas. Mas os termos da relação entre eles não eram os melhores, e não seria uma simples cena de rua a transformá-los.

Dormiu mal, Páris, nessa noite, cheio de imagens vívidas da Almirante Reis. No sono, não conseguiu encontrar nunca o singelo prazer de ter curiosidade pelos factos comuns. Tudo lhe aparecia monstruoso, ameaçador, e a rua era um imenso rio de lixo e pó, por onde o vento soprava, levando consigo jornais, sacos de plástico, um ou outro boné, caixas de papelão.

Na manhã seguinte, Adónis tocou à campainha. Vinha, de uma assentada, trazer a cama de pregos e despedir-se. Voltava para a Índia, dizia.

– Fazer o quê? – perguntou o irmão.

Adónis queixou-se de não ter lugar no Ocidente. Disse ainda qualquer coisa sobre a sabedoria multimilenar de outras civilizações, com os tufo de pêlos nas orelhas e a perna curta traçada, remexendo na meia de cor creme. Páris imaginou que ele estaria metido num tráfico qualquer, possivelmente droga, ou mulheres, uma coisa sórdida e perigosa.

Puseram-se então a considerar onde ficaria instalada a cama de pregos. A mulher, que ocupava o resto da casa, não aparecera a cumprimentar Adónis. Isto era sinal de que a cama do faquir teria de encontrar um espaço no quarto de Páris. Que era acanhado e tinha a mobília indispensável.

– Põe-se ali ao alto, encostada à parede.

Adónis, muito lesto, chegou à escada a chamar os rapazes.

– Tragam lá a cama! – gritou do alto.

Avistando os dois efebos morenos que faziam favores ao irmão, Páris teve um baque. Tráfico de rapazes, seria? Não, não era possí-

vel descer tão baixo. Adónis dava-lhes instruções com exactidão. Passem pela vossa direita, levantem mais meio metro, com cuidado, ponham primeiro o vosso lado direito no chão, segurem por baixo com as duas mãos, encostem à parede a trinta graus. Páris, ainda deitado na cama, e saciada a primeira curiosidade, olhava para a janela. Completadas as operações de entalamento da cama de pregos entre a cómoda e o armário, Adónis disse:

– Então, que tal?

– Obrigado, – disse Páris. – Acho que fica bem.

A cama não era como imaginara e vira. Era uma simples placa de madeira prensada, a esfarelar-se nos cantos, com uns poucos pregos de aço novos semeados aqui e ali. Era, claramente, uma coisa feita à pressa pelo próprio Adónis, quem sabe se no tal armazém suposto em Mem Martins, onde guardava o rosário, a erva e a espada.

– Agora dou-te as instruções, porque isto tem os seus quês. Para usares com utilidade a cama de pregos do faquir Mudami podes escolher uma de duas vias: ou aprendes a levitar, de modo a não tocar com as costas nos pregos – o que leva tempo –, ou controlas a dor. Para controlar a dor tens três tipos de exercícios: de relaxamento, de concentração e de imaginação. Primeiro inspiras, um, dois, três, quatro, cinco, seis e pensas em cada parte do teu corpo...

Os rapazes, da ombreira da porta, olhavam alternadamente para Adónis e para o irmão. Páris, presa das piores suspeitas, imaginando os horrores cometidos por Adónis no Oriente e no Ocidente, ia fingindo ouvir e assentindo a tudo o que ele dizia, não se atrevendo a olhar para os rapazes. Um deles disse:

– Desculpe, senhor Moreira, nós vamos andando, beber um café – e apertou a camisa que trouxera aberta por cima da camisola de alças.

Adónis não interrompeu as explicações, fez só um gesto para dizer que tinha ouvido. A ideia era, então, através de todos esses exercícios, conseguir um tal estado de concentração espiritual, que a dor física não deixaria de existir em si mesma, mas perderia totalmente o valor negativo e passaria a constituir um troféu para o sofredor. Mas não era um resumo de vinte minutos que iria transformar Páris num iogui. Foi isto que o irmão lhe disse, já de pé, com urgência de sair e seguir a sua vida. Escreveu, numa caligrafia infantil, um número de telefone nas costas de um envelope e estendeu-o ao irmão:

– Olha, este é o homem que te pode ajudar. É Mestre António, chamam-lhe assim. Vive na Estefânia, ali ao jardim Constantino.

– Isso para aí está tudo cagado dos pombos – disse o Páris.

Assim despediu o irmão. Adónis nem se voltou, já ia atrasado para os rapazes. Páris ficou com o envelope na mão, percebeu que era uma conta de electricidade por pagar. Uma conta calada. Ainda sorriu.

Posta ao alto, encostada à húmida parede antiga, a placa de madeira prensada com sua dúzia de pregos reluzentes meios tortos tinha o ar de um resto de qualquer coisa. As costas de um armário, o estrado de uma cama, o fundo de uma cómoda, uma coisa incompleta a que outras se deviam acoplar para serem o que são. Páris procurava não olhar. Voltava cadeira de rodas para a janela e ficava a sentir a luz na cara. Quando dava por si, estava a inspirar um, dois, três, quatro, cinco, seis.

5.12.99

in *Império do Amor*. Lisboa: Tinta Permanente, 2001

EM CASA, COM O CINTO DE SEGURANÇA APERTADO

Onésimo Teotónio Almeida

Há dias em que uma pessoa não deve sair à rua. A frase não é minha. É do vulgo em linguajar lusitano. Mas é também universal. Só que nunca a tinha visto tão honrosamente tratada como em título de antologia, no caso, literatura de viagens: *I Should Have Stayed Home*. Em subtítulo, *as piores viagens de grandes escritores*, ou, no original, *The Worst Trips of Great Writers*. A organização do volume é de Roger Rapoport e Margarida Castanera. Comprei-o no aeroporto de Newark, em New Jersey, num intervalo de voos. Não é o melhor lugar para aquisições do género. Londres bate qualquer. As estantes de *Travel Literature* são enormes e sem rival. Os ingleses imitaram-nos nas viagens mas, com muito menos séculos de experiência nessa matéria, escreveram e escrevem muito mais do que nós. Não que seja despreciando o nosso contributo, diga-se. E refiro-me, está visto, aos anos para cá dos clássicos cujo lugar supremo coube a esse portento da literatura universal que é a *História Trágico-Marítima*, verdadeiro tratado teológico-filosófico sobre a natureza humana (admito que seja assunto para outro lugar e não de ser intrometido aqui). Estou a falar de pérolas como *A Holanda*, de Ramalho Ortigão; esse espanto de arte chamado *As Ilhas Desconhecidas*, do mago Raul Brandão; *Descobri Que Era Europeia*, sobre a viagem de três semanas de Natália Correia aos Estados Unidos, em 1950; e ainda o relativamente recente *A Baía dos Tigres*, de Pedro Rosa Mendes.

A antologia *I Should Have Stayed Home* pode muito bem ficar em casa nos seus Estados Unidos. Não é coisa de se traduzir, pois interes-

saria pouquíssimo ao gosto lusitano. Os nomes nada dizem ao nosso público. Quem conhece por exemplo Paul Terroux, cujos livros de viagens são *bestsellers* quando surgem no mercado anglo-americano?

Mas vou deixar-me de moralizações. Não fui convidado para a antologia dos senhores Rapoport e Castanera. Naturalmente. O subtítulo é bem claro: *as piores viagens de* (note-se!) *grandes escritores*. Todavia lembrei-me de contar também aqui uma história. Digo mal: são duas. Têm, porém, sequência cronológica e por isso funcionam como uma, em dois tempos. Trata-se de uma viagem que está longe de ser para mim a pior. A pior-pior narrei-a em quatro andamentos no livro *Viagens na Minha Era* – mete assalto, com facalhões e tudo, na Baixa de Joannesburgo numa pacata manhã de domingo, enquanto eu queimava tempo antes de apanhar o avião para Maputo. Portanto, nem esta é the *worst trip*, nem o autor é grande coisa. Mas a verdade é que, dessa vez, também teria sido melhor ficar em casa.



Um pouco como Colombo, dei com a Hispaniola por mero acaso, mesmo sabendo eu que não ia aterrar na Índia. Era Janeiro branco na Nova Inglaterra, neve alta e, embora a *cabin fever* só apertasse lá para Fevereiro, urgiu-me por dentro ir de abalada derreter o espírito enquanto recauchutava a pele. O boletim meteorológico anunciava mais um nevão e *that was it!* Agarrei do telefone e, minutos antes de a agência de viagens fechar, implorei dois bilhetes para o sol na manhã do dia seguinte, antes da chegada de mais neve. Os computadores eram ainda lentos nessa altura, mas as escolhas também não abundavam numa urgência assim e, por isso, em menos

de um quarto de hora a Charlene telefonava com a solução: Caraíbas, Santo Domingo. Saída de Boston às sete da matina. Nem houve tempo para dormir, quanto mais para ninharias como essa de tomar conhecimento de que um não-cidadão americano com passaporte português (eram eras de pré dupla-cidadania) necessitava de visto.

Só o soube já em terra dominicana, depois de sentir o bafo azul-quente caraíbe a afagar-me o rosto. O funcionário ignorava a localização de Portugal e nunca antes encarara com um portuga. Foi ao livro, folheu o passaporte e inquiriu: *O visto?*

O visto? Na agência não me tinham dito que era preciso. Eu a puxar camaradagem latina e ele, implacável, como se interessosamente a roubar-me a mulher: *Ela pode entrar, o senhor não! Tem de voltar a Boston no mesmo avião, sacar um visto no consulado da República Dominicana e, com sorte, regressar amanhã.* Pagando nova viagem, evidentemente, a confirmar aquele princípio básico do viajar: feito o orçamento e a lista das peças a incluir na bagagem, reduz-se a lista a metade e dobra-se o dinheiro. Desnecessário narrar pormenores porque nada resultou. A conversa permitiu-me, todavia, acalmar o ânimo e encontrar a solução mais próxima, rápida e barata. Aguenta aí! Autorizar-me-iam a ir a Miami em vez de Boston? Consulta aqui e acolá. Espera ilimitada e, por fim, resposta positiva. Voos mais frequentes até. A demora folgada fez-me serenar por inteiro o raciocínio e vislumbrar um expediente ainda mais económico: Já agora, o Porto Rico? É território americano e bem mais perto... Novas consultas, dúvidas, hesitações, seguidas de afirmativa titubeante. Quis certificar-me uma, duas vezes. Sim. Por sorte um avião saía dali a duas horas e o voo era de cinquenta minutos apenas.

Despedi-me da Marianne. Que não se preocupasse. Fosse para o hotel, descansasse, provasse a praia, que eu haveria de aparecer ainda que a nado, de visto na mão, à Camões na foz do Cambodja.

Afinal o avião descolou com atraso latino-americano. Avaria técnica foi a desculpa do costume, para razões que podem ir de uma ressaca do piloto a ter-se o fornecedor dos sumos distraído na soneca. Cheguei a San Juan perto das cinco de uma tarde carregada de cinzento.

Dirigi-me em linha recta à cabine telefónica mais próxima e mergulhei nas páginas amarelas. Mas nem elas nem as brancas nem ninguém havia por ali que soubesse do paradeiro ou sequer existência do consulado dominicano.

Nova elipse de pormenores que só atrapalhariam o leitor como me atrapalharam a mim. Agarrei de um táxi e larguei rumo à cidade, que me era já algo familiar, embora nunca alguma vez na vida me tivesse sido necessário achar o endereço do consulado da República Dominicana. O taxista não o sabia, e perguntou-me onde queria que me deixasse. Quem sabe? No Viejo San Juan. Ou se calhar não. Era um à sorte e por isso fiquei lá. Na rua, sem nada nas mãos e apenas a carteira como posse. As malas levava-as a Marianne para o hotel e nem me ocorrera precaver-me porque, optimista de nascença, tinha a certeza de regressar naquela mesma tarde. Daí que a minha segunda surpresa tenha sido uma pancada de água que se abateu sobre mim sem pré-aviso. Ou talvez as nuvens o estivessem dando, mas eu voltara as antenas para outros cumprimentos de onda. Lancei-me em cata de hotel. E, enquanto a roupa secava, fui fazendo pesquisa. Desta vez frutífera. Farpela molhada e tudo, tornei a sair a ver se chegava a tempo de apanhar o consulado aberto. Não respondiam ao telefo-

ne, mas tinha de lá entrar quanto antes, porque era nada mais nada menos do que... sexta-feira. Pormenor insignificante de que apenas me apercebera no avião, a meia viagem. Adensava-se a perspectiva de ficar retido em San Juan até segunda-feira, assim de molha no pêlo e nem uma escova de dentes, nem um livrinho para adormecer.

A chuva amainara e julguei até que se esquecera de cair, mas isso foi apenas para descansar enquanto esperava a minha saída do hotel. Eu, todavia, não podia deter-me. Por isso me aventurei San Juan fora, primeiro de táxi, depois a pé. Ao fim de errantes deambulações, escorregaram-se-me os olhos num letreiro: Consulado de la Republica Dominicana. Cerradíssimo, porém. Nem uma luzinha a iluminar o que quer que fosse. De porta em porta aberta na vizinhança, atravessada sempre sob chuvada tropical a encharcar-me os ossos, soube da queixada de um velhote, descansando sobre uma bengala, que o *señor cónsul* se chamava Luiz A. Lopez.

Armado dessa pista, voltei ao hotel e à lista telefónica enquanto a roupa secava e eu me enrolava na toalha após um duche quente. Os Luiz A. Lopez eram muitíssimos. As minhas hipóteses, porém, eram poucas. Ao acaso poderia acertar, mas a sorte naquele dia não estava comigo. O melhor seria um procedimento sistemático. Dispus-me a levá-lo a cabo com a paciência beneditina de quem necessita e não tem outro remédio.

Oito chamadas seguidas sempre introduzidas por *É da casa do senhor cónsul da República Dominicana?* Aliás, a pergunta foi feita inúmeras vezes, porque os porto-riquenhos que atendiam o telefone não decifravam o meu portunhol. Os mais delicados pediam simpaticamente para repetir. Outros, mais rafeiros, mandavam-me ir bugiar para sítios que o meu magro espanhol de calão felizmente

não me permitia localizar. Mas, finalmente, Eureka! Eureka! Ouvi um *¡Sí, para servirlo*. Era ele ali ao vivo, e eu a querer cola-lo à linha telefónica para que me escutasse a súplica.

O senhor, que imaginei com sotaque de bigode e uns bons sessenta anos, não exibia grande dose de paciência perante o meu arremedo de castelhano. Despachava-me repetindo com um *¡El lunes, el lunes!*, a cada frase minha, até atingir o tom de quem já esgotara a pachorra: *Ya le he dicho a usted que aparezca el lunes en el consulado*. E eu voltando sempre à carga a fazer-lhe ver as razões da minha insistência. Não sei exactamente em que parte da conversa o ouvi resmungar *...los americanos...* Ripostei: *¡Señor Cónsul, yo no soy americano! Cual es, entonces, su nacionalidad? Por-tu-gue-sa! ¿Portugués? ¿Es usted portugués? Entonces venga mañana a las nueve al consulado*.

Sem querer acreditar, acho que me escapuliu um urrah!, com o *señor cónsul* ainda em linha. Desliguei eufórico para contactar a Marianne em Santo Domingo. Precavera-me com o número de telefone do hotel onde certamente ela estaria à espera de notícias. A telefonista, porém, respondeu que ali não constava ninguém com aquele nome. Impossível! Era ela, no seu disco partido a teimar, e logo eu a teimar ainda mais. Acabei exigindo o gerente. Jurei que a Marianne tinha de ser hóspede lá, tudo reservado e pago antecipadamente, a partir dos Estados Unidos, de Providence, ou melhor de Boston que é, depois do corredor Miami-New York-Washington, o que na América Latina se entende por Costa Leste. O gerente admitiu por fim que dera entrada uma *señorita* assim chamada. Mas do quarto dela ninguém atendia.

Sem um livro, sequer cuecas ou um par de meias secas para mudar, saí para a cidade, já duvidando da promessa de no outro dia

ter o cônsul a abrir expressamente o consulado para este português. Segundo a lei de Murphy, as desgraças acontecem em ciclos de três e, terminado um ciclo delas, não advém um outro de acontecimentos bons, apenas recomeça um novo de desgraças. A sorte ameaçava-me com um fim-de-semana de prisão no Porto Rico.

Serão curto. Uma molha de horas no pêlo não é o mais aconselhável traje para noite de fim-de-semana. Voltei ao hotel e adormeci a consultar os horários de voos para Santo Domingo no dia seguinte.

Na manhã dele, sábado, meia-hora antes das nove já eu estava de plantão à entrada do consulado. Não dei por ninguém chegar mas, algum tempo depois, uma porta abria-se e a figura que eu tinha visualizado ao telefone fazia-me sinal. Pediu-me o passaporte e quis saber o que se passara, quem eu era, como dera com os ossos nos domínios do Tio Sam, o motivo por que escolhera a República Dominicana, e ainda se a minha cara-metade, já em Santo Domingo, também era portuguesa. O senhor tinha um ar grave de estadista, bigodaça retorcida e severa, moreno e oculado, uma espécie de figura de quadro do século dezanove de repente em três dimensões, com movimento, som e tudo. Voz de barítono pesada e pausada, exalava autoridade e nela se comprazia.

Qualquer *gaffe* minha seria fatal. Na cabeça zuniam-me hipóteses e interrogações. Deverei ou não mostrar-me disposto a pagar o que for preciso? E se o insulto? Por que demora tanto todo este processo? Nestas circunstâncias o mais seguro é o silêncio. Nisto, o senhor cônsul ajusta solenemente os óculos, cruza as mãos sobre a secretária, molha os lábios um no outro e dirige-se-me solenemente:

Pois ficasse sabendo que era com imenso prazer que prestava aquele serviço a um cidadão português, a alguém nado e educado sob o

regime de um grande estadista, aliás, um dos dois estadistas que no mundo mais admirava e que eram a sua companhia naquele gabinete.

Ergue-se então da cadeira como para discursar com mais largueza e aponta para a parede onde estão dois quadros. Uma das figuras, um tal Escobar, eu não reconheci. A outra era nada mais nada menos do que... Salazar. E o senhor embrenhou-se numa tirada elogiosa como não me lembro de jamais ter ouvido ao presidente da Junta de Freguesia, ao regedor ou ao professor, nem tão pouco ao senhor padre, do meu Pico da Pedra natal.

Não tive coragem de esboçar qualquer reticência, mentalmente me penitenciando pela cobardia, enquanto o homem continuava embalado no panegírico. De repente, agarra de um carimbo e, como se num tribunal a bater com o martelo para impor a ordem, deu com ele um enérgico murro no passaporte, enquanto peremptório declarava ser por não existirem mais homens como Escobar e Salazar que o mundo está hoje aquilo que todos conhecemos e lamentamos.

Ergueu-se da cadeira, entregou-me o passaporte, deu-me um abraço e, ao meu tenteado *Muitíssimo obrigado, mas desejava saber quanto dev....* o homem quase me tapou a boca a reprimir-me o resto da frase. *¡Por Dios!* Tinha sido um prazer inaudito poder ser de alguma utilidade a um súbdito do que foi um dos grandes líderes do século. *¡Y buen viaje y felices vacaciones en mi patria! Que tendrá mucho honor en recibirlo!*

Voei para o aeroporto. Agarrei o primeiro avião para a República do Senhor Cônsul. Estava terminado um ciclo de coisas más. Esperava-me o azul-turquesa da fresquíssima água de uma praia caraíbe.

Na recepção do hotel, a Marianne argumentava com a funcionária. Interrompi o diálogo pouco amistoso e, de permeio, com a euforia

do reencontro e da narrativa da minha odisseia, fui percebendo que a Marianne estava farta de vir da praia à recepção saber se tinha chegado algum telefonema para ela. Nada! – garantiam-lhe. Soube então que, pouco depois de dar entrada no quarto, ela descobrira uma pingueira sobre a cama e reclamara mudança. Passaram-na para um anexo ainda nem sequer inaugurado, mas ninguém se lembrou de registrar a transferência. Preocupadíssima com o meu silêncio, pois sabia que eu tinha o número de telefone do hotel, receava que me tivesse acontecido alguma coisa e já se tornara impertinente na recepção. Todavia ali a funcionária era já outra e não sabia das minhas frustradas insistências na véspera.

All is well when it ends well, corri para o quarto a vestir os calções de banho, agarrei de uma toalha e fui estirar-me ao sol numa cadeira vazia junto à piscina. *Peace at last!* O tratado de paz entre mim e a sorte veio assinado com uma brutal descarga de água, uma chuvada tropical de catálogo, a desabar-me no corpo. Percebi então o significado de chover no molhado. E fiquei a entender melhor a sabedoria popular sobre os tais dias em que a gente não deve sair de casa.



A chuva estragara a véspera, mas a manhã despertou de cara lavada, prometendo o anunciado nos panfletos turísticos. A foto da praia exibida no catálogo devia, é certo, ser de outro hotel, mais estrelado do que o nosso, mas houvesse sol que o resto era de somenos. Consultei mapas e guias. Não estávamos muito longe do centro da cidade e um bom passeio, a atravessar a marginal murada pelo *malecón*, permitir-nos-ia desaguar num bairro com restaurantes frequentados pelos locais, fora do circuito turístico. Planeámos portanto

uma saída do ambiente de pacote que se respirava no hotel-aviário, recheado de gente que viera como nós no *snowbird*, ou pássaro da neve. Assim é conhecido nas Caraíbas o avião vindo do gelo, carregado de peles-brancas (os *white birds* – do Canadá e do Norte dos States), aliás o mesmo que nos leva de regresso à brancura fria uma semana depois, já com novo revestimento, todo a descascar de torradinho. Afinal não passávamos de mais dois dessa raça. Razão acrescentada para aproveitarmos uma aventura fora daquele casulo enlatado. A ver como era.

Lá fomos descobrir a miséria, os pedintes, a sujidade, a lixeira pública. Lembrei-me de uma peça que vi no Rio de Janeiro: entre duas senhoras-bem, da Zona Sul, queixava-se uma de que, farta da miséria do Rio, de favelados e miserentos, implorara ao marido que a levasse dali para fora a desopilar por uns dias. New York, por exemplo. Ela queria cultura, arte, algo que a fizesse esquecer o imundo Rio. Foram, mas só conseguiram um hotel quase junto à Décima Avenida num sítio hediondo, e dois bilhetes comprados no mercado negro, para um musical, *Les Misérables*! Depois vinham-me *flashes* do Mr. Robinson, no Funchal, a pedir-me que lhe indicasse um restaurante da terra, sem turistas, frequentado por locais, *the real people*. Fui informar-me e passei-lhe a dica. Mr. Robinson voltou pouco depois, descorçoado e de estômago indisposto: *Moscas, muitas moscas e uma casa de banho fétida*. Quer dizer, o Mr. Robinson queria *the real people* mas a dos livros etnográficos, em versão para turista.

Assim andávamos nós em demanda dos dominicanos autênticos. Esperávamos, suponho, pobres remendados mas limpos, sequiosos de oportunidades para melhorarem honradamente o seu estatuto social, atenciosos e, de preferência, reconhecidos aos visitantes pelo

contributo importante que traziam a uma economia subdesenvolvida. Saiu-nos, ao invés, uma boa hora de caminhada povo real dentro.

Numa ruela escusa, um aroma convidou-nos a entrar no que parecia um restaurante. Localíssimo. Cheiros, caras, serviço. Extraído dos filmes. Algazarra. Entre a decifração da ementa, manuscrita e com as suas regras ortográficas muito próprias, conseguimos perceber que o grande tema de conversação entre as mesas, de um canto ao outro do exíguo quarto, era a manifestação contra os Estados Unidos agendada para aquela tarde. O Presidente Reagan decidira reagir contra algumas insurreições latino-americanas, enviando potentes vasos de guerra para o Golfo do México e vários portos principais das Caraíbas, em exibição de força. São Domingos era especialmente contemplado. Metemos conversa com os comensais e tudo acabou em almoço de uma grande família. Inteiraram-nos sobre a arrogância imperialista de Reagan e sossegaram-nos (depois de acalmarem eles próprios), expressando até alívio quando nos souberam europeus, embora me chegasse aos ouvidos a teima de um pequeno grupo insistindo que éramos brasileiros.

De repente, a Marianne levou as mãos aos olhos e exclamou: *Gás lacrimogénio!* Eu olhei para a porta sem perceber, mas já não vi nada porque as lágrimas toldavam-me a vista. Saltavam em jorro. Afinal era a sala toda que agora chorava no meio de uma balbúrdia confusa. A dona do restaurante correu apressada a pegar na mão da Marianne e a puxá-la para dentro fazendo sinal para eu as seguir. Levou-nos para uma cave-arrecadação-armário-de-lixo-câmara-frigorífica onde agora seria o nariz a chorar se tivesse lágrimas. Preocupadíssima, tentou acalmar-se acalmando-nos. Não vai ser nada. Ficam aqui fechados e só irão para o hotel depois de terminar a manifestação. Faltava um quarto para as três e o protesto estava marcado para as

quatro daquela tarde. Não haveria maneira de irmos para o hotel? Um táxi? O restaurante, porém, não tinha telefone. Entretanto, de cima desceu um musculoso cinturão preto a garantir que não havia problema. O pateta de um rapazolas trouxera na algibeira uma bomba de gás lacrimogénio que lhe haviam dado para levar para a manifestação e, por descuido, ela rebentara-lhe prematuramente. Mas já tinha apanhado um par de tabefes, *el maricón*.

A rua estava calma e convenci a Marianne de que podíamos seguir a passo lesto para o hotel. Era pagar e andar. Decerto bem mais seguro antes de começar o ânimo da população a aquecer e a irracionalizar-se. Contra os conselhos da nossa prestimosíssima anfitriã, largámos.

Com relativa calma mas de acelerador nos pés, galgámos a primeira meia-hora sem vislumbrar qualquer sinal destoante da azáfama encontrada na ida. Já nos acercávamos do *malecón* e, aparentemente, íamos conseguir atravessar a marginal uns bons vinte minutos antes da arruaça. Com efeito, em quase cinco minutos atingíamos as palmeiras do extremo oriental do *malecón*. No entanto, achámos prudente abrandar a marcha. A avenida regurgitava de gente e era impossível prosseguir naquele passo, até porque provocaria irritações e levantaria suspeitas. Nem uma cara de estrangeiro ali. *Real local people*, diria o Mr. Robinson.

À medida que nos aproximávamos do centro adensava-se ainda mais a massa de gente. Desviámo-nos para o lado oposto ao mar por ter mais abertas. Subitamente, um buliçoso grupo vedou-nos o caminho. Tentámos cautelosamente contorná-lo, mas não havia remédio senão passar pelo meio. Um mal-encarado, com a raiva toda do universo no semblante, invectivou-me com os olhos e mandou: *Gringo!... Yankee, go home!* Eu inventei a maior descontracção, tentei

espremer o meu melhor sorriso e, no mais arremedado espanhol, atirei: *¡Yo no soy gringo!* Sem intervalo, um outro do grupo: *Tu a mi non me pareces japonés!* Ainda parei, resistindo à Marianne que me puxava o braço: *¡Es cierto! Yo soy portugués!*

Mira, amigo! – um gorducho careca, com bonomia nos olhos e na mão que me deixou cair no ombro – e o original da frase em espanhol foi-se-me, mas guardei bem nítida a ideia: Quando isto começar, não há português nem francês. Há dominicanos e o resto é gringo! Desapeguem-se vocês para o hotel imediatamente que isto vai ficar feio!

Conseguimos furar mais um magote aqui, outro logo ali, desviávamos por um pequeno largo mais desafogado, o barulho sempre a adensar-se, os olhares das pessoas a fulminarem-nos, barrando-nos ostensivamente o caminho e empurrando-nos. Mas dali a minutos estávamos já numa clareira que se alargava mais e mais, e logo ao fundo emergia o hotel. O percurso até lá estava desobstruído.

Faltavam dez minutos para as quatro quando entrámos. Cruzando-se connosco, um parzinho de gringos apaixonados com ar de inocentes em lua-de-mel, de mão dada e boquinhas uma na outra sem olharem sequer onde punham os pés, quase chocou comigo.

– Desculpem intrometer-me na vossa vida particular, mas para onde vão?

– Dar um passeio pela marginal. Porquê?

– Não sabem da manifestação?

– Não. Só há pouco saímos do quarto.

– Pois regressem a ele imediatamente. Hoje é um daqueles dias em que vocês não podem pôr o pé na rua.

Não sei se chegaram a prestar atenção ao conselho, tão nas nuvens caminhava aquela dupla. E, se foram até ao *malecón*, nem

devem ter reparado na multidão, nem os manifestantes se calhar conseguiriam diferenciar-lhes o rosto, tão enlevadamente encobertos estavam, beirando o nirvana.

AMANHÃ CHEGAM AS ÁGUAS

Rui Zink

Amanhã chegam as águas. A nossa vila desaparece. Não é a primeira.

Mas é a nossa. Desaparece. Engolida pelas águas. E nós com ela.



Ainda se fosse uma barragem, um imenso empreendimento hidro-eléctrico para beneficiar a agricultura e aproveitar as energias naturais. Mas não. Somos sacrificados inutilmente. É apenas mais um de muitos recuos estratégicos, durante os quais, sem obter nada em troca, a Europa cede ao oceano mais uma porção de terra – e gente.

Eu sei, não deveria dizer isto. Eu sei que há razões, boas razões, para tal acontecer. Senão religiosas, pelo menos económicas – sagradas também, portanto, à sua maneira. Este foi um ano mau e a Comunidade tem de apertar o cinto. Os mais jovens pensam que o orçamento chega para tudo. Não chega. É como um bolo num prato – há um momento, crítico, em que não há mais fatias, ou em que não é possível repartir mais o bolo, por mais finas que se cortem as fatias.

Já sabíamos que, se não viesse um apoio de Nova Bruxelas, éramos nós que estávamos no topo da lista – uma honra dispensável, do nosso ponto de vista. O povoado merecia outra sorte, mas não somos os primeiros – nem, decerto, os últimos – a ser engolidos pelas águas.



Eu sei, não podemos ainda assim queixar-nos demasiado. Os psicólogos, doutores da Europa que sazonalmente nos vinham visitando, bem no-lo diziam: uma pessoa tem de se adaptar – mesmo à perda, mesmo ao fim. Era para nos prepararem, eles já sabiam o que aí vinha, alguns de nós é que não. Mas quem quisesse ver as coisas de frente já há muito teria percebido que apenas íamos conseguindo adiar o inevitável – até que deixámos de conseguir adiar o inevitável. Até que nós próprios ficámos fora de prazo, como um produto que é deixado demasiado tempo na prateleira de um minimercado.

Há anos que éramos poupados, em parte graças aos bons ofícios do senhor presidente da câmara. Bons contactos que mantivera dos seus tempos em Nova Bruxelas. Mas uma pessoa não dura sempre, e o nosso protector faleceu de doença prolongada, desprolongando, desse modo, a vila dos tentáculos, sempre ínvios, dos favorecidos pelo poder. Deveria ter até alguma vergonha em confessá-lo. As listas saíam, e nós ficávamos de respiração suspensa até ao dia em que, com indisfarçado alívio, víamos que tinham sido outros – outra vila, outra cidade – os “eleitos” para serem abandonados à fúria, insaciável, do mar.



Agora, pronto, chegou a nossa vez. É amanhã, já, logo aos primeiros raios do sol, que as comportas serão abertas e a muralha de betão, aço e titânio deixará de, com os seus trinta e cinco metros de altura, nos proteger do avanço, inexorável desde que eu me lembro, e já tenho vinte e cinco anos, das águas.

Nada a fazer, a maioria de nós já está conformada. Um ou outro tentará talvez dar o “salto” para o interior, tal como, segundo a lenda, dois séculos atrás faziam os nossos antepassados para “França”, quando a Comunidade ainda se dividia em territórios distintos chamados “França”, “Itália”, “Alemanha”, “Espanha”, “Portugal”.



O que terá sido Portugal, nomeadamente, já não existe, ou quase não existe. Uma fímbria de terra, de norte a sul, com algumas dezenas de quilómetros de largo. Nós aqui pela Covilhã fomos durante anos a ponta mais ocidental da Comunidade.

Entre nós e as Américas apenas água, água, um enorme manto azul. As ilhas que tenham existido, e de que temos algum eco nos livros, Cabo Verde, Madeira, Açores, há muito que se tornaram tão miríficas como a noção de, em tempos perdidos no tempo, o Sahara ter sido, ele próprio, um mar fértil habitado por peixes, corais, búzios onde, encostados à orelha, se ouve o cavalgar do mar.



O “salto”. Tentar entrar, feitos clandestinos, numa das cidades recuadas, no interior, mais próximo de Nova Bruxelas, em terreno seguro, longe das águas. E depois encontrar trabalho, um sítio para viver, um lugar ao sol.

A minha posição? Não sei. Boa sorte aos que tentarem o “salto”. Admiro-lhes de certo modo a coragem. Quanto a mim, prefiro aceitar, ou fingir que aceito, a oferta governamental, e submeter-

-me à famigerada operação de que eles tanto falam, e a que tecem tantas loas.



O problema das duas opções é que ambas são mergulhos no escuro. O “salto” implica enfrentar os guardas do muro seguinte, assassinos natos. Refiro-me, para bom entendedor meia palavra basta, ao que foi construído mais longe da costa, conhecido como “o recife da serra da Estrela”. Não a melhor ideia, esta de chamar “recife” às sucessivas camadas de quem sabe que, provavelmente, mais cedo ou mais tarde será batido pelo adversário mais poderoso que alguma vez tocou a superfície (ou as profundezas) do globo cada vez mais azul e que só por ironia ainda pode ser chamado de “Terra”. Oceânia, talvez. Ah, mas já há um continente chamado Oceânia? Não faz mal, porque já não há – havia. Também a Oriente as águas avançam, qual Átila, com a paciência de quem tem todo o tempo do mundo. E, qual Átila, nunca a erva volta a crescer onde a água chega.

Algas, talvez; erva, não.



Os guardas têm ordens explícitas para disparar sobre qualquer penetra desesperado, seja ele homem, mulher ou criança. O governo bem explica que não é crueldade – é a regra do jogo, sempre que uma povoação é abandonada, por se ter tornado desmesuradamente dispendioso sustentar-lhe o muro. Alimentar mais bocas (as bocas dos evacuados) significaria incorrer no risco, esse sim, cruel, de não

alimentar bocas nenhumas. Eu, por mim, aceito o argumento. Não estou a dizer que o aceite mesmo, mas serve de algo não o aceitar?



Claro que poderíamos dizer que, com a chegada das águas mais terra adentro, a eles também chegará mais peixe. Mas a Comunidade não nos apresenta um argumento para discussão, trata-se de um facto consumado. Os doutores de Nova Bruxelas decidiram, e eles sabem o que é melhor para nós. Raramente se enganam e nunca têm dúvidas.



Os mais velhos lembram-se de que a nossa vila, por muito que nos custe a acreditar, era ela mesma “interior”, em tempos idos. Incrível, não é? A Covilhã, há não tanto tempo assim, estava longe, longe, de qualquer praia. Pelo menos era o que dizia o Ti Chico.

– Lembro-me, com estes olhos, de quando a auga nã chegava nem a Coimbra!

– Ó ti Chico, tem a certeza? – ríamos.

– Palavra de honra, pirralho!... Com estes olhos. Era eu não maior que uma mesa e...

– A sério, Ti Chico?

– E o pai do meu pai, esse ainda viu a costa verdadeira do Portugal antigo...

– A?!...

– Tal como era. De norte a sul. Faro, Milfontes, Lisboa, Figueira, Espinho, Póvoa de Varzim...



Amanhã chegam as águas.

– Ti Chico, mas isso foi noutro século!

– Pois foi! Que idade julgam voseses que teria o pai do meu pai se fosse vivo? Que idade julgam voseses que eu tenho?

É verdade. O Ti Chico é mais velho do que podemos supor assim à primeira vista, a olhar para o seu corpo ainda rijo e... enxuto.

Talvez por isso não tenha querido as guelras. Prefere a injeção, e escreveu isso – com um X – no quadradinho respectivo. Que está demasiado velho para se reciclar em peixe.

Muitos velhos preferem a injeção. Pode parecer macabro, mas a Comunidade viu-se obrigada, por razões de pragmatismo e também de respeito pela escolha individual, a implementar esta forma, o mais indolor possível, de as pessoas dos povoados a submergir perderem a condição de vivos, em absoluto, e não apenas a condição humana, ainda que apenas num plano parcial. Que posso eu dizer? São escolhas. Apesar de tudo, a alternativa entre a operação e a injeção ainda é uma das provas de que a Comunidade é uma sociedade livre.

– E o que ia eu fazer para debaixo d’auga? – resmunga o Ti Chico. – Só ia empatar – acrescentando: – Ao menos assim sei o que me acontece.



Talvez tenha razão. Contudo, já não sei se tem tanta razão quando diz:

– E isso das guelras nã me cheira. Guelras, há? Estórias para

adormecer tolos, é o que é. Voceses são uns gandes pândegos. Nã acreditam quando eu digo que, antes do governo, Portugal existia, era um país. E a auga...

Sim, sim, nós já sabíamos de cor a lenga-lenga do Ti Chico. A água banhava uma costa com nomes mágicos, míticos, exóticos como Pólvoa de Varzim, Olhanão, Costa da Camparica...

– Mas neste conto de encantar já tão todos mortinhos por... Eh! Eh! Mortinhos, é o que eu digo. Mortinhos.



Mortinhos? Esta do Ti Chico gelou-me. Foi talvez o ouvi-lo falar assim, ou então o meu lado poeta, que me fez registar isto – os meus últimos dias como homem humano, com os pés bem assentes na terra. Comprei um Mentátil PFE de contrabando, e escondi-o dentro da minha orelha, de modo a parecer um brinco, a quem não souber o que procurar. Penso/Falo/Ecrevo (PFE) em português, não só porque me é mais fácil, mas também porque sei que os homens de Nova Bruxelas não entendem o nosso dialecto. O Ti Chico diz que em tempos foi mesmo uma das línguas oficiais da Comunidade, mas eu próprio, por muito que goste dele, tenho um limite de credulidade para as suas histórias.

Chegaram ontem. Médicos, técnicos, cientistas, enfermeiros, soldados. Não sei distingui-los, são todos iguais, com as suas máscaras, respiradouros, batas brancas, fatos-macaco brancos, luvas brancas.

A vila ficou, em dois dias, atravancada de camiões, tendas de campanha, atrelados, mesas de recenseamento, não vá à última hora escapar alguém – por querer ou sem querer – ao auxílio firme que

as autoridades acharam por bem vir prestar-nos na nossa adaptação à nova realidade.

Cada camião, o dobro de um TIR, é um autêntico hospital ambulante. Causa uma certa impressão ver os médicos andarem de um lado para o outro, sem nos verem e sem falarem connosco, excepto para nos dar instruções, tipo em que fila nos devemos pôr e coisas assim. Mas também é verdade que não vieram cá para fazer amigos, e que isto lhes deve custar tanto como a nós. Enfim, *quase* tanto, também não exageremos. Mas o raciocínio conta. Às vezes, ser frio e técnico ainda é o comportamento mais humano.



Eu? Eu vou fazer a operação. Ainda sou novo, tenho a vida (o que resta dela) pela frente. Segundo o folheto que nos deram, a operação é até bastante simples. Quatro incisões, duas de cada lado do pescoço, lancetadas com o cuidado suficiente para não nos rasgarem a traqueia. Depois injectam um produto qualquer, um misto de poderoso cicatrizante e coagulante, de efeito imediato, com hormona anabólica extraída de ovas de salmão... e pronto, eis-nos com guelras, concebidas expressamente para nos permitir uma RSO (Respiração Subaquática Optimizada). A operação é simples e já foi testada, com sucesso, dizem, em muitos e muitos antes de nós – todos os habitantes das aldeias, vilas, cidades engolidas antes da nossa. E é perfeitamente segura, dizem. Quanto à RSO, é vitalícia, e pode ser transmitida naturalmente aos filhos, se depois (depois de “desaguados”) os decidirmos ter. E eu acredito. Como acho que já disse, quem sou eu para não acreditar?



O problema é que há os cépticos, como o Ti Chico, para nos desasossegar. Mortinhos, diz ele? Eu sei muito bem onde quer ele chegar. Que a operação não existe, que não passa de uma mentira para nos fazer desaparecer sem levantar – não é mesmo minha intenção ter graça – *ondas*. O governo não pode alimentar mais bocas, tão-pouco precisa da nossa força de trabalho, pois lá está tudo automatizado. Assim, resolve o nosso problema de uma forma limpa, eficaz e pouco dispendiosa. Menos dispendiosa, pelo menos, do que se decidíssemos resistir, ou revoltar-nos, ou recusar-nos a aceitar a nossa sorte tal como ela foi ditada por essas duas forças inexoráveis: o mar e Nova Bruxelas.

Eu fico a remoer nas palavras do Ti Chico, não sou mais corajoso nem menos do que os outros.



“Olá”, diz-me uma bela sereia. Terá no máximo vinte anos. Sobre o corpo, apenas uma camisa vários números acima que se lhe cola aos seios, obviamente molhados (estamos debaixo de água). “Bem vindo ao outro lado do mundo.”

“Tu... Tu és...”

“Sou como tu. Os meus pais moravam em Coimbra. Conheces-te Coimbra?...”

“Não... Já não foi do meu tempo...”

“É pena. Eles às vezes falavam-me da univ...”

“Tu... Tu já nasceste aqui? Dentro de água?”

“Nasci. Nunca vi o mundo da superfície. Contas-me como é? É tão bonito como dizem?”

“É... É diferente.”

“Como é o teu nome?”

“Artur.”

“Eu sou a Miana. Os meus pais puseram-me Maria Ana, mas toda a gente me chama Miana. E eu prefiro. Artur?... Gosto.”

É adorável, a minha sereia chamada Miana. Duas pernas, lindas, esguias. É uma sereia sem rabo de peixe. Não tem escamas, apenas uns cabelos que ondulam suavemente, como anémonas ao sabor das correntes. Descrita assim, a minha sereia parece verdadeira – e se calhar é, só que ainda não a vi. Mas, se ela existir, talvez seja assim, como eu a imagino. Uma mulher aquática à minha espera do outro lado das águas, que será minha guia nesse novo mundo onde terei de viver e... Ia a dizer soçobrar, mas isso era o Ti Chico a intrometer os seus maus agoiros no meu devaneio. Eu acredito, quero acreditar, que a operação funciona. Que a Comunidade não pode mais acolher-me nos seus braços, mas, generosa, me possibilita recolher-me noutros.

“O velho pode não ter razão”, murmuro para comigo próprio, mas o mal está feito. O desgraçado do Ti Chico infectou-me com o vírus da dúvida.

“Por que carga d’auga hão-de eles contribuir com mais um braço para um exército de não-humanos? Já pensaste nisso? A Comunidade rechaça-te quando ainda lhe pertences, achas que vai deixar-te impunemente alimentar um exército de ressentidos?”

Sim, mas (argumentava eu, contra o Ti Chico e contra mim próprio) a Comunidade é humana. Ela não mata os seus cidadãos,

apenas lhes oferece uma alternativa. E não são decerto os expulsos a provocar a subida das águas.

– Isso também já é paranóia a mais, ó Ti Chico.

– Pernóia, pernáia, lá tás tu com palavras caras que nã querem dizer nada, Artur.

E afasta-se, cabisbaixo, abanando a cabeça.

Enfim, agora já está tudo decidido. As comportas serão abertas dentro de poucas horas e a vila deixará de existir – de existir fora do mundo submerso, pelo menos. Não digo que amanhã não esteja talvez já, de novo, a entrar (a *nadar?*) pela

padaria da dona Aurora, pelo café do Bento, pela mercearia Mundo Novo adentro. Mas...



Cumpri as minhas horas, diligente, sem protestar muito (tinha um livro para me entreter) na bicha em que me colocaram. Por fim, a hora do tira-teimas aproxima-se.

Ou “aprochega-se”, como diz o Ti Chico.

Sentam-me na cadeira de operações, apertam-me fivelas de couro à volta dos braços, preparam-me para a anestesia geral, que por acaso também é uma injeção – só que outra, claro, que não a destinada ao Ti Chico e aos que, como ele, escolheram a certeza de... de... Enfim.

Já estou a adormecer, não tarda nada, isto ao menos sei-o, vou ficar inconsciente, à mercê dos meus benfeitores – sem saber quando (nem se, pronto) irei acordar. Acredito que sim, que remédio tenho eu senão acreditar, não sou daqueles que pensam que as

“guelras” não passam de uma grande história muito mal contada. Ou demasiado bem contada, o que vai a dar no mesmo. Uma história piedosa, para nos eutanasiar antes de as águas irromperem pela vila adentro.

Acredito nas guelras, no respirar debaixo de água (“auga”, como diz o Ti Chico). Acredito numa vida nova junto aos outros todos que foram também submergidos, ao longo dos anos. Ao longo desta nova era em que o mar, lento e imperturbável, paciente como um mundo, vai devorando a terra.

Sim, eu acredito, eu quero acreditar, eu acredito em tudo e até estou curioso de ver como serão esses homens, esses mutantes que deixaram de ser como eu até este momento em que eu me vou tornar como eles, meus ex-semelhantes e irmãos futuros, que cresceram (e, alguns, talvez, nasceram!) nas águas escuras e volumosas. Serão simpáticos? Como comunicarão, num oceano de sons abafados? Por gestos, talvez. Lá terei eu de aprender a linguagem dos gestos. E que gestos? E terão roupas?

Mais assustador: reconhecerei alguém? Miana, a existir, será como eu a imagino? E gostará tanto de mim como eu, já, dela?

Perguntas, perguntas, perguntas. A anestesia está a começar a fazer efeito. Fecham-se-me os olhos. Fecham-se-me os olhos mas tenho esperança. Amanhã, quando acordar, já os camiões do Governo terão partido e a vila estará inundada, sucumbida às vagas. Tenho fé, claro, mas... não sei.

“Como te chamas?”

“Miana.”

“E és de Coimbra?”

“Os meus pais eram. Eu já nasci aqui, no oceano.”

“E o que se faz no oceano? O que se faz depois de as águas terem chegado?”

“Oh, tanta coisa. Anda, Artur, vem comigo.”

“Só não podemos é comer mais peixe frito, pois não?”

“Desculpa, dizias?”

“Nada. Era uma piada. Uma fraca tentativa de fazer uma piada.”

“Anda, vá.”

“Anda?”

“Nada.”

Nada... A única questão, querida Miana, é se é nada de nada ou nada de nada. Mas não te devo impor as minhas dúvidas, tu não tens culpa. Eu acredito, senão nas “guelras”, em ti. Acredito em ti.

Em t...

in *A Palavra Mágica*. Lisboa: Dom Quixote, 2005

CLARAMENTE

Rute Beirante

– Pr Comunicações. Para ouvir o serviço de horóscopo marque cinco. Para ouvir a meteorologia aguarde... – anuncia a voz sensual da gravação telefónica que emana do altifalante.

– Mas que raio de ideia! Misturarem a meteorologia com os signos, nem sei como o instituto permite tal coisa.

O instituto é o Instituto de Meteorologia e a mulher irritada, sentada entre espelhos, é Clara, a responsável pelo seu centro de documentação.

– Mas a menina Clara sabe, se calhar é por estar tudo no mesmo ramo, no da adivinhação – diz a mulher de bata azul, colocando o telefone no lugar.

– Francamente, não brinquemos com coisas sérias. As previsões do instituto são feitas com base na detecção e análise de dados científicos

– Clara refugia-se no discurso técnico *ma non troppo* para acalmar a fúria, enquanto responde a Teresa, sua cabeleireira de há vinte anos.

– Era só para saber o tempo desta noite. Aposto que lhe perguntem muita vez pelo tempo que vai fazer. Pomos gotas nutritivas?

– Ponha. Já podia encher um livro com essas perguntas. Estou farta de explicar que não pertenço a esse departamento. O instituto não se ocupa só do tempo que vai fazer amanhã.

– Mas olhe que é coisa que preocupa muita gente – afirma Teresa com um ar convicto e enigmático enquanto vai puxando pelas madeixas pintadas de Clara, debaixo do vento quente do secador.

O amanhã, o amanhã, o amanhã – pensa Clara de si para si – que lhe interessa isso a ela, seja o amanhã meteorológico ou filo-

sófico? Não espera grande coisa do amanhã, qualquer que seja o tempo que faça.

Está realmente farta de que a imagem essa estranha sibila do tempo que prevê chuvas e vendavais – Ó Clarinha, que tempo fará amanhã? – pergunta-lhe a mãe frequentemente quando falam ao telefone. Se a vissem no instituto, até a considerariam mais do tipo rato de biblioteca. A sua biblioteca, onde luta diariamente com cortes orçamentais que a obrigam a ir cessando a assinatura dos periódicos internacionais da especialidade.

Há muito tempo que não acredita em amanhãs, apenas no fio matemático e regular da sequência dos dias, um a seguir ao outro, como um novelo que se desenrola a ritmo certo.

Longe vai já o tempo das ilusões, em que o amanhã era uma incógnita feliz, essa doce névoa com todas as promessas do amanhecer.

Apaixonou-se pelo César quando eram ainda miúdos de faculdade, engravidou, casaram e ela teve um César em miniatura. Mas César, o jovem e promissor corrector da bolsa, investiu tudo na carreira e pouco no casamento e, poucos anos depois, quando fizeram o balanço da relação, com aconselhamento profissional e tudo, ele desfez-se definitivamente dos poucos títulos em carteira.

Mais tarde, conheceu o Filipe, essa alegre invasão filipina do seu espaço e do seu corpo. Um espírito criativo e um pintor excepcional mas, egoísta como todos os homens, ou mais ainda, como o são tantas vezes os artistas. Na cama, sempre foram felizes mas, fora dela, não havia forma de se entenderem, nem quando falavam das coisas mais triviais. Era como se falassem línguas diferentes. A cama habitada foi efémera, como o entusiasmo que os juntou, naquela noite de Santo António.

Desde então que Clara não joga verdadeiramente na roleta russa das relações amorosas. Tem os seus entusiasmos passageiros, mas ninguém que a interesse verdadeiramente. Também não lhe agradam os sucedâneos: as amizades coloridas parecem-lhe descoradas e as aventuras passageiras, insuficientes.

Talvez Clara seja mesmo a sibila cega do tempo. Aprecia a calma sólida da solidão, o saber com o que pode contar, conhecer-se e conhecer o solo debaixo dos pés, testemunha sábia e distante do planeta que gira, com seus ventos, marés e tempestades. Mas, às vezes, sente-se só, nas suas longas e silenciosas noites planetárias. Tem dias, como toda a gente. É como o tempo, afinal.

Há noites em que lhe apetece sair de casa e, cega, interpelar o primeiro homem que passar. E ser outra, sem a educação e o comportamento a que os seus 47 anos bem conservados e de classe média, penosamente obrigam. Viver na pele de estranhos e abandoná-los no dia seguinte, sem olhar para trás, sem saudades nem arrependimentos. Tal como na canção, ter apenas saudades do futuro.

Mas, na verdade, do que ela, realmente, tem saudades é de estar apaixonada, das mágicas cores novas com que se contempla o velho mundo, enquanto se paira nos céus, suspenso pela imagem idealizada do próprio amor. Mas, logo a razão a obriga à aterragem forçada. Com amor ou sem ele, Clara está convencida de que tudo se resume a perder a sua independência para se confinar a uma qualquer casota emocional. Ainda assim, gostava verdadeiramente de ter um companheiro que fosse isso mesmo – companheiro. Alguém que duplique o prato solitário do jantar, que comente as tolices da tv e os filmes no cinema, companheiro de livros e viagens, que todo o livro é viagem e toda a viagem, livro. E que partilhe os silêncios que,

às vezes, fazem parte de estarmos juntos e sós. Sem a preocupação da superficial jovialidade que, por educação, se exige aos estranhos.

Lembra Eunice, a velha amiga de escola que partiu quando a doença a reclamou e consumiu em pouco tempo. Sente saudades de Eunice e da sua amizade sábia. Os amigos do instituto são, na realidade, colegas. Claro que há a cumplicidade de incontáveis dias partilhados entre as duas picadelas diárias do ponto. Alguns dos mais velhos já se reformaram e ainda por lá passam, de vez em quando, especialmente nos almoços de fim de ano. É estranho como as pessoas desaparecem da nossa vida quando não as vemos. Bom, nem todas. O Filipe foi-se embora há quatro anos e às vezes ela ainda pensa nele. Quatro anos! Como o tempo passa. Há tempos, ele deixou-lhe uma mensagem no gravador, mas ela não ligou de volta. Às vezes apetecia-lhe reincidir, mas sabe bem que não têm futuro, como, aliás, sempre soube.

A maturidade traz-lhe esta lucidez implacável que a impede de se deixar enganar pelos seus próprios pensamentos. Clara sabe que, no fundo, a amizade, tal como o sexo, são apenas uma espécie de metadona com que mitigar a solidão da ausência dessa droga dura que é o amor.

Tudo isto lhe vai passando pela cabeça, enquanto, sonâmbula, atravessa a cidade em fim de tarde, desde o cabeleireiro até casa. É sexta-feira e tem um jantar em casa da Alice, sua colega da curso, casada com um diplomata sempre ausente e mãe-galinha que dá um jantar de boas-vindas ao seu primogénito que terminou um ano de *Erasmus* na Bélgica. Vão lá estar vários conhecidos com a respectiva prole. Que pena o seu César não poder ir. Ultimamente, nunca está disponível, vive com a namorada de há três meses e é financiado

pelo pai que, com o subsídio mensal, inocula também doses regulares de veneno contra ela. A César o que é de César.

Clara sabe que o convívio é estimulante, mas não lhe apetece ir, falta-lhe a paciência para certas conversas mundanas. Mas, como foi ao cabeleireiro, não consegue encontrar desculpas para não ir.

– Clara, vem conhecer o Rui Loureiro, pai da Ritinha. Rui, a Clara Mendes – diz Alice, que parece estar nas suas sete quintas, fazendo apresentações por tudo e por nada.

Depois do aperto de mão formal e do “muito prazer”, o desconhecido recém-conhecido vira-se para Clara e pergunta:

– É a amiga meteorologista da Alice, não é? Afinal o seu nome é Claramente ou Clara mente?

– Isso depende dos dias – diz Clara surpreendida pela pergunta e, mais ainda, pela sua própria resposta. Uma estranha sensação, boa e má, ao mesmo tempo, percorre-lhe a espinha.

Rui é o pai solteiro da namorada do filho mais novo da Alice. Clara abomina estas pessoas que se dizem solteiras quando já foram casadas e são, na verdade, divorciadas. Querem apenas dizer que estão prontas para mais confusões. Clara não se sente nada assim. Por outro lado, ele está ali com a Ritinha, no início do fim-de-semana paterno e teme estar a perder a ligação à filha adolescente.

Aquele homem emocionalmente instável mexe com ela de forma paradoxal. Escritor e jornalista, à procura de rumo e de colo, entenece-a com o seu ar infantil, ao mesmo tempo que a irrita com o que diz.

– Então, acha que vem aí temporal? – pergunta Rui.

– Não sei, mas tudo é possível, o tempo é imprevisível.

– Mas, não trabalha nisso, quer dizer, nas previsões?

- Não directamente. Mas é falível, apesar das bases científicas
- Clara não sabe porque diz o que diz àquele homem, talvez seja apenas a vontade de o contrariar.

Conversam e desconversam por mais algum tempo, Clara faz depois uma ronda para cumprimentar os velhos conhecidos e, despede-se de Alice, quando acha que já é aceitável deixar a festa. Desce as escadas e começa a atravessar o largo de Santos quando, subitamente, na noite de Verão, rebenta a mais violenta trovoadas que alguma vez viu. Relâmpagos fendem o céu escuro da noite como longas mãos ávidas e o cavo rufar do trovão anuncia a chuva torrencial que logo cai, abundantemente. Clara sai do jardim assustada e hesita entre voltar para trás, para casa da Alice, ou tentar ir até ao carro, estacionado ao fundo da 24 de Julho. Decide ir em frente, mas avança, com dificuldade, no meio de uma chuva intensa e implacável que a impede até de ver o caminho. Sente os pés encharcados e repara que o chão se transformou num lago contínuo de água escura. Não percebe se o Tejo subiu subitamente ou se as sarjetas entupiram, inundando tudo. Sente-se perdida e tenta ver o carro que, ao longe, está também já imobilizado no meio daquele lago assustador.

– Clara, és tu? – uma voz longínqua chama por ela, é Rui que, surge do meio do nada, a trata por tu, e, pondo-lhe as mãos nos ombros a conduz até ao patamar da entrada de um prédio abandonado.

– O Rui aqui, pensei que estava ainda na festa.

– Saí porque a Ritinha regressa depois com as amigas. A zona baixa da cidade está inundada. Vamos ter de esperar neste patamar até que a tempestade passe e a água desça. Felizmente, aqui estamos a salvo da água, nesta ilha abandonada.

– Agora está temporariamente habitada. Só espero que não apareçam por aí os sem-abrigo ou malfeitores.

– Ora Clara, somos todos ambas as coisas, em potência.

– Também não vamos exagerar. Mas temo, acima de tudo, que a água continue a subir.

– Vamos fechar a porta e sentarmo-nos no degrau mais alto. Está tão encharcada, quer o meu casaco?

– Pode voltar a tratar-me por tu. E não, não quero o teu casaco, mas agradeço a oferta.

Na rua chove impiedosamente e, Clara, de repente, como se tivesse acordado, solta uma gargalhada infantil:

– Estamos aqui e estamos vivos!

Então, sem saberem como, tocam-se e beijam-se como o primeiro homem e a primeira mulher, sem saberem o que estão a fazer porque nada foi ainda inventado ou decidido. Desembaraçam-se das roupas molhadas e deitam-se sobre elas. Naquele momento não há nada que queiram mais do que estar um dentro do outro e aí permanecer, enquanto os astros no firmamento chuvoso o permitirem, e permitem-no toda a noite.

Amanhece na rua e os bombeiros resgataram já aquela parte da cidade – o Tejo lá pregou mais uma das suas, mas já passou – ouve ela dizer aos bombeiros que se afastam. Os seus corpos, como estátuas, permanecem enlaçados.

Não podemos prever o dia de amanhã como as grandes máquinas do instituto pretendem. Inúteis mapas do céu e da terra, dos ciclones e anticiclones que habitam sobre nós. Os acentos ao contrário no horóscopo do dia, o horóscopo do dia, a vírgula mal colocada na vida, a vida, tudo se dissolve naquele estranho que ainda

a penetra, amorosamente. A água levou e lavou tudo. O estranho homem-criança-escritor será apenas um homem e ela, será, de novo, uma mulher.

A manhã está clara e limpa. O instituto não previu aquela noite, nem as que se hão-de seguir. Nada voltará a ser como antes. Clara já não quer saber dos sapatos cheios de lama, nem da roupa molhada reduzida a trapos. Compõe a saia e anda, um pé à frente do outro. Poderia estar nua que não se importaria. É feliz. Claramente.

O LEITOR

Teolinda Gersão

Para o Manuel Gusmão

Sempre gostei de ler e nunca pensei que daí me pudesse vir algum mal.

Chegava a casa, atirava-me para cima da cama e mergulhava num livro. Sobretudo se era pelas duas da manhã, e eu tinha vindo do turno da noite. Começava a ler antes de me despir, de tomar um banho quente, de abrir o frigorífico. Essas coisas só faria mais tarde.

Ler era mais urgente do que tudo, varria-me o que trazia na cabeça – fadiga, preocupações, ansiedade, as coisas ruins do dia.

Frequentemente a vontade de saber o fim da história não me deixava parar antes da última página. Houve ocasiões em que adormeci de estômago vazio, vestido, sem tomar banho nem apagar a luz. O livro caía-me da mão, quando o sono me vencia.

Nessa época eu era maquinista. Durante várias horas diárias, cuja distribuição variava conforme os turnos, a minha vida era seguir linhas subterrâneas, entrando e saindo de túneis, ouvindo a fita magnética repetir incansavelmente o nome das estações e parando ao chegar às plataformas. Alguns segundos bastavam para as pessoas se precipitarem através das portas e o comboio ficar cheio, enquanto a estação se esvaziava, ou vice-versa. Era o momento de eu olhar de relance o espelho (que depois seria substituído por ecrãs de televisão) para controlar se ainda havia alguém entrando ou saindo, ou se as portas já tinham sido fechadas. Nesse caso metia novamente o comboio em marcha. Muitos não tinham conseguido apanhá-lo, embora estivessem já na plataforma, porque esta era demasiado longa para poder ser percorrida em poucos segundos, e os comboios não esperam.

Quando, na última carruagem, o factor accionava o comando e fechava as portas, os que ainda corriam perdiam a esperança de entrar. Tenho a certeza de que alguns terão pensado com raiva que era má vontade, que ele podia ter esperado dois segundos mais. E de facto, algumas vezes, creio que o terá feito.

Mas eu não tinha que me preocupar com isso. Bastava-me verificar que as portas estavam fechadas. Por esse motivo – para ter no retrovisor uma visão de todas as carruagens – devia parar sempre no topo da estação, junto do espelho rectangular da parede, e não no meio, como talvez parecesse mais lógico. Sobretudo aos que se irritavam por perderem o comboio, embora já estivessem na plataforma quando ele chegava.

No entanto, dentro de minutos, outro comboio vinha. Era essa, aliás, a vantagem do metro: havia sempre, logo a seguir, outro comboio, e portanto perder um era, a bem dizer, irrelevante. Muitas vezes me ocorreu que a vida deveria ser assim: com tantas oportunidades que não tivesse importância perder algumas.

Mas na vida, pelo contrário, não havia oportunidades. Bastava ver, por exemplo, o que se passava para arranjar emprego. Liam-se anúncios, colocavam-se anúncios, ia-se a entrevistas, e, para qualquer lado onde se concorresse, havia centenas ou milhares de candidatos. E os lugares eram poucos, por vezes só um.

No fim da entrevista diziam que telefonariam a comunicar o resultado. Ou que este seria negativo, se não se recebesse um telefonema, dentro de cinco ou oito dias. E depois não havia telefonema.

Fiquei por isso satisfeito quando consegui o emprego. Achei fácil, desde a formação inicial. Nos primeiros dias, quase tive prazer. Era tudo simples, bem coordenado, eficiente.

Comecei como ajudante, passei a factor, e depois a maquinista. Sabia que com o tempo podia subir mais, chegar inclusive a chefe de estação, mas esse futuro sempre me pareceu remoto, ou pelo menos a uma distância considerável. Para já, contentava-me em ser maquinista.

Mas estou a afastar-me dos livros. Quais são os que prefiro? Policiais, claro, gosto sobretudo de policiais. De Agatha Christie, especialmente. Embora também leia outros, para dizer a verdade leio tudo o que encontro. Mas prefiro Agatha Christie. *Poirot Investiga, Crime no Vicariato, Cartas na Mesa, O Misterioso Senhor Quinn*. Por exemplo. Ou *O Mistério das Cartas Anónimas*. Ou *O Assassinato de Roger Ackroyd*.

Não há como os policiais para nos levarem para longe de onde estamos. Não é que eu não gostasse de ser maquinista. Mas é uma vida solitária, conduzir comboios. Está-se no meio de gente, mas sozinho, e quase não se fala com ninguém.

As pessoas correm no cais como formigas, provavelmente nem se vêem umas às outras, ou só de relance – também elas são apanhadas num mecanismo de movimentos alternados, correr-parar, sair-entrar, esvaziar-encher. Há uma certa cadência hipnótica nessa repetição de movimentos e na sucessão, sempre igual, das estações. Por vezes, nos turnos da noite, eu tinha medo de adormecer. Então pensava no que tinha lido na véspera, tentava desmontar a história do fim para o princípio, e verificar que tudo encaixava e não faltavam nem sobravam peças. Colocava-me no papel de Poirot

(Próxima Estação: Marquês de Pombal)

e conduzia as investigações: quais eram os álibis das personagens, quem tinha sido a última pessoa a ver

o morto com vida, e a que horas, a quem aproveitaria o crime.

Uma coisa levaria a outra, sem rupturas. Sem saltar capítulos nem páginas. Eu tinha feito aquele caminho milímetro a milímetro, os olhos deslizando sobre as linhas do livro, como um bicho lento e voraz.

Também agora o comboio deslizava nas linhas, devorava-as com os seus grandes olhos acesos. Como um bicho rápido e voraz. Tinha de seguir toda a extensão do percurso, não podia saltar desta linha para aquela, passar do Cais do Sodré directamente para a Bela Vista, ou voar do Campo Pequeno à Pontinha. Seguia, obedientemente, a linha verde, a vermelha, a azul ou a amarela. Conforme os dias. Ou os turnos. Hoje era a azul.

(Próxima Estação: Jardim Zoológico)

Houve uma noite em que sonhei que descia no Jardim Zoológico e abria as jaulas. Deixava uma girafa no Parque e punha o leão a comer as laranjas, debaixo das Laranjeiras. Embora no sonho o facto de o leão comer laranjas me parecesse absurdo.

Não era só eu que estava preso às linhas. Também as pessoas que corriam nas plataformas estavam presas a determinadas estações, em determinadas linhas. Corriam da estação onde moravam para a estação onde trabalhavam, e vice-versa (e isso era já uma sorte, porque havia quem ainda tivesse, além disso, de apanhar dois autocarros, um comboio suburbano ou o barco para a margem sul.)

(Próxima Estação: Laranjeiras)

Mas era assim: não se podia morar na Baixa-Chiado, se se morava na Pontinha. Cada pessoa tinha o seu lugar, e o seu percurso. Aparentemente podiam entrar e sair onde quisessem, em todas as estações de todas as linhas – mas só aparentemente. A bem dizer, só nos passeios de domingo. Durante a semana as pessoas tinham percursos fixos, a que não podiam escapar.

Por falar em passeios de domingo, eu procurava sempre sítios altos, com amplas vistas. Miradouros, por exemplo. Santa Luzia, Santa Catarina, São Pedro de Alcântara, Castelo. Ou ia de barco atravessar o rio.

Tinha um grande desejo de ar e de luz, o que é compreensível. À força de viver soterrado, debaixo das luzes do néon, iguais de dia e de noite, a superfície ganhava contornos prodigiosos. Pensava em lojas brilhantes, vitrinas enfeitadas, objectos que se ofereciam ao olhar de quem passava; pensava nas ruas debaixo da chuva, nos cafés cheios, no cheiro bom do café

(Próxima Estação: Alto dos Moinhos)

nos cigarros que se acendiam (uma das coisas que mais me custava no trabalho era a proibição de fumar).

As ruas à chuva. Também nos livros de Agatha Christie muitas vezes chovia. Não, eu nunca tinha ido a Inglaterra. Gostaria de ver Londres, mas também gostaria de ver o campo, sempre ouvira gabar o campo inglês.

Agatha Christie também devia gostar do campo, porque a maior parte dos seus livros se passa em pequenas localidades provincianas, onde todas as pessoas se conhecem, têm estas profissões ou aquelas, estes hábitos, defeitos, virtudes e tiques, moram em casas com jardim, têm determinado tipo de cortinas, mobílias de estilo ou móveis antiquados, e muitas vezes chuva nas janelas.

À primeira vista tudo aquilo nos é familiar, porque as personagens são iguais a qualquer pessoa,

(Próxima Estação: Colégio Militar)

parecem-se connosco ou com alguém que conhecemos, e por isso são-nos simpáticas.

Em geral, julgo que não há pobres, ou não propriamente. (Verificar melhor, mas não me lembro de encontrar pobres.) Mas há os ricos, isso sim, e esses vivem cheios de conforto. Em *Roger Ackroyd*, por exemplo, há uma série de criados para umas cinco pessoas. Senão vejamos: a criada Elisa, a cozinheira, a segunda criada, a criada de cozinha, a criada russa, e Parker, o mordomo. Portanto seis, nada menos do que seis criados. Além do secretário. O que se chama viver bem, não pode haver duas opiniões sobre isso.

Mas a seguir verifica-se que este pequeno mundo, ao contrário do que parece, não é acolhedor nem seguro.

(Próxima Estação: Carnide)

As pessoas têm histórias, culpas, terrores, vícios secretos. Todas elas escondem qualquer coisa. A criada de mesa, Ursula Bourne, é a mulher de Ralph Paton, que parece ser o assassino, mas não é. A governanta solteirona, miss Russel, afinal tem um filho, toxicodependente. Flora não é namorada de Ralph Paton, mas do major Hector Blunt. O homem que cultivava abóboras afinal não é um cultivador de abóboras

(Próxima Estação: Pontinha)

é o detective Hercule Poirot.

(Estação terminal. Mais uma vez. E agora o mesmo percurso, em sentido inverso.)

O que me irrita nos policiais (porque a verdade é que também me irritam) é que o autor nunca dá ao leitor todas as cartas, esconde sempre algumas na manga. Nunca consegui descobrir o assassino, mas não posso dizer que a culpa seja minha.

Em *Roger Ackroyd*, por exemplo, o autor diverte-se a gozar o leitor. Finge-se de cúmplice, dá-lhe inclusive um mapa da casa, do

terraço e do jardim, e depois, como se não bastasse, fornece-lhe ainda um segundo mapa, desta vez da sala. O leitor, é claro, faz figura de estúpido e não descobre nada, apesar dos mapas.

Mas o mordomo verifica que uma cadeira está fora do lugar habitual.

(Próxima Estação: Carnide)

Essa será a primeira ponta solta, a partir da qual Poirot começará a tirar as consequências.

No fim ele encena o crime, reconstitui a cena. As personagens são empurradas para uma sala, de onde não podem sair sem que a verdade se esclareça. Entre elas, na sala-ratoeira, está o criminoso. Falta apenas chegar perto e tirar-lhe a máscara.

E então vemos, de rosto descoberto, o homem que matou.

(Próxima Estação: Colégio Militar)

Não é um rosto hediondo, quase sempre nos continua a ser familiar. Como no caso de *Ackroyd*, em que é enorme o efeito de surpresa: ninguém ia nunca pensar que o assassino é o médico simpático, que conta a história, e no entanto, desde o princípio, está a mentir. Sem que ninguém suspeite, evidentemente.

A verdade é reposta e o jogo acaba. Temos a sensação de que se restabeleceu a ordem, das coisas e do mundo. Os inocentes são recompensados e os culpados recebem o castigo.

Um jogo infantil. A vida

(Próxima Estação: Alto dos Moinhos)

não é exactamente assim. Estes livros são muito moralistas, apesar dos cadáveres e dos crimes.

Mas não deixamos de jogar o jogo, só porque o achamos infantil. É um passatempo, mas também os passatempos são terrivelmente

sérios para quem os pratica, isto é, os ociosos e os ricos. Todos gostaríamos de ser ociosos e ricos e de poder gozar os passatempos.

Ler é uma excelente forma de passar o tempo, sempre achei. Na última página fico do lado dos inocentes e felizes. A história acabou e tive a satisfação da curiosidade satisfeita, porque fiquei a saber tudo. Ponto final. Posso passar a outro livro, outra aventura.

(Próxima Estação: Laranjeiras)

Pensei estas coisas e outras, um dia e outro dia, enquanto as estações se sucediam, e o comboio deslizava sobre as linhas.

E assim poderia ter continuado, se de repente não me assaltasse a ideia de que podia trazer um livro, abri-lo no tablier ou sobre os joelhos, e ir lendo, um instante aqui e outro ali, quando o comboio parava. Com o auxílio de uma pequena pilha, se a luz da cabina e da estação não fosse suficiente.

Foi esta ambição que me perdeu. A princípio tudo ia bem, cheguei a ler vários livros deste modo, aproveitando todos os segundos, nas paragens. Mas depois disso não me pareceu suficiente para a minha fome de leitura, e experimentei continuar a ler dentro do túnel, depois de pôr de novo o comboio em marcha. Era perfeitamente possível, verifiquei com surpresa e regozijo, porque grande parte da condução era automatizada.

Nessa altura senti-me no melhor dos mundos e felicitei-me por ser tão inteligente. Conseguia fazer o que mais gostava, dedicar-me a um passatempo nas horas de trabalho, e para cúmulo ainda era pago para isso.

Podia não ter seis criados, como Roger Ackroyd, mas a minha situação não era menos invejável. Com a vantagem de eu não ser candidato a cadáver.

Estava longe de imaginar todavia que podia ser apanhado. Como o assassino. E na verdade pouco faltou para que me considerassem como tal.

O que nunca julguei possível, porque eu tomava todas as precauções para que nada pudesse acontecer e ninguém corresse nenhum risco. Embrenhava-me na leitura, mas não perdia a noção da realidade em volta. Estava perfeitamente atento às estações, à entrada e saída das pessoas, ao momento em que o factor fechava as portas. Controlava tudo, ao milímetro, no espelho.

O que falhou então? Uma coisa mínima, ridícula: A fita magnética descontrolou-se e ficou uma estação atrasada. Anunciava por exemplo “Próxima Estação: Arroios” quando chegávamos aos Anjos, ou “Próxima Estação: Intendente” quando íamos a chegar ao Martim Moniz.

Não dei conta, embrenhado na leitura não ouvia a voz da gravação. Concentrava-me nas linhas, do livro e do comboio, atento à circulação no sentido certo, evitando tudo o que pudesse prejudicar ou atrasar a marcha. Todo eu era olhos, e esqueci os ouvidos, ou eles esqueceram-se de mim e abandonaram-me.

Foi esse pormenor que me perdeu. Os passageiros claro que se aperceberam da dessincronização da fita, mas ninguém se preocupou minimamente com isso. Ninguém foi burro de sair na estação errada, de acreditar que estava no Martim Moniz, se lá fora, na parede, estava escrito Rossio. Ninguém se incomodou – excepto um dos passageiros, que se fixou nesse detalhe e veio até à cabina onde eu estava, para me avisar do descontrolo da fita.

Imagino que abriu a boca, certamente para dizer isso, mas não disse nada, ficou de boca aberta, do lado de lá do vidro, a olhar para mim e para o livro que eu tinha aberto em frente.

Deduzi isso, e também que a seguir foi participar ao chefe da estação, porque fui apanhado em flagrante com o livro, na estação seguinte. Tentei escondê-lo, obviamente, mas não o podia fazer desaparecer. Ali estávamos, portanto, na cabina-ratoeira, eu e o corpo de delito.

Perdi o emprego e, segundo parece, ainda tive sorte de não ter sido julgado por pôr em risco a vida alheia, e ser considerado candidato a homicida. O que, segundo ouvi, só não aconteceu para não dar má imagem da empresa, e a administração do Metro não poder ser acusada de negligência, na escolha e no controle dos funcionários.

De um instante para o outro, fiquei na rua. Desde então, e já lá vão muitos meses, estou à procura de outro emprego, que cada vez parece mais difícil de conseguir, à medida que o tempo passa.

Aparentemente, agora teria muito tempo para ler. No entanto tudo o que leio são anúncios – essa preocupação, e a ida a algumas entrevistas que terminam sempre em exclusões, ocupa-me os dias.

No entanto, mesmo que tivesse muito tempo para mim, não sei se leria como antes. Embora me envergonhe de o dizer, tenho uma saudade imensa de ler na cabina de maquinista. Não porque quisesse pôr em risco a vida de ninguém, mas porque lá dentro tudo se ajustava tão perfeitamente. No comboio e no livro, as linhas eram de certo modo paralelas. Ler também era seguir assim, por um túnel escuro, e chegar, de quando em quando, a uma plataforma iluminada.

in *Histórias de Ver e Andar*. Lisboa: Dom Quixote, 2002

A TORRE DE LUZ

Urbano Tavares Rodrigues

Felícia sorria para todas as pessoas e todas as coisas, para os outros moços e moças da ceifa, para os tordos e taralhões que cantavam nas pernadas das azinheiras, para a brisa da manhã ou para o sol já forte do meio dia, para o esplendor de Junho, para a pobreza da marmitta, onde havia mais migas do que conduto, e até para a severidade do manageiro, que a reprendia com alguma dureza quando ela se descuidava a bichanar com a Gisela, sua amiga de criação e eleição. Quando eu passava por lá, a pé ou a cavalo, na insegurança dos meus dezasseis (ou dezassete) anos e ela nem tanto teria – parava a contemplá-la, o mais discretamente que conseguia, como algum tempo depois havia de olhar, em Florença, aquelas jovens que Botticelli eternizou nos jardins da adolescência.

Felícia correspondia, aliás, com muito *salero*, ao meu cumprimento. Mas a luz mais quente do seu olhar aveludado ia para a Gisela, que ceifava ao seu lado, ambas de saia apanhada entre os joelhos, para poderem curvar-se à vontade, e chapéus de homem sobre o lenço de ramagens que lhes escondia os cabelos bastos.

Cintura fina, peitos altos escondidos nas blusas trapalhonas, ancas que se arredondavam na faina que as trazia dobradas para a terra, suando, caladas ou zumbindo baixo, entre risos.

Chamavam-lhes fressureiras, um nome feio, que não lhes quadra-va, uma prima minha dizia que a Felícia era lésbida, corruptela de lésbica, que feria menos a sua graça natural, quase aérea.

Vi descansar a cabeça morena de Gisela na concha nervosa das suas mãos. Falavam uma com a outra como se se beijassem.

Uma vez em dia de festa, no salão dos Leões, observei-as a dançarem (e mexendo-se bem) com dois rapazes da vila, um deles muito cobiçado, que vendia chita a metro, na loja do Quintos. Mas não se perdiam de vista, os olhos de água e os olhos de febre.

Volvido um ano, quando refloriram as madressilvas e novamente as papoulas endoideceram de vermelho os trigais, fui dar com elas, por puro acaso, numa saleta reservada da Filarmónica dos Leões, onde ambas aprendiam o solfejo nos poucos minutos vagos, abraçadas uma à outra. Pareciam duas gazelas loucas trocando carinhos no paraíso. Num paraíso sem idade nem cor religiosa.

Estava eu alimentando a esperança de que por milagre me chamassem para o meio delas, mas limitaram-se a rir.

– Então, menino Albano, que confianças são essas? Está a tornar-se muito curioso.

Riam, riam, descaradas (ou inocentes) e eu a afastar-me em passo lento, salvando a dignidade.

Vieram tempos de chuva e tempos de seca, a argamassa dos dias foi crescendo como eu crescia e os rostos de pedra dos meus mestres abriram-se amavelmente para me dar passagem em todas as cadeiras. Tornei ao “monte” com a estiagem de Agosto, bichos e pássaros dormindo a sesta como nós. Depois foram os punhos do vento quente a baterem nas nossas vidraças, a abanarem até as árvores de sombra à entrada da horta. Um dia de fogo.

Soube nessa mesma tarde do casamento da Gisela, semi-forçada pelos pais, com o caixeiro promissor.

Constou que Gisela havia prometido à Felícia, atordoada, que nada ia mudar entre elas.

A verdade é que o moço, entornando simpatia à sua volta, não tardou a conseguir uma sociedade em Lisboa, num bom armazém, e nada de voltar a Moura, nem pela feira de Setembro.

Quem tem cu tem medo, dizia a voz do povo.

Eu tentava brincar com a Felícia, para despertar a toutinegra que havia nela, sempre disposta ao canto e ao riso, mas agora, pelo contrário, ela emocionava-se com um nada que ricochetasse no seu desgosto e gaguejava, como uma criança, o que a tornava ainda mais tocante.

Aconteceu, nesses momentos raros de convívio, eu ver passar nos seus olhos azul turquesa (dantes dispostos ao pasmo, à malícia, à alegria) a suspeita de uma lágrima ou o calor da gratidão.

Olhos que ainda me faziam sonhar, embora soubesse que nada mais podia esperar desse encanto que às vezes ela esbanjava com toda a gente.

E um dia, subitamente, à hora do calor mais compacto, dos mosquitos arreliaadores, chega a notícia brutal.

Gisela e o marido já haviam comprado casa, ele continuava em segura ascensão económica, ela ir-se-ia adaptando a essa outra existência. Pois bem, ao darem um passeio dominical pela estrada do Guincho, o automóvel despistou-se, foram contra uma árvore, ele ficou todo desfigurado, mas Gisela continuava bonita, mesmo morta.

Houve outra versão, a das más línguas. Que tinham começado a dar-se mal, às vezes era o diabo à solta no apartamento da Estrela onde moravam, perto do estabelecimento, Gisela jurava que largava tudo e voltava para Moura. Mas o dinheiro não era dela e havia o decoro, as vozes do mundo, o respeito pelos pais e outras coisas a que ela anos antes não ligava e agora já contavam.

Teria sido ele, desesperado, a escolher a morte ou então ela que lhe mexera no volante, desviando o carro da estrada, no auge de uma discussão.

Puseram-se muitas hipóteses. Cada qual mais estranha e perturbante. A família fechou-se em dor e silêncio.

Felícia não chorava, pelo menos em público.

Tornei a vê-la apenas uma vez depois do acidente. Fiquei incapaz de lhe dizer uma só palavra. Apertei-lhe muito as mãos. Ela entendeu e quase sorriu, sabendo como sabia que o seu sorriso me restituía a visão da sua adolescência esfuziante. O meu absoluto encantamento, nesse tempo das mondas e das ceifas, em que eu confundia a epifania do sol com o marejar dos seus desejos.

Houve quem a visse depois, nessa mesma tarde, já ao crepúsculo, entrar na água fresca do rio Ardila.

Avançou olhando não em frente mas para a lua compassiva, que já surgia, imprevista, no firmamento. E assim perdeu pé, escorregou, afundou-se devagar, deixou-se morrer.



Alguém disse que, precisamente nos pegos onde ela se afogou, em certas noites, nascia da água uma torre de luz. Outros confirmavam. A maioria ia verificar o prodígio e não via nada.

Numa noite de breu, antes de se mostrarem as estrelas, fui até lá, menos por causa do fenómeno do que para ali rever, imaginar a Felícia, o seu delírio, a sua beleza patética, nesses últimos momentos.

E quando, sentado num penedo, a ouvir o pio inquietante do mocho e o marulho do rio, muito lento, já pensava em me ir embora,

eis que vejo a torre sair das águas e subir, subir, com nervuras de luz, cartilagens subtis de um branco eléctrico, cristalizações, veios de todo o feitio, ossos fossilizados recuperando o movimento, espirais de luz, gotas de prata, tudo a tremer e a tilintar, um carrilhão de luz, ramos e rumores de luz azul desmaiado, flores de renda e vidro hialino, e sempre mais luz, ou fogo (celeste? satânico?), e a boca desfeita de Felícia, a sua boca fitando-me.

Era uma noite cálida de Agosto. Eu tinha deixado o cavalo roer umas ervinhas e agora perdia-o de vista, suspenso como estava entre a angústia e o fascínio.

Ouvi então a voz de Felícia a dizer-me:

– Menino Albano, não insista. Eu agradeço, mas deixe-me viver em paz a minha morte.

Já não havia sobre a superfície quase lisa e sombria do Ardila quaisquer vestígios da torre de luz.

A lua nova enchia de mistérios o montado fronteiro da Rola, que se desdobrava, muito para além do rio, em filas esburacadas de chaparros e azinheiras. E terra e mais terra mosqueada de sarças que eu conhecia e tufos de piorno, onde os coelhos faziam as luras.

Dentro de mim ressoava fundamentalmente o riso de Felícia.

BIOGRAFIAS

Alexandre Andrade nasceu em Lisboa em 1971 e lecciona Física na Universidade de Lisboa. O seu primeiro livro de ficção, *Benoni*, saiu em 1997. Desde então, publicou o romance *Aqui Vem o Sol*, e duas recolhas de contos, *As Não-Metamorfoses* e *Cinco Contos sobre Fracasso e Sucesso*. É autor do blogue “Umblogsobrekleist” (umblogsobrekleist.blogspot.com)

Catarina Fonseca nasceu em Lisboa em 1969, tem um mestrado em Estudos Anglísticos e é jornalista. Começou por escrever literatura para crianças, tendo recebido importantes distinções como o Prémio Revelação APE de 1987 pelo livro *A Herança*. Iniciou-se na ficção para adultos com *Boi Vermelho* (1994), publicando depois os romances *O Amansador*, *A Guardiã*, *O Conto da Gazela* e *O Clube das Encalhadas* (2006).

Diana Almeida nasceu em Lisboa, em 1972. Deu aulas no ensino superior nas áreas da Língua e Literatura. Obteve em 2000 o grau de mestre na Faculdade de Letras, onde é investigadora do CEAUL (Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa). Encontra-se actualmente a finalizar o doutoramento em Literatura e Cultura Norte-americana, acerca da obra ficcional e fotográfica de Eudora Welty. Publicou poesia e conto em periódicos (*DN Jovem*, *Periférica*, *aguasfurtadas: Revista de Literatura, Música e Artes Visuais*); antologias (*Mutantes*, Portuguese Festival Barcelona 2004) e sítios da internet (*Storm-Magazine*, *O Anzol*). Recebeu em 2002 o 1º Prémio de Poesia no Concurso Lisboa à Letra (Câmara Municipal

de Lisboa). Traduziu diversos autores de língua francesa e inglesa, entre os quais George Sand, Edith Wharton e Dylan Thomas.

Gonçalo M. Tavares nasceu em Angola, em 1970. Ensina Epistemologia na Faculdade de Motricidade Humana de Lisboa. A sua primeira obra foi o volume de poemas *Livro da Dança* (2001), seguido por *Investigações Novalis* (2002), que recebeu o Prémio Revelação de Poesia APE/IPLB em 1999. Dois dos seus livros, *O Homem ou é Tonto ou é Mulher* e *A Colher de Samuel Beckett e Outros Textos* (ambos publicados em 2002) foram produzidos pela companhia teatral Artistas Unidos. *O Senhor Valéry* (2002) foi distinguido com o Prémio Branquinho da Fonseca de Literatura para a Infância e Juventude (2001); desde então, o autor escreveu quatro outras antologias inspiradas pelos artistas evocados no título, incluindo *O Senhor Henri* (2003) e *O Senhor Calvino* (2005). Para mais, M. Tavares publicou três romances: *Um Homem: Klaus Klump* (2003), *A Máquina de Joseph Walser* e *Jerusalém* (ambos editados em 2005); este último foi distinguido com o Prémio “Ler” do Círculo de Leitores (2004) e com o Prémio Literário José Saramago (2005).

Hélia Correia nasceu em Lisboa em 1949, licenciou-se em Literaturas Românicas, foi professora do Ensino Secundário, e dedica-se agora exclusivamente à escrita. Dramaturga e poeta, tornou-se especialmente conhecida pela sua ficção que consiste num cruzamento de géneros. Começou a publicar em 1981 com *O Separar das Águas*. Entre os seus outros títulos contam-se *Montedemo*, *Insânia*, *Lillias Frazer* (Prémio Plen Clube Português de Ficção em 2001) e a sua mais recente narrativa, *Bastardia* (2005). Da obra para teatro desta-

cam-se *Perdição* e *O Rancor*, e, no domínio da poesia, o díptico *A Pequena Morte/Esse Eterno Canto* (em parceria com Jaime Rocha) e *Apodera-te de Mim*. Escreve também para a infância e juventude, tendo iniciado recentemente a série de aventuras de *Mopsos*, um pequeno herói da grande cultura grega. Em inglês, está representada na antologia *Sweet Marmalade, Sour Oranges: Contemporary Portuguese Women's Fiction* (1994).

Jacinto Lucas Pires nasceu no Porto, em 1974, e vive em Lisboa. O seu primeiro livro, *Para Averiguar do Seu Grau de Pureza: Treze Prosas com Janelas* (1997), foi seguido por outras antologias de conto, como *Azul-Turquesa* (1998) e *Abre para Cá* (2000). Após ter frequentado a New York Film Academy, Lucas Pires escreveu os argumentos e realizou duas curtas-metragens – *Cinemaamor* (1999) e *B.D.* (2004). A sua obra dramatúrgica, já produzida por várias companhias de teatro, inclui *Universos e Frigoríficos* (1997), *Arranha-céus* (1999) e *Figurantes e Outras Peças* (2005). O escritor trabalhou também noutros géneros, como a literatura de viagem (*Livro Usado: Uma Viagem ao Japão*, 2001), o romance (*Do Sol*, 2004) e a literatura infantil (*O Homem da Bola de Vidro Cortada ao Meio*, 2004).

João Aguiar nasceu em Lisboa, em 1943. Trabalhou como jornalista para a imprensa, rádio e televisão. O seu primeiro romance, *A Voz dos Deuses* (1984), tornou-se um *bestseller*, e foi seguido por treze outros títulos, incluindo *O Trono do Altíssimo* (1988), *Os Comedores de Pérolas* (1992), *Inês de Portugal* (1997) e *Uma Deusa na Bruma* (2003). Da sua autoria é ainda a colecção *O Bando dos Quatro*, uma série de literatura infanto-juvenil com vários volumes. A antologia *O Canto*

dos Fantasmas, uma paródia moderna do conto fantástico, saiu em 1990. A sua obra foi traduzida em quatro línguas e recebeu em 2004 o Prémio Literário da Casa da Imprensa.

João de Mancelos, nascido em Coimbra em 1968, lecciona disciplinas de literatura e escrita criativa no pólo de Viseu da Universidade Católica. O seu primeiro livro, em 1988, foi um romance de ficção científica, *Veleiros do Tempo Cósmico*, fazendo nova incursão pelo género em *Foi Amanhã*. Apesar de a sua obra publicada ser maioritariamente de poesia – *Entre Ausência e Esquecimento*, *A Oeste deste Céu*, *O Labor das Marés* e *Línguas de Fogo* – tem também contos editados em várias revistas, e ampliou recentemente a sua recolha de contos *As Fadas não Usam Batom* (2ª edição, 2004).

Jorge Vaz de Carvalho tem-se dedicado a diversas áreas culturais. Obteve o mestrado em Literatura Comparada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. No campo da literatura, publicou contos em revistas e ainda o volume de poesia *A Lenta Rendição da Luz* (1992). Para mais, Vaz de Carvalho é também um notável cantor lírico, tendo actuado como barítono e ministrado *master classes* em vários países ao longo das últimas duas décadas. Dirigiu a Orquestra Nacional do Porto de 2000 a Fevereiro de 2006, e é neste momento director do Instituto das Artes.

Luísa Costa Gomes, nascida em Lisboa em 1954, foi professora de Filosofia no Ensino Secundário, dedicando-se actualmente a diversos projectos editoriais e actividades relacionadas com a escrita. Iniciou a carreira literária em 1982 com *13 Contos de Sobressalto*,

e da sua obra de ficção constam três outros livros de contos e quatro romances. A recolha *Contos Outros Vez* foi distinguida com o prémio APE de Ficção em 1997. Como dramaturga, escreveu nove peças de teatro e dois libretos, designadamente para a ópera *White Raven* de Philip Glass e Robert Wilson. Está traduzida em catalão, castelhano, neerlandês e francês. É também cronista e tradutora, e ensina escrita criativa. Em 2000, iniciou a revista em forma de livro *Ficções*, a única revista literária em Portugal dedicada exclusivamente ao conto, com um sítio Web associado: www.ficcoes.net

Onésimo Teotónio Almeida nasceu nos Açores em 1946 e vive nos Estados Unidos desde 1972. Obteve um doutoramento em Filosofia pela Brown University, onde lecciona há trinta anos, tendo dirigido o Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros nos últimos doze anos. Além de inúmeros estudos críticos, publicou diversos livros de crónicas, conto, drama e prosemas. Surgiu recentemente a reedição da antologia de contos *(Sapa)teia Americana*, que será em breve editada no Reino Unido, tendo saído ainda este ano uma nova antologia, *Livro-me do Desassossego*.

Teolinda Gersão nasceu em Coimbra em 1940, foi Professora Catedrática de Literatura Alemã e Comparada na Universidade Nova de Lisboa, e escritora residente na Universidade de Berkeley em 2004. Começou por publicar poemas e contos na década de 1950 e ganhou notoriedade com o romance *O Silêncio*, distinguido com o Prémio de Ficção do Pen Clube Português em 1981. Entre os seus outros livros contam-se os romances *O Cavalo de Sol*, *A Casa da Cabeça do Cavalo* (Prémio de Ficção APE em 1995) e *A Árvore*

das Palavras, o diário ficcionado *Os Guarda-Chuvas Cintilantes*, e as recolhas de contos *Histórias de Ver e Andar* (Grande Prémio de Conto Camilo Castelo Branco em 2002) e *O Mensageiro e Outras Histórias com Anjos*, o seu título mais recente (2003). Alguns dos seus contos foram publicados nos Estados Unidos, nas revistas literárias *The Threepenny Review*, *Beacons*, e *A Journal of Literary Translation*.

Rui Zink, nascido em Lisboa em 1961, é docente do Departamento de Estudos Portugueses da Universidade Nova de Lisboa, e publicou vários livros de ficção: *Hotel Lusitano*, *Apocalipse Nau*, *A Realidade Agora e a Cores*. Foi traduzido para inglês em 2004: *The Boy Who Did Not Like Television*, com ilustrações de Manuel João Ramos. Pioneiro, em Portugal, da escrita interactiva (*Os Surfistas*), é também autor de argumentos de banda desenhada, uma área importante da sua produção académica, nomeadamente com a primeira dissertação de doutoramento em banda desenhada portuguesa contemporânea. O seu romance *Dádiva Divina* foi distinguido pelo Pen Clube Português com o prémio de ficção em 2004. Publicou recentemente a recolha *A Palavra Mágica e Outros Contos* (2005). Foi escritor residente do VCCA (1987) e da Ledig House (2003).

Rute Beirante nasceu em Tomar, em 1967, e vive em Lisboa. Licenciada em Ciências Farmacêuticas, mestre em Biotecnologia e Recursos Naturais Renováveis e licenciada em Línguas e Literaturas Modernas pela Faculdade de Letras, onde é investigadora do CEAUL (Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa). Prepara actualmente a tese de doutoramento em Literatura Norte-americana. É professora do ensino superior desde 2000. Publicou poesia na *VII Antologia*

de Poesia Contemporânea (1990) e é autora do texto e co-produtora do filme *Henrique* (2000) de Jorge de Sá. É autora e tradutora de diversos textos e membro da redacção da revista *Textos e Pretextos*.

Urbano Tavares Rodrigues nasceu em Lisboa em 1923. Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, distinguiu-se como ensaísta, crítico literário e autor de ficção. A sua vasta bibliografia inclui literatura de viagem (*Registos de Outono Quente*, 1976), conto e novela (*Oceano Obliquo*, 1985), romance (*Nunca Diremos Quem Sois*, 2002) e dramaturgia (*As Torres Mile-nárias*, 1971). A sua obra recebeu diversos galardões, tal como o Prémio Fernando Namora 1993 (para o romance *Violeta e a Noite*, 1991) e o Grande Prémio de Conto Camilo Castelo Branco 2003 (pela antologia *A Estação Dourada*, publicada no mesmo ano). A carreira intelectual e criativa de Urbano Tavares Rodrigues foi ainda distinguida pelo Prémio de Consagração de Carreira da Sociedade Portuguesa de Autores (2000) e pelo Grande Prémio Vida Literária APE / CGD (2002).